

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
Área de Estudos Literários e Lingüísticos em Inglês

INGRID ISIS DEL GREGO

PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA NATIVOS DE LÍNGUA
INGLESA: REPRESENTAÇÕES E PROCESSOS IDENTITÁRIOS

Monografia apresentada para a conclusão da
disciplina TGI II- Trabalho de Graduação
Individual II

Orientadora: Profa. Dra. Deusa Maria de Souza
Pinheiro- Passos

Junho/ 2007

Guardar

Antonio Cícero (1996)

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro

Do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,

por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP que, por meio da concessão de uma bolsa de estudos por dois semestres consecutivos, permitiu a realização da presente pesquisa.

À professora doutora Marisa Grigoletto e à professora doutora María Teresa Celada por aceitarem o nosso convite para ler este trabalho, avaliá-lo e oferecer contribuições que nos serão assaz valiosas.

Aos demais professores da graduação, por suas recomendações, leituras e reflexões, que não somente ampliaram minhas visões de mundo, como também me fizeram crescer. Em particular, às professoras Márcia Regina Curado Pereira Mariano e Maria Célia Hernandes- Lima, pelo incentivo à iniciação de uma pesquisa acadêmica.

À Profa. Dra. Deusa Maria de Souza Pinheiro-Passos, sempre pronta a ouvir minhas idéias, a me ajudar a elaborá-las e a me orientar para os melhores caminhos e direções para seguir nesta pesquisa. À querida amiga Deusa, com quem partilhei momentos de descoberta e de alegria, que sempre me apoiou e acreditou em mim. Mais do que o aprendizado acadêmico, tem sido um aprendizado para a vida.

À minha família e, em especial à minha mãe que, compreensiva, procurou, nesses anos de graduação, me apoiar e me ajudar a realizar as atividades para as quais eu não tinha mais tempo- devido à prioridade dada aos livros para ler e aos trabalhos para escrever.

E ao Flavio, amor para a vida, pela força, pelo apoio e pela compreensão. E por me acompanhar em cada passo meu e me mostrar quão feliz a vida pode ser.

SUMÁRIO

Resumo.....	pág. 04
Introdução.....	pág. 06
1. Fundamentação teórica.....	pág. 09
2. Representações imaginárias.....	pág. 17
2.1. Sobre o país e a cidade de origem.....	pág. 17
2.2. Sobre o Brasil e a cidade de São Paulo.....	pág. 20
2.3. Sobre a língua inglesa.....	pág. 24
2.4. Sobre a língua portuguesa.....	pág. 28
3. Estranhamentos e embates nos processos de re-significação identitária.....	pág. 31
3.1. S ₁	pág. 31
3.2. S ₂	pág. 43
3.3. S ₃	pág. 58
Considerações finais.....	pág. 75
Referências bibliográficas.....	pág. 77
Anexos.....	pág. 81
Entrevista com S ₁	pág. 81
Entrevista com S ₂	pág. 93
Entrevista com S ₃	pág. 103

RESUMO

O presente trabalho se desenvolve sob uma perspectiva discursiva (Pêcheux, 1975, Orlandi, 2002) e procura identificar as motivações que mobilizam um nativo de língua inglesa a aprender o português, levando em consideração que esta é uma língua não hegemônica, não promovida pela mídia e que, do ponto de vista do estrangeiro, é de menor penetração mercadológica. Desse modo, tratamos a língua inglesa como língua materna e a língua portuguesa como língua estrangeira. Logo, procuramos, neste estudo, investigar as representações que um nativo de língua inglesa tem do brasileiro, do Brasil e da língua portuguesa falada aqui bem como as imagens que possui de si mesmo, de sua língua materna e de seu país de origem. Ainda, de acordo com a perspectiva que adotamos, vemos que a língua moderna e o contato com a língua do outro (ou seja, a LE) perpassam a construção da identidade do sujeito e, assim, alguns aspectos identitários circunscrevem a relação entre o português e o inglês em determinados contextos.

PALAVRAS- CHAVE: Análise de Discurso, identidade, língua inglesa

ABSTRACT

This paper is developed under a discursive perspective (Pêcheux, 1975, Orlandi, 2002). We aim to identify the motivations able to mobilize an English native speaker to learn the Portuguese language, taking into consideration that such language is neither hegemonic nor media-promoted and, from the foreigner's point of view, it has a smaller market insertion. Thus we shall consider English as the mother tongue and Portuguese the foreign language. Therefore, we attempt to investigate the representations an English native speaker has in relation to Brazil, the Brazilian people, the Portuguese language spoken here as well as the images they hold about themselves, their mother tongue and their own countries.

Nevertheless, according to the theoretical perspective we have adopted, we understand that the modern language and the contact with the language of the other is linked to the construction of the identity of the subject and hence some identity aspects circumscribe the relation between Portuguese and English in certain contexts.

KEYWORDS: Discourse Analysis, identity, English

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do Projeto Integrado de Pesquisa- CNPq intitulado *(Des) construindo subjetividades: formas de representação de si e do outro nos discursos sobre línguas- Materna e Estrangeira* (sob a coordenação da Profa. Dra. Maria José Coracini, Unicamp), e de um de seus sub-projetos, coordenado pela Profa. Dra. Deusa Maria de Souza Pinheiro Passos, *A (não) proficiência em língua estrangeira: o lugar da falta e(m) formas de representação do professor de inglês*.

A partir de meu interesse em estudos sobre Língua Materna e Língua Estrangeira (em específico a língua inglesa, devido a sua difusão cultural e mercadológica no Brasil), passei a notar, entre amigos e alunos de institutos de idiomas, que os fatores que eles nomeavam como mobilizadores para aprenderem o inglês eram, correntemente, uma futura inserção no mercado de trabalho (a partir da imagem que se construiu no nosso país de que o inglês é uma prioridade e exigência neste contexto), a possibilidade de comunicação com estrangeiros (dado o fato de a língua inglesa encontrar-se, entre todas as demais línguas, em primeiro lugar como língua para comunicação entre estrangeiros e nações diversas) e/ou, também, o gosto pela língua em si ou pelo aprendizado de línguas em geral.

Ocorreu-me, então, a idéia de realizar um estudo de Iniciação Científica, no qual pudesse lançar o olhar sobre o fenômeno inverso: procurar identificar elementos que mobilizam um nativo de língua inglesa a aprender o português, levando em consideração que esta é uma língua não hegemônica, não promovida pela mídia e que, do ponto de vista do estrangeiro, é de menor penetração mercadológica.

Somada a este fato, há a questão da língua portuguesa falada no Brasil. Penso que mereceria um estudo acadêmico a observação desta “opção”: a escolha da língua portuguesa do Brasil em oposição ao português de Portugal, cuja inserção relaciona-se ao já constituído e tradicionalmente estabelecido – e imaginariamente prestigiado - centro europeu.

Assim, abordaremos a língua inglesa como língua materna e a língua portuguesa como língua estrangeira. Portanto, de acordo com a perspectiva que adotamos, vemos que a língua moderna e o contato com a língua do outro (ou seja, a LE) perpassam a construção

da identidade do sujeito e, assim, alguns aspectos identitários circunscrevem a relação entre o português e o inglês em determinados contextos.

Logo, procuraremos, neste estudo, investigar os possíveis elementos que o mobilizaram e o fizeram, como sujeito, se engajar na aprendizagem da língua portuguesa como língua estrangeira. Também objetivamos pesquisar as representações que um nativo de língua inglesa tem do brasileiro, do Brasil e da língua portuguesa falada aqui, bem como as imagens que possui de si mesmo, de sua língua materna e de seu país de origem. Assim, procuraremos responder a algumas perguntas, a saber:

- a) Quais são as representações que o sujeito tem acerca do Brasil e da língua portuguesa falada aqui?
- b) Quais são, também, as representações acerca da língua que o constitui (no presente estudo, a língua inglesa), de seu país de origem e do papel/ da função de sua língua no mundo contemporâneo?
- c) Essa mesma representação do sujeito em relação à sua língua materna contribui para constituir a maneira pela qual ele vê a língua estrangeira que aprende?
- d) Como esse processo de aprendizagem do português como língua estrangeira contribui para a configuração da identidade do sujeito?

O presente estudo tem por objetivo realizar uma pesquisa acerca das representações que um nativo de língua inglesa tem de sua língua materna e da língua portuguesa como língua estrangeira e, deste modo, investigar as suas mobilizações para o aprendizado de tal língua bem como os efeitos de sentido provenientes deste diálogo entre línguas e espaços de enunciação. Também, procuramos verificar os possíveis efeitos de sentido que são produzidos no discurso do sujeito (nativo de língua inglesa), em relação à língua estrangeira que aprende formalmente (português), provenientes de uma construção imaginária que ele tem de sua língua e de sua comunidade, assim como da língua e da comunidade estrangeiras.

Destarte, procura-se discutir as representações de língua e de cultura do sujeito-aprendiz e investigar se o modo como esse sujeito apreende a língua do outro pode ter efeitos no processo de aprendizagem da língua estrangeira.

Esperamos, também, que, com tal estudo, possamos contribuir para a compreensão dos professores brasileiros em relação à complexidade do processo de aprendizagem de um

aluno estrangeiro ao aprender a língua portuguesa, ressaltando que a dimensão identitária do mesmo também é um fator relevante neste contexto.

Acerca da metodologia de trabalho, para dar desenvolvimento à pesquisa, realizamos entrevistas orais junto a falantes nativos de língua inglesa presentes em nosso campus universitário, visto estes estarem em processo de aprendizagem formal da língua portuguesa. Tais entrevistas foram realizadas em português, em sua maioria, sendo uma em inglês, respeitando-se a língua escolhida pelo entrevistado, visto que nosso objetivo era a busca das representações acima descritas, e portanto, a língua da entrevista não era um fator relevante. Faz-se necessário, portanto, explicarmos a natureza das entrevistas: estas foram conduzidas na forma semi-estruturada, ou seja, havia perguntas comuns elaboradas a todos os sujeitos da pesquisa, entretanto, como lidamos com sujeitos e suas experiências com as línguas materna e estrangeira e como os países de origem e o país estrangeiro variam, as entrevistas tomavam forma a partir dos relatos dados por cada um deles, ou seja, no momento de contato com o relato, surgiam as percepções do processo, das diferentes categorias, etc. que não foram estabelecidas *a priori*.

Com a coleta do *corpus*, passamos, portanto, ao processo de análise, que se deu com a concomitante leitura de bibliografia específica sobre Análise de Discurso, Semântica Histórica da Enunciação, identidade, representações de língua estrangeira, conceitos básicos de Psicanálise e áreas afins.

Assim, apresentamos a justificativa, os objetivos e os procedimentos metodológicos de nossa pesquisa. Em seguida, dirigimo-nos à fundamentação teórica e, então, à análise, que se dividirá em dois momentos: em um primeiro bloco, analisaremos as representações imaginárias (sobre o Brasil, os Estados Unidos/ a Inglaterra, a LM- inglês e a LE- o português) dos três sujeitos de nossa pesquisa e, dada a recorrência de elementos em comum, o faremos em conjunto. No entanto, ao analisarmos os processos de re-significação identitária, faremos tal procedimento em específico para cada um dos entrevistados, pois ao se tratar de sujeitos, cada processo identitário é único e particular.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente investigação científica se desenvolve sob uma perspectiva discursiva, que se vale das elaborações feitas por Pêcheux (1975) e, no Brasil, por Orlandi (2002) bem como das reflexões da Semântica Histórica da Enunciação (Guimarães, 1995). Os conceitos de discurso, de sujeito, de produção e efeito de sentido, por exemplo, são pilares teóricos de nossa pesquisa. Afirmamos, também, nossa filiação à Psicanálise (sobretudo com relação às concepções de identidade e de inconsciente, de Lacan) e às teorias culturais da Pós-Modernidade (com respeito aos conceitos de identidade cultural e de comunidade imaginária, desenvolvidos por Hall (2001)).

Acerca do conceito de discurso em si, Orlandi (2003) nos explica que as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e, portanto, os efeitos de sentido decorrentes destas relações são variados. Logo, o discurso é definido como efeito de sentido entre interlocutores e compreendemos que os sentidos não são fixos, prontos, e pré-estabelecidos; pelo contrário, são produzidos entre interlocutores e portanto, o discurso é visto como “curso”, movimento de sentidos.

É o discurso o ponto de encontro entre a língua e a ideologia e, para observarmos melhor essa articulação, apresentamos o conceito de formação discursiva: como os sentidos não estão pré-determinados, mas são produzidos numa relação entre sujeitos e sentidos que são constituídos mutuamente, nessa relação, estabelecem-se formações discursivas, que são diferentes regiões do discurso nas quais as diferentes posições dos sujeitos, a representação de tais posições, as suas diferenças ideológicas constituem sentidos variados. Logo, uma expressão lingüística muda seu significado em relação à posição ideológica sustentada por um determinado sujeito; o que equivale a dizer que uma formação discursiva (FD) relaciona-se a uma formação ideológica (FI), na qual as posições ideológicas dos sujeitos se inscrevem. Assim, a língua não é apenas um sistema de formas abstratas, mas também, a materialidade lingüística que articula a história e a ideologia, em suas relações de forças e sentidos.

Assim vista, a linguagem não é transparente, tampouco o sentido é evidente. Segundo Pêcheux (1969, 1988), linguagem, inconsciente e ideologia estão ligados entre si:

a ideologia produz o efeito de evidência e de unidade do enunciado, utilizando-se do já-dito como efeito do natural, do já institucionalizado, da verdade. Ainda, a ideologia e o inconsciente agem “escondendo” deles próprios sua existência e, deste modo, as formações discursivas, através do efeito de transparência do sentido, ocultam sua dependência em relação ao complexo de formações ideológicas.

Destaca-se, portanto, o caráter heterogêneo do discurso: o sentido se faz no e pelo entrecruzamento dos discursos. Segundo Authier-Revuz (2004), é em relação aos outros discursos, no meio que eles formam e com eles, que todo o discurso se constrói, sendo o lugar do outro discurso no próprio discurso. Tal heterogeneidade é distinguível de duas maneiras que, entretanto, não são separáveis: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. A primeira diz respeito às formas lingüisticamente detectáveis no discurso de que um outro discurso está sendo relatado, tais como o discurso indireto, o uso de aspas ou itálico ou uma entonação diferenciada, com o intuito de mostrar que aquele discurso possui um outro estatuto. Já a heterogeneidade constitutiva remete-se ao fato de que uma palavra chega a uma formação discursiva já atravessada por outros sentidos provenientes de outras formações discursivas: é o outro que atravessa e constitui o um.

A esse respeito, é fundamental o conceito de interdiscurso/ memória discursiva: o já-dito que está na base do dizível e que sustenta cada tomada de palavra, trata-se da dimensão vertical da linguagem. É importante verificar que “nossas” palavras não são nossas somente; o que foi/ é dito em outra formação discursiva também significa nas “nossas” palavras. Assim, ainda com Orlandi (2003), todos os dizeres encontram-se na convergência de um eixo da memória discursiva (constituição) e outro da atualidade (formulação), sendo este o movimento de significação. Sob o ponto de vista da Semântica Histórica da Enunciação, é o interdiscurso que promove a historicidade do sentido e a relativa autonomia da língua (Guimarães, 1995).

Em relação ao interdiscurso, também é essencial definirmos o conceito de intradiscurso: este é o fio do discurso, a dimensão horizontal da linguagem, por assim dizer, as formulações produzidas por um sujeito em um determinado tempo e espaço.

Nesse âmbito, vemos que é importante explicar a noção de acontecimento discursivo (Foucault, 1969), visto que acreditamos que ela arremata de maneira clara as

questões acima discutidas: com a noção de acontecimento discursivo, compreende-se o enunciado em sua singularidade de acontecimento e, ainda, leva-se em consideração sua dimensão histórica e o fato de que a sua ocorrência pressupõe articulações com outros enunciados anteriormente produzidos.

Ainda acerca do enunciado, é fundamental citarmos a noção de “condições de produção”, que pode ser vista sob olhares micro e macro. Quando vemos as condições de produção sob um olhar micro, trata-se das circunstâncias específicas do enunciado, ou seja, os sujeitos envolvidos para a sua produção, bem como o tempo e o espaço em que estes estão inseridos. Já sob um olhar macro, vemos o contexto sócio-histórico e ideológico em que o enunciado foi produzido. Entendemos, assim, que o enunciado é apenas o “resultado” de um processo mais amplo - a enunciação-, que toma o contexto imediato bem como o contexto abrangente como constitutivos desta materialidade, que é o enunciado.

Haja vista o que discutimos até o presente momento, destacamos a presença de uma alteridade na interioridade (Chnaiderman, 1998): na fala do sujeito, a seu despeito, há “algum outro tipo de fala” (Fink, 1998), proveniente de um lugar diferente, do inconsciente (segundo Freud) ou, dito de outra maneira, do Outro (para Lacan). É no inconsciente que as “marcas” do discurso ideológico são “sedimentadas” a partir do momento em que o bebê nasce e, então, este é inscrito em uma discursividade, na historicidade do processo discursivo, visto que já há o discurso de outras pessoas para e sobre ele. Tais marcas se acumulam no inconsciente e, à revelia da intenção do sujeito, surgem na linguagem, no discurso. Logo, é deste modo que compreendemos, baseados em Pêcheux (1975), que a relação entre língua(gem) e ideologia perpassa o inconsciente.

Deste modo, é importante compreendermos, então, que a AD concebe o sujeito como constituído na relação com o simbólico e afetado pela História e pela ideologia; ele não é origem tampouco fundamento de seus sentidos. Para aprofundar essa questão, vale aqui adicionar a postulação feita por Pêcheux (1975) acerca dos denominados “esquecimentos”:

- Esquecimento número 2 (enunciativo): da ordem da enunciação, refere-se ao fato de que, quando falamos, fazemos de um certo modo que pensamos ser o único para produzir aquele sentido. De fato, há diversos outros modos para fazê-lo- o que mostra, em primeira instância, que não há relação direta entre

pensamento e coisa e, também, que o modo de dizer significa, ou seja, ele contribui para a constituição dos sentidos;

- Esquecimento número 1 (ideológico): quando falamos, temos a ilusão de que somos a origem de nossas palavras, quando, de fato, elas já são parte de outras formações discursivas e, portanto, seus sentidos já vêm carregados, inscritos na língua e na História.

Assim, vemos que não somente o sujeito se marca no discurso por um mecanismo enunciativo, mas o discurso também se insere no sujeito. O sujeito é materialmente dividido: sujeito de e sujeito à. Em outras palavras, ele é constituído na historicidade do dizer, através da interpelação ideológica (Althusser, 1971), que é um processo de “chamamento”, pelo qual o sujeito é recrutado pela linguagem para ocupar certas posições de sujeito e, portanto, não existe sujeito sem ideologia, assim como também não existe ideologia sem sujeitos. Ainda, essa é uma maneira de associarmos a dimensão psicanalítica, pois, no momento em que é assumida uma determinada posição de sujeito, funda-se o efeito de unidade imaginária no sujeito, que se crê uno (Nasio, 1995). Logo, as identidades adquirem sentido pela linguagem e pelos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, conforme nos aponta Woodward (2000).

É nesse sentido que Foucault, em *Microfísica do Poder* (1979: 34) analisa a dissociação sistemática de nossa identidade, ou seja, mostra o complexo de discontinuidades que nos atravessa:

“Outro uso da história: a dissociação sistemática de nossa identidade. Pois esta identidade, bastante fraca, contudo, que nós tentamos assegurar e reunir sob uma máscara, é apenas uma paródia; o plural a habita; almas inumeráveis nelas disputam os sistemas, se entrecruzam e se dominam uns aos outros.”

O sujeito, assim atravessado por múltiplos discursos, pode assumir diferentes posições, o que nos leva a ver a sua dispersão (Foucault, 1971). Porém, se por um lado, a identidade do sujeito resulta de diversos processos de identificação, por outro lado, como nos explica Orlandi (1993), é o silêncio que trabalhará essas diferenças entre os múltiplos processos de identificação, produzindo o sentimento de unidade e de integração, a que já nos referimos.

Outro aspecto acerca do sujeito é que este é o sujeito da falta, que instaura o desejo que, por sua vez, levará à busca por preenchê-la. Esta se dá, de acordo com a Psicanálise, devido ao fato de que a identidade é formada por identificações com o real ou com o simbólico, que estão exteriores ao sujeito. Em outras palavras, para Hall (1997), nossas subjetividades são formadas em um diálogo contínuo e inconsciente com a internalização do outro que, estando fora de nós, nos completa mas sempre nos falta. Assim, a falta é constitutiva do sujeito, levando-o à busca por completar-se.

É também esta incompletude a condição da linguagem: como os sujeitos estão em constante processo de constituição de suas identidades, também há um trabalho contínuo entre o simbólico e a história, constituindo não somente os sujeitos, mas também os sentidos.

Ainda acerca da identidade, Hall (2001) afirma que a visão cartesiana do sujeito unificado, centrado e racional já foi desconstruída através de uma série de “descentramentos do sujeito”, a saber: o pensamento marxista, a teoria do inconsciente de Freud, o estruturalismo lingüístico de Saussure, a teoria do poder disciplinar de Foucault e os movimentos sociais. Atuando ao longo do tempo, estes descentramentos derrubaram a visão anterior de um sujeito uno e mostraram que as identidades modernas são descentradas, deslocadas, fragmentadas, ou seja, há a perda de um “sentido em si” causada pela fragmentação das noções e paisagens culturais (que nos forneciam localizações como indivíduos sociais) e, como consequência, a noção de um sujeito integrado é enfraquecida. (Podemos relacionar aqui esta visão com a afirmação de Kristeva (1994): se somos estrangeiros em um outro país, é porque já o somos por dentro.)

Ainda em Hall, a chamada “cultura da nação” é em si um discurso já que constrói sentidos e também organiza e exerce “influências” em nossas ações e em nossa visão de nós mesmos. Nesse sentido, a cultura nacional constrói um efeito de unidade para o sujeito e faz com que seus valores sejam re-inscritos em seu discurso; há, portanto, a constituição e o resgate de uma identidade cultural. (É então que procuramos depreender as representações de cultura nacional dos sujeitos de nossa pesquisa, visto que elas são parte de sua identidade.)

Tal identidade deve ser pensada sob dois eixos (Woodward *apud* Hall, 2000): o de “tornar-se” e o de “ser”. Não somente há um processo de construção da identidade do

sujeito em relação à sua cultura, como também há um movimento de recuperação do passado, da “unicidade” da história e da cultura nacionais, que nos formam uma *comunidade imaginada*, uma comunidade de sujeitos que se representam como sendo “nós”.

Sob a mesma ótica, Orlandi (1993: 13) discute o conceito do *mito fundador*, que vem a ser uma referência no imaginário constitutivo dos sujeitos de uma determinada comunidade:

“Não é a cultura ou a história factuais, mas a das lendas, dos mitos, da relação com a linguagem e com os sentidos. É a memória histórica que não se faz pelo recurso à reflexão e às intenções, mas pela ‘filiação’ (não aprendizagem). Aquela na qual, ao significar, nos significamos. Assim, nesta perspectiva, são outros os sentidos do histórico, do cultural, do social. Mas que assim mesmo nos constroem um imaginário social que nos permite fazer parte de um país, de um Estado, de uma história e de uma formação social determinada.”

Atentemos para a menção feita por Orlandi a respeito da “memória histórica”: o mito fundador combina lendas, mitos e representações, que estão relacionados à memória discursiva. É um processo simbólico, o qual não é a razão que domina, mas sim, um campo onde o inconsciente e a ideologia significam. Este movimento de resgate do passado que é projetado no presente produz um efeito de que o novo está fixado profundamente em uma memória permanente, e que isto é familiar, evidente, e só pode ser desta maneira. Por conseguinte, a identidade nacional se torna uma representação cultural e, da ordem do simbólico, a nação é uma comunidade imaginada (Hall, 2001), produz sentidos e faz com que seus cidadãos participem da idéia de nação tal como ela é representada em sua cultura nacional.

A partir do exposto até o momento, compreendemos que o contato com a língua estrangeira (LE) é um fenômeno complexo, que abrange várias dimensões: o âmbito lingüístico, a complexidade do sujeito e de sua identidade e suas representações de língua (seja de sua língua materna, seja da língua do outro) e de nação (de maneira análoga, a sua e a da LE). Como enfatiza Grigoletto (2003), todo aluno aprendiz de LE constrói representações sobre a língua em questão e tais representações deixam entrever aspectos da identidade dos sujeitos e de suas identificações.

Já em relação ao desejo por aprender línguas estrangeiras, este desejo do outro, exterior a si, é o desejo do gozo do outro. Prasse (1997) explica que o outro imaginário exprime-se em uma língua diferente e parece não falar como nós e, portanto, talvez goze melhor. Isto também explica a razão pela qual há pessoas que passam toda a vida aprendendo diversas línguas: assim que o sujeito já se sente capaz de se enunciar na LE, também sente que isto parece com o que ele já conhecia e se instaura novamente o desejo do outro. No mesmo artigo, Prasse delinea com mais precisão esse desejo por se exprimir em uma língua estrangeira:

“O desejo de aprender uma língua estrangeira (é claro, não falo da necessidade constituída por circunstâncias exteriores, como a emigração, por exemplo) pode ser um desejo de ter escolha, de poder escolher a lei, as regras e muitas vezes o mestre de nosso gozo. É o desejo de ser livre para escolher uma ordem na qual ‘se exprimir’, de impor-se uma ordem por ato voluntário, aprender, enfim, como se deve falar corretamente e gozar com isso.”

De fato, nossa dimensão lingüística é complexa, pois, como Revuz (1998) explicita, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional. Por tal razão, toda e qualquer tentativa de aprender uma outra língua vem modificar o que já nos está inscrito com as palavras da nossa primeira língua; e, no momento de contato com a LE, o aprendiz já traz consigo uma longa história com sua própria língua.

Assim, uma série de enfrentamentos entre a língua materna e a língua estrangeira podem vir a ocorrer, que denotam uma possível desestabilização e possíveis deslocamentos causados pela LE, visto que esta não é um sistema vazio de sentido. Conforme Coracini (2003), a LE traz a sua carga ideológica que entra em conflito com a carga ideológica da língua materna, o que é explicitado pela diferença na configuração das cores, dos objetos, dos sistemas verbais, por exemplo. Ainda em relação a estes deslocamentos, Kristeva (1994: 24) afirma:

“Nada a dizer, nada é para ser dito, nada é dizível. No início foi uma *guerra fria com o novo idioma, desejado e rejeitado*: depois a nova língua lhe cobriu com a calma das águas estagnadas.” (grifo nosso)

Logo, para concluirmos nosso quadro de pressupostos teóricos, trazemos uma citação de Coracini- da obra já acima citada-, que esclarece que, diante de toda essa

complexidade do processo de aprendizagem de uma LE, inscrever-se numa língua estrangeira é re-significar-se e, ainda mais, re-significar-se nas condições de produção da outra língua:

“A questão é compreender que a inscrição do sujeito numa língua estrangeira será portadora de novas vozes, novos questionamentos, alterando, inevitavelmente, a constituição da subjetividade, modificando o sujeito, trazendo-lhe novas identificações, sem que, evidentemente, ocorra o apagamento da discursividade da língua materna que o constitui.” (2003: 153)

Constituído o quadro de pressupostos teóricos norteadores de nossa pesquisa, passamos à análise do *corpus*.

2. REPRESENTAÇÕES IMAGINÁRIAS

Nesta seção, apresentamos uma análise acerca das representações imaginárias que os sujeitos de nossa pesquisa têm em relação ao seu país (Estados Unidos/ Inglaterra) e língua materna (inglês) bem como do Brasil e da língua falada aqui.

Com efeito, vemos que é interessante agruparmos esses elementos a fim de verificar recorrências e divergências gerais entre as imagens dos sujeitos e, também, as vinculações entre suas representações e os sujeitos em particular serão tratadas na próxima seção deste estudo.

Logo, apresentamos inicialmente as representações imaginárias sobre os países e cidades de origem dos sujeitos (2.1), seguidas pelas imagens acerca do Brasil e da cidade de São Paulo (2.2), procurando investigar, também, se há relações entre as mesmas. Um procedimento análogo é realizado após, acerca das representações sobre a língua inglesa (2.3) e a língua portuguesa (2.4).

2.1. Sobre o país e a cidade de origem

Procuramos, aqui, apresentar uma discussão acerca das representações imaginárias dos sujeitos em relação ao seu espaço enunciativo de origem. Para iniciarmos, é fundamental esclarecer que os sujeitos de nossa pesquisa enunciam a respeito de espaços de origem distintos: S_1 e S_2 dos Estados Unidos e S_3 da Inglaterra. Suas formulações a respeito de seus países não são tão numerosas quanto sobre suas cidades, como veremos a seguir.

S_2 , em nossa entrevista, não enuncia quaisquer representações sobre os Estados Unidos. Já dos dizeres de S_1 podemos depreender uma imagem dos Estados Unidos como um país de corporações, onde independentemente do lugar em que se está, elas estão presentes:

1. “(...) a cidade é bem pequena, é- é simples, **tem Mc Donald’s, tem Wal Mart, como todas as cidades nos Estados Unidos**, não é isso? (...)”(anexos, p. 82)

S_3 , por sua vez, também enuncia uma imagem dos Estados Unidos, não de um país de corporações, mas de um país rico. Tal imagem é associada, igualmente, à Inglaterra:

2. “ (...) **Estados Unidos é um país muito rico/ Inglaterra também/** mas estes países, né, são nações, é isso?/ são ricos e **todo mundo precisa falar com eles,** se comunicar com eles pra algum, um... motivo, né?/ se você quiser- **se você quiser viajar, trabalhar, é melhor ter a língua inglesa,** não é? (...)”(anexos, p.113)

Vale notar que, no imaginário de S_3 , os Estados Unidos e a Inglaterra possuem um estatuto diferenciado em meio aos outros países, sendo “nações”, devido à sua importância global, que faz dos demais países (“todo mundo”) necessitarem de contato com eles- seja na posição de turista, seja a trabalho. Vemos aqui que a formação desses países como “nações” relaciona-se a outra representação, a do poderio global da língua inglesa. É na função desta que, para S_3 , essas “nações” se constituem como uma espécie de “centro”, ao qual os outros países se dirigem.

A respeito de suas cidades, as representações dos sujeitos são variadas. Estas nos são importantes, pois é em relação a essa imagem do um que eles constroem a imagem do outro (com a qual lidaremos no próximo sub-item).

S_1 , natural de Willmington, vê sua cidade como uma cidade pequena, “simpática” e, dada a sua constituição identitária nesse espaço, há uma certa construção afetiva com ele, pois ele a nomeia “comunidade” e dá importância às suas raízes pessoais ali, lembrando a constituição familiar nesse espaço:

3. “(...) mas eu foi pra cidade com um ano e meio é, é **a cidade que... onde a minha mãe nasceu, os meus avôs maternos** é... até hoje moram nessa cidade... ahn, a cidade tinha uma escola, ahn, mas era uma **comunidade** com muitas crianças (...)”(anexos, pp. 81-82)
4. “(...) a cidade em si era, é, **a cidade é bem pequena,** é- é **simples,** (...) é... uma cidade **simpática** (...)”(anexos, p. 82)

Por outro lado, S_2 , nascido em Nova Iorque, possui a imagem da “cidade grande” e a relaciona com São Paulo, enunciando ao mesmo tempo uma imagem desta e daquela:

5. “(...) **São Paulo is very similar to New York** in fact/ there’s a lot of similarities: **the way people live, the way people look,** ah, I- I could be in New York (...)”(anexos, p. 97)

6. “(...) **São Paulo I find it very similar to New York** because there’s **a lot of different things going on, a lot of cultures mixed in together** (...)”(anexos, p. 99)

Há, portanto, para ele, uma imagem de semelhança entre as duas cidades, seja em relação à aparência física das pessoas, seja a respeito de seu modo de vida (no qual há várias coisas diferentes acontecendo simultaneamente). Também, em seu imaginário, devido ao fato de ambas serem “cidades grandes”, é comum a coexistência de muitas culturas no mesmo espaço, que, embora misturadas e plurais, caracterizam estas cidades como únicas.

É também em relação à cultura a imagem que S_3 possui de Birmingham, sua cidade, vista como uma cidade muito legal, rápida, que está renovada e possui diversas expressões artísticas, e assim como S_2 vê sua cidade, S_3 vê Birmingham como um espaço particular onde culturas diversas estão presentes:

7. “(...) ah, **é uma cidade muito legal** porque já foi, agora- só agora foi **renovada** entendeu?/ então é muito... **muito conhecida só agora na Inglaterra e na Europa inteira**/ então muita gente tá vindo pra- pra- pra lá, né, pra fazer shopping e... **cultura** né? (...)”(anexos, p. 103)
8. “(...) **minha cidade é muito rápido**, muita gente tá lá né porque **é a segunda maior cidade da Inglaterra** (...)”(anexos, p. 103)
9. “hum... ah, **tem outras culturas** né porque tem muitas ahn, indianos, muitos indianos que moram lá também/ então tem muitos restaurantes indianos e também tem um Chinatown, tem.../ e... **o que mais de cultura?/ ah... uma grande cultura de cinema também de mo- de- de ci- de cinema independentes e a música, muitos shows de bandas novas na Inglaterra, inglesas** né?” (anexos, p. 104)

Logo, vemos que cada sujeito representa seu espaço de origem à sua maneira, pois, não somente as cidades são distintas, mas também suas experiências nesses espaços são singulares. É importante assinalar, contudo, que tais imagens são essenciais para a constituição identitária do sujeito, pois são com essas propriedades/ caracterizações de cada cidade/ país que cada sujeito se relaciona e se vê como parte integrante daquele espaço, que é o “seu” espaço no mundo. São estas as imagens de “nação” (voltadas a uma crença na identidade nacional) e de cidade que constituem o sujeito.

Por fim, sendo estas imagens constitutivas da identidade do sujeito a respeito de seu espaço de origem, diante do contato com o outro, elas não foram alteradas em nenhum dos sujeitos de nossa pesquisa: S₂ mantém essa imagem e a relaciona a um dos espaços do outro a que se dirige - São Paulo; S₃ também conserva essa imagem, e seu contato com o outro é motivado por ela e é a essa representação que S₃ pretende retornar. S₁, mesmo diante da re-significação dos valores que considerava importantes em seu espaço de origem e não mais no espaço do outro, continua a ver sua cidade como a cidade pequena, de sua história familiar e os Estados Unidos como o país do capitalismo.¹ O um, com efeito, constitui o sujeito.

2.2. Sobre o Brasil e a cidade de São Paulo

No domínio do espaço do outro, as imagens são múltiplas e, não obstante, após o contato efetivo com ele, são re-significadas. Assim, começamos pelas representações dos sujeitos sobre o Brasil antes de virem para cá (em S₃, no primeiro momento em que chega aqui, visto que nada enuncia sobre suas imagens antes de vir para cá) e o que observamos já é uma primeira ponto em comum: os três sujeitos de nossa pesquisa dirigiram-se ao Brasil sem formulações específicas e bem delineadas acerca do espaço com o qual travariam contato. Pensamos haver uma busca pelo outro, pela alteridade, sem contornos expressamente definidos:

10. “but I’ve always liked Brazil, **just the idea of Brazil/ I didn’t know very much about Brazil**” (S₂) (anexos, p. 97)
11. “(...) é- é, mas, do Brasil, eu não, eu acho que **eu vim aqui com a minha cabeça aberta** de- de descobrir mesmo e não- de não- **de não ter opinião antes**” (S₁) (anexos, p. 86)
12. “(...)eu acho que **eu tava com mais um- uma cabeça mais aberta/** porque eu não- eu não lembro de- de, ah, **de perceber nada** muito (...)”(S₃) (anexos, p.106)

¹ Uma discussão mais aprofundada acerca da relação entre essas representações e os processos identitários de cada sujeito encontra-se na terceira seção deste trabalho.

No entanto, estas formulações vagas sobre o Brasil não são apenas amostras de enunciados nos quais se vê um outro sem contornos definidos; indo além, com uma investigação mais atenta dos dizeres dos sujeitos, entrevemos um outro ao qual o sujeito não atribuiu uma forma específica, visto que a forma/ a imagem que possui é a do estereótipo:

13. “I think I had a typical image of Brazil (...) with **the typical world image of Brazil of sunshine, beach, and Carnival, and dark skin** and things like this (...)” (S₂) (anexos, p. 96)
14. “olha, eu não lembro, é... eu- eu lembro que eu vim aqui com- com, é, sem muito opinião, né, o que as- as, é, é, eu- eu, na verdade eu só, eu só lembro quando eu era criança, na verdade eu jogava **futebol** quase a minha vida inteira/ e eu jogava, eu- **eu adorava assistir os- os- os jogos do- do Brasil** (...)” (S₁) (anexos, p. 85)
15. “(...) eu não- eu não lembro de- de, ah, de perceber nada muito, só que ‘**ah, que calor**’ (...)” (S₃) (anexos, p.106)
16. “ (...) tipo, nos outros países, o povo acha ‘**ah, Brasil, ah você pode ficar devagar**’ (...)”(S₃) (anexos, p.112)

Logo, vemos aqui ecos de um discurso corrente sobre o Brasil como o país do futebol, do calor, das praias, da “vida boa” e do Carnaval; representações estereotípicas de nosso país que, como todo estereótipo, não abarcam toda a complexidade do fenômeno a que se referem.

Já São Paulo relaciona-se à imagem da “cidade grande”, que, parece-nos, abrange um espaço de trabalho intenso, de velocidade, de modernidade, de crime, comparável a outras metrópoles, como Nova Iorque, por exemplo:

17. “(...) mas eu também fiz [nos Estados Unidos] uns **estudos culturais sobre o Brasil de ver, é, sobre, é, as cidades maiores**, e falar sobre o **Rio de Janeiro e, São Paulo e, Manaus**, basicamente isso, né? é, mas eu, não, quando eu vim aqui em 98, é, bom eu, lógico que eu pesquisei a, o pra ver como é que era São Paulo, **eu sa-sabia que São Paulo era cidade grande** (...)”(S₁) (anexos, pp. 85-86)

18. “ah..., acho que foi **uma vida muita- muita corrida** (...) [quando chegou aqui]” (S₃) (anexos, p. 110)
19. “(...) então eu estava com mais **medo de- de São Paulo, né, de crime** (...)”(S₃) (anexos, p. 111)
20. “(...) São Paulo is very similar to New York in fact/ **there’s a lot of similarities: the way people live, the way people look**, ah, I- I could be in New York” (S₂) (anexos, p. 96)

Diante da efetivação do contato com o outro e das experiências de cada sujeito neste contexto, essas representações de São Paulo como a “cidade grande” são imbuídas de novos contornos: para S₁, a cidade grande é também “bagunçada”; para S₃, a vida em São Paulo é corrida - e “estressada”-, mas o crime já não é tão evidente e a cidade é “tranqüila” e, sobretudo, uma cidade de “cultura”; e, para S₂, o ritmo de vida aqui não é tão estressante quanto em Nova Iorque e, apesar das semelhanças entre essas cidades, a situação de pobreza, por exemplo, possui razões diferentes em cada espaço:

21. “bom, é, agora eu sei que **é uma bagunça mesmo** [risos] é, não, é uma, é, eu- eu- eu gosto muito desse país, não gosto dessa cidade (...)”(S₁) (anexos, p. 86)
22. “(...) **a vida em São Paulo é mais, muito**, ou mais **estressado**, entendeu? (...)”(S₃) (anexos, p. 97)
23. “(...) mas então eu tava com medo e pô, hum, não estava muito tranqüilo é, quando eu- eu cheguei, mas **agora, tá ótimo, ahn, mais tranqüilo, eu não percebo nada, nada** (...)”(S₃) (anexos, p. 111)
24. “(...) **cultura, nossa, São Paulo é muito bom por isso, né?**/ tem, ahn, festivais de cinema, música, ar-, ahn, arte, né, museus de arte, exi-, ahn, como é que é?, exposit- (...) exposit- exposições em muitos os lugares, ahn, **alguma coisa tá acontecendo sempre, né?** (...)”(S₃) (anexos, p. 112)
25. “(...) it’s funny because people say that in São Paulo people are very stressed, but for me people are very relaxed in here, because **I’m used to New York, where I think people are much more stressed**” (S₂) (anexos, p. 97)
26. “(...) I say there’s a lot of similarities in these cities, this is ahn.../ but São Paulo is very unique because it’s completely divided, you have different worlds in São Paulo/ you have the business world, you have people living on the street, you have ahn-ahn, I mean **we don’t really have this in New York/ we have people living on the street but it’s not – it’s not the same situation, they’re not like born into it ahn/ it’s more of a problem of alcohol and**

**drugs usually but/ this idea of being very, very poor is something that was-
was very different (...)**(S₂) (anexos, p. 98)

Em S₂, exclusivamente, a comparação inicial entre as cidades era bastante forte, capaz de fazê-lo se sentir como em seu espaço de origem (e isto é um efeito): “I- I could be in New York”. Entretanto, suas experiências neste contato com o espaço do outro mantêm as similaridades entre as cidades, mas que já não são tão intensas, pois ele consegue observar situações distintas, de origens diversas, tais como a pobreza. Quanto aos demais, como já pudemos verificar, eles também conferem novos sentidos à cidade de São Paulo, devido aos efeitos causados neles neste espaço.

O mesmo se dá em relação ao Brasil, cuja imagem inicial estereotípica que os sujeitos possuíam sofre um distanciamento/ deslocamento, dando lugar a representações sobre o brasileiro, seu ritmo de vida e os valores estimados aqui:

27. “agora **eu acho que... acho que os brasileiros são trabalhadores... demais** (...) trabalhar e depois na noite vão estudar, faculdade (...)/ então, isso não acontece muito na Inglaterra/ então acho que é... **não é essa vida tão tranqüila que todo mundo fala, né?/ tipo, nos outros países, o povo acha ‘ah, Brasil, ah você pode ficar devagar’**, (...) a vida, então, é, assim e... que mais, eu gosto muito das pessoas aqui/ ahn, gosto da Brasil gosto de viajar, tem praias e lugares lindos/ tem praias também, né? (...)” (S₃) (anexos, p. 112)

Vale notar que S₃ possuía uma imagem inicial muito vaga sobre o Brasil (do “calor”). Parece-nos que é após conhecer o país que passa a reconhecer a existência das praias (“tem praias também, né?”) e não como uma característica estereotipada do país. Também é interessante assinalar a re-significação da imagem do brasileiro, não como aquele que “fica devagar”, ou seja, que está sempre sossegado e descansando, mas como “trabalhador” demais.

Já S₂ visualiza esse ritmo de vida como menos estressante que aquele de seu espaço de origem e identifica-se com ele, sentindo que aqui o modo de viver é mais adequado à sua personalidade. Também há uma identificação com o povo brasileiro, representado como pessoas abertas, honestas e que gostam de se divertir (e, talvez, esta última imagem esteja ainda relacionada àquela do Brasil como Carnaval - e, portanto, festa- que, mesmo distanciada, está presente):

28. “ (...) **I think the way of life here is much more suitable to my personality/** it’s funny because people say that in São Paulo people are very stressed, but for me people are very relaxed in here, because I’m used to New York, where I think people are much more stressed (...)”(anexos, p. 97)
29. “**I think the thing I like most about Brazil is the people/** I think the people are very much the way I am/ **they’re open, honest, they like to have fun** (..)”(anexos, p. 98)

Uma identificação de outra natureza ocorre em S₁, para quem o Brasil não é mais o futebol, como havíamos visto, mas um conjunto de prioridades que lhe são mais significativas que aquelas de seu próprio país:

30. “imagem do Brasil... não, **eu gosto do Brasil/** eu acho que, é- é, o Brasil, pra mim, eu- eu- **eu me fico melhor aqui no Brasil do que nos Estados Unidos/ é, não sei se é o ritmo do Brasil é,** parece pra mim, às vezes, um pouco diferente/ **é, as prioridades, é, também, são- são diferentes/ não sei, eu acho que eu me encaixo melhor aqui é, do que nos Estados Unidos/** eu, é, eu- eu quando eu morava nos Estados Unidos, eu- eu preocupava mais com as coisas banais, em ter um carro maior, é, de fazer compras, de ter roupa, roupa mais chique e **aqui eu acho que eu aprendi muito mais sobre mim é, que eu não- não gosto dessas coisa, eu não preciso, pra mim não é importante** o tamanho do meu carro ou as roupas que as pessoas tão usando, **é, eu aprendi muito mais aqui, então por isso eu acho que eu tô me encaixando melhor aqui”** (anexos, p. 88)

Desta maneira, vemos que há a re-significação deste espaço do outro, que não é mais somente uma alteridade com contornos opacos, que “escondiam” um conjunto de estereótipos em relação ao país. Confere-se, após o contato com ele, contornos mais específicos, plurais e que sugerem um efeito de satisfação e identificação com o espaço do outro por parte dos sujeitos de nossa pesquisa.

2.3. Sobre a língua inglesa

Neste sub-item, procuramos verificar as imagens que os sujeitos possuem acerca de sua língua materna, o inglês. Gostaríamos de investigar se o discurso corrente, entre os brasileiros, de que o inglês é a “língua do mundo”, fundamental para negócios e viagens, por exemplo, ecoa no discurso dos nativos de língua inglesa. Entre o sujeitos de nossa pesquisa, comprovamos que isto, de fato, se dá; porém, é essencial observarmos a maneira com que eles lidam com esse aspecto, visto que S₂ e S₃ vêem tal discurso como algo

material, que faz parte da realidade, do qual eles não conseguem escapar e, que de uma certa maneira, é por eles valorizado; ao passo que S₁ também reconhece esse discurso globalizante acerca da língua inglesa, mas discute sua validade e, assim, se para S₂ e S₃ o papel da língua inglesa no mundo contemporâneo é muito importante, para S₁, ele é relativo.

Vejamos como isto se configura nos dizeres de S₂:

31. “ah, I-I kinda knew, I- I kinda suspected it was gonna be like that because, **with globalization, everyone was talking about ‘I have to learn English now’**, even in France, and this was a country that’s typically against English and now they’re really trying to learn English, and it’s like São Paulo, everyone wants to learn English/ **it’s hard for me to speak Portuguese sometimes here because as soon as I meet someone, they want to practice their English with an American**” (anexos, p. 95)

Há, aqui, uma representação do inglês como língua central e necessária para o mundo atual, o mundo da globalização e, em função disso, os nativos de língua inglesa também se tornam uma espécie de centro, e são valorizados em qualquer lugar a que eles forem, pois as pessoas procuram falar com eles em inglês para praticar sua habilidade na língua. Por consequência- e como veremos adiante-, isso os leva à não-motivação para a aprendizagem de línguas estrangeiras.

Essa representação globalizante do inglês também está presente no imaginário de S₃, que acredita ser uma língua imperativa para todos, para se comunicar com países ricos (tais com os Estados Unidos e a Inglaterra, como afirma) e também para viajar e trabalhar, por exemplo:

32. “ah... nossa, **as pessoas dizem, né, que inglês tem que ser a língua do mundo/ mas eu não sei, acho que é muito importante só porque Estados Unidos é um país muito rico/ Inglaterra também/** mas estes países, né, são nações, é isso?/ são ricos **e todo mundo precisa falar com eles**, se comunicar com eles pra algum, um... motivo, né?/ se você quiser- **se você quiser viajar, trabalhar, é melhor ter a língua inglesa**, não é? (...)”(anexos, p. 113)

Ainda que em seus dizeres, S₃ hesite sobre a força do inglês no mundo contemporâneo (“inglês tem que ser a língua do mundo, mas eu não sei”), acreditamos que, em seu imaginário, não haja tal hesitação, pois suas formulações seguintes sobre os vários contextos nos quais se precisa falar inglês com as nações ditas “ricas” parecem sugerir que

suas representações estão de acordo com a imagem, enunciada por S₃, de inglês como a “língua do mundo”.

Como já havíamos começado a apontar, vemos que esta imagem globalizante do inglês relaciona-se, também, a uma não-motivação, por parte de alguns falantes de língua inglesa, para o aprendizado de línguas estrangeiras, pois, se, por um lado, aonde quer que eles forem, eles podem se comunicar por meio do inglês, por ser este uma espécie de “língua franca”, por outro, por serem nativos de inglês, o contato com eles é valorizado e se fecha um ciclo no qual a língua inglesa se constitui como a língua de comunicação em vários países:

33. “ (...) **ah, acho que é muito importante, é inglês/ mas, pra- pra nós, falantes de inglês, né?, acho que é... é... é difi - é difícil porque, é difícil aprender outra língua porque todo mundo já fala inglês, né?, e pessoas acham talvez, ingleses, ah, ingleses, americanos não querem falar outra língua, blá-blá-blá, mas que língua eles vão a- vão aprender?/** tem tantas línguas, né? português, espanhol, alemã, né?/ o que eles vão aprender e... e... como eu falei, a gente não aprende nossa língua própria, tipo, gramática e em detalhado, né?/ então é mais difícil pra aprender outras línguas e não tem, **muitas pessoas não têm vontade porque, como eu falei, todo mundo já fala inglês, né?**” (S₃) (anexos, p. 114)
34. “ (...) **during my travels that you could pretty much always get by without knowing any other language except English and I find this to be a little sad and I also found that it- it hurt my ahn- ambition to learn other languages** ‘cause in fact I lived in many countries but I only learned French because I stayed for a long time/ I don’t speak any Hebrew I lived in Israel for one year/ I don’t speak Danish I lived there for one year/ in Austria I don’t speak German/ **so, in a way it’s sad and I think it makes English speakers a little lazy too**” (S₂) (anexos, p. 99)

Para S₂, embora essa dinâmica da língua inglesa tenha sido assimilada por ele (cuja “ambição” para aprender línguas estrangeiras tinha sido “ferida”), ele vê o fenômeno como, “de uma certa maneira, triste”. S₃ possui uma resposta parecida a essa dinâmica, pois, embora a compreenda, como sujeito, possui o desejo de aprender a língua do outro, estando no espaço do outro, e acredita ser uma atitude “ignorante” não fazê-lo:

35. “ (...) porque como você não pode aprender quando está ouvindo todo- sempre mas é, **acho que é preguiçoso talvez/ mas de novo, como eu falei, e se todo mundo já fala, por quê, né?/** então, **eu entendo mas, pra mim, eu não gosto porque eu sinto...** ah, qual é a palavra?, **ignorante**, eu sinto assim (...)” (anexos, p. 114)

Já a imagem de S₁ em relação à língua inglesa diverge, de certo modo, das anteriores, pois, ele assume a representação existente do inglês como “língua do mundo”, embora a conteste:

36. “ah não sei, essa é uma questão tão, tão complicado, né? é... bom/ é... não sei se é infelizmente ou felizmente, é- é... **a gente tem uma língua que... é... que é mais forte no mundo de, é... de... desse processo de globali- globalização/ é... bom, a língua inglesa eu acho que não é nada especial, é, não é nada, não é melhor do que as outras línguas, não é mais perfeita, não é/ é só uma questão do que os países onde se fala o inglês é... têm mais poder econômico e... é, não sei... e até em classe social, até de aquisição de bens, têm mais poder nessa área/ então, pra mim, a língua é minha língua, eu falo essa língua desde pequeno eu, às vezes, eu- eu me encontro fazendo julgamentos sobre o processo de, é, de globalização, de usar essa língua no mundo inteiro e até em forçar alguns, é, as culturas locais em usar essa língua, eu tenho uma visão muito crítica dessa, dessa prática, é... e eu tento, como professor, eu tento não forçar essa, é... é, essa idéia de, dos Estados Unidos é o melhor, a gente manda em tudo, tem que aprender o inglês ou você não vai é, conseguir um emprego melhor/ eu- eu, eu não gosto de fazer isso/ é, porque tem, eu acho que tem possibilidades/ eu acho que qualquer língua ajuda na comunicação de outras pessoas, é, seja inglês, espanhol, francês/ eu acho que, aprendi- aprendizagem de línguas, é, eu, eu acho fantástico, mas eu não dou preferência pra inglês” (anexos, p.83)**

Vemos, nos dizeres de S₁, a dispersão de alguns discursos sobre a língua inglesa, a saber: o inglês como a língua da globalização, necessária para um emprego melhor, uma língua “melhor”, proveniente dos Estados Unidos que é “melhor” e que “manda em tudo”. Ele reconhece que ela é uma língua relacionada ao poder econômico dos países onde ela é falada, mas possui uma posição crítica a tudo isso: questiona o seu uso por todo o mundo e, também, as práticas de imposição do inglês em certas comunidades locais; acredita em possibilidades de comunicação por meio de outras línguas aquém do inglês e, na posição de professor, procura não reforçar as representações anteriores sobre a língua inglesa.

Assim, suas imagens vão além de ecos da representação de inglês, “língua do mundo”, que, como pudemos verificar, não fazem parte de discurso de não-nativos apenas, podendo, da mesma maneira, serem significativas para nativos de língua inglesa, que se constituem, também, por estas imagens.

2.4. Sobre a língua portuguesa

É importante destacar, aqui, que, em primeira instância, antes mesmo de ser a língua portuguesa, trata-se, para o sujeitos de nossa pesquisa, da língua estrangeira. Dado o fato de que a língua materna lhes constitui, sendo parte das bases fundadoras da identidade de cada um dos sujeitos, uma representação presente nos três é a da facilidade do inglês perante a LE, que se constitui como o domínio do difícil, dos estranhamentos e embates²:

37. “ (...) é, isso me pegou muito/ tem muitos tempos verbais, tem muitos conjugações dos verbos, que pra mim foi- foi muito complicado/ é, não, porque **inglês é bem fácil, né? os verbos são mais fáceis em inglês e o, às vezes o vocabulário e é, mais, às vezes mais fácil, ou mais difícil (...)**”(S₁) (anexos, p. 85)
38. “I-I find the conjugation terrible, very difficult because **we don’t have this in English/** it’s very hard for me, I make mistakes all the time (...)”(S₂) (anexos, p. 96)
39. “ (...) então, mas o que foi difícil foi os, ahn, [tempo], sabe..., ahn, não lembro o nome em português, *tenses* (...) porque **eu tinha que aprender conceitos novos, completamente novos, né?**” (S₃) (anexos, p. 109)

E, em um segundo momento, já como língua portuguesa, as representações de cada sujeito são variadas, pois um dos sujeitos vê a não-valorização do português no mundo (S₁), o outro a vê como uma das línguas que coexiste com o inglês - em menor amplitude -, porém (S₂) e o último vê a língua por uma função utilitarista, pensando em fins pessoais (S₃).

S₁ nos mostra uma imagem de desvalorização da língua portuguesa no mundo:

40. “bom, a... bom, é... no contexto global ou mundial, eu nunca pensei muito nessa- nessa, no papel do português... é... eu acho, eu- eu- **eu acho o português tem seu valor, é, como uma língua que na verdade muitas pessoas falam, é, tem o Brasil, eu sei que, é, Portugal, tem Angola, tem- tem vários país que falam essa língua/ se não me engano, é o- é o quinto mais língua, quinto mais, não sei como, quinta mais língua falado no- no mundo/ eu acho que é- é bastante, é uma língua bem, ahn, bem grande/ infelizmente, é, nos- nos países, é, nos Estados, eu sei que nos Estados Unidos e na Europa, menos o Portugal, é, não é uma língua que tem muito valor, não é muito valorizado, é- é, menos alguns, é- é, literaturas, é, alguns- alguns autores que já foram traduzidos em inglês ou francês ou espanhol/ mas é**

² Sobre estes, discutiremos na próxima seção deste trabalho.

pouco, é pouca coisa, é, eu não sei, **eu não sei como falar muito sobre esse contexto porque é o contexto que eu tenho do- do- do português é quase tudo aqui no- no- no Brasil (...)** mas, de falar o, como é fora, **antes de vir pra cá eu nunca, eu, nunca realmente, nunca pensei/ isso até mostra a desvalorização da língua, da língua portuguesa fora do Brasil**” (anexos, p. 90)

Em contraponto a uma imagem de não-valorização do português, S1 mostra a sua representação de uma língua de valor, falada por vários países. É importante notar que trata-se de uma imagem já re-significada no espaço do outro, pois, como explica, também não pensava nisso enquanto não morava aqui; é no contexto do Brasil que passa a ver o português como uma língua de valor.

Tal representação é bastante distinta daquela enunciada por S₂. Ele encontra-se no “estado” já nomeado por S₁: de não pensar sobre a língua, de não saber qual é exatamente a imagem que possui dela:

41. **“I don’t really know/ I don’t know if there is a role of the Portuguese language/ I think most languages are almost in the same situation/ they’re not competing with English, but realizing that to live in the big world, they must be their language and English/ so, I don’t know, I’m not really sure I can give you a good answer for this question (laughs)/ I never really thought about the role of Portuguese”** (anexos, p. 98)

Com efeito, ele enuncia que nunca havia realmente pensado sobre um “papel” da língua portuguesa (apontando, como S₁ afirma, para uma não-valorização da língua), mas que pensa no português, assim como outras línguas, em coexistência com o inglês. Pensamos que a imagem que S₂ constrói é a de um grupo de várias línguas, que aparecem estar em uma posição periférica em relação ao inglês, no centro do “big world”, denominado por ele.

Por fim, S₃ pensa a língua portuguesa a partir de um ponto de vista com contornos de “particular”, mas que, com efeito, partilha de uma visão bastante difundida: da língua com valor instrumental. É nesse contexto que a sua representação do português é, de fato, utilitarista, considerando os fins da língua como o seu uso apenas:

42. **“eu espero que esteja importante, né, porque agora que eu fa- eu tô aprendendo falar, eu quero fazer uma coisa com isso/ (...) e tem Portugal também, mas eu nunca fui pra Portugal/ ahn, e tem- eles falam na África**

também, né?/ ah, então não sei, acho que é, acho que por causa do Brasil tá melhorando, tem empresas, né, ricas e importantes no mundo, então, **vai ser a-um nece- necessidade de falar português**, eu acho/ não sei” (anexos, p. 115)

Como S₁, S₃ também vê a extensão da língua portuguesa a outros países, além do Brasil, porém, não enuncia sua imagem decorrente disso. Parece-nos que em função de sua imagem utilitarista da língua, S₃ espera que falar português venha a se tornar uma necessidade e, então, ela possa utilizar o idioma, ou seja, “fazer uma coisa” com ele.

Dado o exposto, nesta seção de nosso estudo, procuramos depreender as representações imaginárias dos sujeitos a respeito do seu espaço e língua de origem e do espaço e língua do outro, verificando regularidades e divergências. Na seção seguinte, apresentamos uma possível vinculação destas imagens ao processo identitário de cada sujeito.

3. ESTRANHAMENTOS E EMBATES NO PROCESSO DE RE-SIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA

Nesta seção, lidamos com os processos subjetivos de re-significação identitária diante do contato com a língua do outro. Pudemos constatar, por meio da leitura de nossa bibliografia (a este respeito, em específico, Bertoldo, 2003; Coracini, 2003; Revuz, 1998 e Serrani-Infante, 1998) e da análise do *corpus*, que este processo é permeado por estranhamentos de diferentes naturezas, como veremos a seguir, e embates entre a língua materna e a língua estrangeira e, com mais exatidão, entre uma identidade constituída na e pela língua materna e os outros valores, imagens, etc. vinculados à língua estrangeira.

Devido à complexidade do sujeito, suas constituições identitárias singulares e suas diferentes experiências, vemos que é importante, aqui, lidarmos com o processo de re-significação identitária de cada um em particular. Retomamos, também, as representações imaginárias de cada sujeito com o objetivo de verificar a relação entre elas e o processo de re-significação de cada sujeito. Para tal, dispomos de três sujeitos nesta pesquisa, aqui denominados S_1 , S_2 e S_3 .

3.1. S_1

Uma das entrevistas que realizamos no presente estudo se deu com o norte-americano C., de 31 anos, ao qual nos referiremos como S_1 . Há seis anos morando no Brasil, ele explica que a primeira vez que visitou o país foi em 1998, quando realizou um intercâmbio de três meses para estudar Economia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo.

Entretanto, entender essas escolhas que ele realizou (Brasil, português, São Paulo), em meio à multiplicidade de opções que lhe seriam possíveis, nos intriga. E, dada à nossa filiação teórica a alguns conceitos da Psicanálise (sobretudo a noção de sujeito), vemos que a busca de um outro espaço não é arbitrária - tampouco totalmente consciente. De fato, a unidade do sujeito é aparente, sendo ele descentrado e constituído, também, por uma dimensão inconsciente. Esta, segundo Fink (1998: 27), é repleta de falas, conversas, objetivos, aspirações e fantasias de outras pessoas e todos esses fatores constituem o

sujeito. Porém, é importante assinalar que esses fatores constituem o sujeito mas, devido a estarem fora dele, instauram o lugar da falta e abrem à busca do outro.

Assim, quando perguntamos a S₁ o porquê de sua escolha por um outro espaço enunciativo, ele afirma:

43. “ (...) é, eu tava é, pensando em fazer, **sair do meu país pra- pra ver o mundo** (...)” (anexos, p. 82).

Nesse sentido, vemos que há o desejo de conhecer outras culturas e isso causa o deslocamento do sujeito; em outras palavras, o desejo do outro se institui em S₁ como uma motivação para a busca do novo, do diferente.

É interessante notar que a busca de S₁ pela alteridade é, de fato, a busca por aquilo que é diferente a ele e, assim, várias alternativas lhe eram possíveis, desde que fossem países menos freqüentados por americanos, como ele mesmo afirma:

44. “é, eu tava pensando no Brasil, na Argentina e, até possivelmente, a Europa, ou a Polônia, ou um país menos- menos freqüentado pelos- pelos americanos, eu queria evitar um pouquinho” (anexos, pp. 82-83)

Devemos ressaltar que ele destaca a Polônia da Europa. Vemos que isto ocorre, pois, em sua busca por aquilo que seja distinto a ele, S₁ deseja entrar em contato com uma cultura que lhe seja totalmente heterogênea, representando a alteridade completa. Não somente esta é uma imagem que ele possui de como o outro seria como também o é a imagem da Polônia, como o país onde ele não encontraria traços de sua cultura, sendo o outro por excelência. Ainda, assinalamos a sua escolha final: a cidade de São Paulo. Para viabilizar o seu *desejo de alteridade* posto em prática, S₁ escolhe a “cidade grande”, distinta de sua cidade natal, cuja imagem que ele possui é a seguinte:

45. “bom/ é, eu sou dos Estados Unidos, do estado de Ohio/ ah... e, cidade, não era cidade, era mais, uhn, era cidade pequena de dez mil pessoas, chama Willmington” (anexos, p. 80)

Vale destacar que a busca pela alteridade não envolve uma recusa à sua própria identidade e/ou à sua cultura; há, sim, uma *falta* em sua identidade inscrita na língua materna - o outro se encontra além-, e é por esse encontro com o outro que ele busca, ansiando por sua completude como sujeito.

Nessa busca pelo outro, o sujeito procura tornar seu desejo concreto e, assim, seu deslocamento ocorre com a tentativa de viabilizar seu desejo na prática. No caso de S₁, isso se dá por meio da qualificação profissional, visto que ele se desloca de seu espaço enunciativo para um outro espaço para, aparentemente, investir na garantia de sua inserção social. Devemos destacar que essa garantia de inserção social se dá, pois, embora haja o desejo do outro, o sujeito ainda está ancorado na familiaridade, na “suposta” origem que o constitui, e se desloca, portanto, com as representações que tem como sujeito inserido nessa formação discursiva: para constituir-se como sujeito, ele necessita da interação social e, ainda, do estabelecimento de sua posição como sujeito nessa interação. Tal estabelecimento se dá por meio de valores construídos historicamente e culturalmente, como, no exemplo de S₁, de que uma profissão como a de engenheiro lhe traria um melhor posicionamento em sua sociedade. Este valor mostra uma representação que ele possui de sua própria cultura, na qual ele reconhece alguns traços que, de tão significativos, constituem-se como símbolos culturais nacionais para ele:

46. “a cidade [Wilmington, sua cidade natal] em si era, é, a cidade é bem pequena, é-é simples, tem **Mc Donald’s**, tem **Wal Mart**, como todas as cidades nos Estados Unidos” (anexos, p. 81)

Logo, vemos o Mc Donald’s e o Wal Mart como ícones da cultura norte-americana para S₁; e as representações que decorrem destes símbolos sugerem o que vem a ser os traços da própria cultura para S₁:

47. “eu, é, eu-eu quando eu morava nos Estados Unidos, eu- eu preocupava mais com as coisas banais, em ter um carro maior, é, de fazer compras, de ter roupa, roupa mais chique” (anexos, p. 87)

O que podemos ver é a sua participação na idéia de nação na maneira como ela é representada em sua cultura nacional, como nos explica Hall (2001). A identidade nacional produz sentidos e o sujeito participa dessa comunidade simbólica, visto que ela é um sistema de representação cultural. Hall, na mesma obra citada, explana com mais profundidade:

“Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.”
(2001: 50)

Assim, S₁ participa dos valores e das representações de sua cultura, pois é nessa formação discursiva em que ele foi inserido desde o nascimento e é sob essas bases que ele se constitui como sujeito. Porém, no contato com o outro, a concepção que S₁ tinha de si mesmo mudou, como vemos a seguir:

48. “e aqui eu acho que eu aprendi muito mais sobre mim é, que eu não- não gosto dessas coisas, eu não preciso, pra mim não é importante o tamanho do meu carro ou as roupas que as pessoas tão usando, é, eu aprendi muito mais aqui, então por isso eu acho que eu tô me encaixando melhor aqui” (anexos, p. 87)

Assim, S₁ vê que as coisas “banais”, como carros e roupas, não lhe são importantes e até mesmo a sua imagem de garantia de inserção social (que o havia trazido ao Brasil pela primeira vez - aparentemente, como pudemos apontar) é re-significada, já que, quando passou a viver no Brasil, ele deixou de exercer a profissão de engenheiro e, cerca de três anos após sua chegada ao país, trocou de profissão, tornando-se professor de língua inglesa³. Nesse sentido, vemos que o contato com o outro re-significou as bases fundadoras de sua identidade (bases estas construídas a partir do discurso de sua cultura), alterando a imagem que ele tinha de si mesmo e trazendo novos valores sociais e culturais, a partir da inserção em um novo espaço enunciativo (o espaço do outro) e da aprendizagem da língua falada ali.

³ Também consideramos a possibilidade de tal mudança ter-se dado por razões econômicas. Porém, da mesma forma, o contato com o outro lhe causou efeitos e a aceitação dessa “mudança” (por nós vista como re-significação) é mais “serena”.

Serrani-Infante (1998) discute tal fenômeno e afirma que a complexidade do processo de aprendizagem de uma segunda língua se dá devido ao caráter “contraditório” desse processo: ao mesmo tempo em que se caminha em direção ao outro, as bases da língua materna são mobilizadas e as discursividades fundadoras do sujeito são afetadas. Deste modo, as posições subjetivas, após o processo de inscrição nas discursividades de uma segunda língua não serão as mesmas e, por esta razão, a re-significação das bases identitárias do sujeito (e que o faziam se posicionar como sujeito social) não é um processo simples tampouco “suave”; pelo contrário, é permeado por embates e enfrentamentos, e possui impactos em diferentes campos da vida do sujeito, como veremos a seguir.

De fato, o encontro com o outro promove um choque entre o familiar e o estranho. Em um primeiro nível, como podemos observar, ocorre um estranhamento inicial em relação à caracterização do novo espaço enunciativo. Nesse novo espaço, o sujeito não se reconhece e encontra dificuldades para compreender as novas caracterizações físicas com as quais se depara. Podemos ver tal estranhamento em sua descrição acerca da chegada à cidade de São Paulo, visto que aquilo que S₁ vê (e entende) em sua primeira visita ao Brasil (e a São Paulo, especificamente) é uma cidade “feia”, “suja” e “bagunçada”. O visual lhe é de desordem e confusão, e sugere que S₁ não compreendia o novo espaço enunciativo em que se inseria, devido à relação forte que mantinha com o espaço enunciativo que o constituía como sujeito, o de sua língua materna:

49. “e eu tava vindo aqui pra cidade de São Paulo, eu lembro que eu passei um rio que- que parecia é, **um rio muito estranho para mim** esse rio que passava entrando em São Paulo/ tinha umas, é- é, alguns prédios, e, tava muito feio, tava muito feio/ e tinha, eu lembro, uma coisa passando por cima do- desse rio, que era meio de arco-íris/ eu- eu perguntei o que era isso, era uma passagem pras pessoas pra ir pro outro lado do rio/ **não entendia nada, era tudo muito estranho para mim**/ eu achava a cidade muito, pelo menos a entrada pra cidade muito é, bagunçada e muito suja, mas é, depois é, isso era minha primeira é, opinião da-da- cidade” (anexos, p. 86)

Entretanto, não podemos deixar de considerar que nesta outra cultura há traços que já lhe são familiares por serem provenientes de sua cultura de origem. Os já mencionados “ícones” da cultura norte-americana para S₁ (Mc Donald’s e Wal Mart, por exemplo)

também se apresentam nesse novo espaço enunciativo e abrandam o que poderia ser um estranhamento ainda maior.

Ainda, esse estranhamento de natureza espacial não barra o sujeito, pois o seu desejo do outro se mantém. Há, portanto, a vontade de completude por parte do sujeito, que acredita (e “aposta”) que tal plenitude só se daria com o encontro efetivo com a cultura do outro, por meio da inserção nessa outra discursividade. Tal inserção, para S₁, perpassa o âmbito da língua e o mobiliza, então, em direção à aprendizagem da língua estrangeira:

50. “não dá pra viver, morar num lugar sem falar a língua, então, por isso, eu- eu achei bem importante falar a língua/ eu comecei a estudar, **e fiquei estudando, estudando só pra conseguir sair na rua pra- pra falar com as pessoas.**” (anexos, p. 84)

Desta maneira, o sujeito demonstra sua vontade de se tornar capaz de se enunciar na língua estrangeira e poder ser compreendido pelos membros dessa outra cultura. Assim mobilizado, S₁ se empenha no estudo da língua e, no seu processo de re-significação identitária, há um movimento que parte do estranhamento visual inicial para um estranhamento de natureza lingüística, relacionado à materialidade da língua. Já não mais se sentindo “confuso” com a caracterização física do novo espaço enunciativo, as dificuldades de S₁ passam a ser com a gramática e a compreensão auditiva da língua portuguesa.

Dentre estes aspectos, ele menciona como fatores relevantes os tempos e as conjugações verbais, visto que, em sua língua materna, ele afirma que os verbos são “bem fáceis”. Vale lembrar que essa impressão de dificuldade ocorre pelo confronto com as discursividades da língua materna, que lhe são fundadoras e o constituem como sujeito. Logo, a visão que ele tem da própria língua é a da facilidade, já que esta é a discursividade na qual foi inserido desde que nasceu; a língua estrangeira, portanto, traz marcas de dificuldade, que sugerem o embate entre a sua formação identitária (em processo) e aquela que o constitui. Assim, é interessante ressaltar a maneira pela qual ele descreve esta questão dos tempos verbais; o que, para nós, confirma a ocorrência do embate, do conflito entre as suas formações identitárias:

51. “o português para mim, o mais- **o mais difícil realmente** foi os verbos de- de **não conseguir** falar alguma coisa que eu queria falar porque **eu não tinha**

como é, colocar o verbo naquele tempo/ então eu queria falar alguma coisa do futuro, do possível futuro e eu não- **não sabia falar**, então isso foi muito **frustrante**, e que demorava muito tempo pra chegar nesse ponto, de usar a língua, é, mais fluente” (anexos, p. 84)

Vemos que as referências ao “não conseguir”, “não ter como”, “não saber falar” apontam que há o desejo do sujeito em se inserir na discursividade do outro mas, face ao enfrentamento com a sua identidade constituída na língua materna, o processo é difícil e frustrante - dada, também, a sua não-brevidade, pela qual anseia o sujeito para que possa inscrever-se também na língua desse outro.

De fato, ele procura enunciar-se na língua de seu novo espaço discursivo e tal desejo é, na verdade, um dos pólos da comunicação: falar e ser compreendido. A sua contrapartida, compreender o que é falado (a chamada “compreensão auditiva”), também é para S₁ um enfrentamento em seu processo de re-significação identitária, ainda relacionado à materialidade da língua:

52. “é-difícil também pra mim foi de-de-de **conseguir entender o que as pessoas tavam falando pra entender**/ ah, é, eu- eu quando eu comecei eu não tinha muito paciência de assistir televisão, de ver jornal, é, de- de prestar atenção mesma na-na-no que as pessoas tavam falando, de tentar **melhorar esse, o meu desempenho do, de-de ouvido**, né? é, isso eu comecei com isso, mas depois de um tempo, eu comecei a- a entender algumas palavras e foi melhorando, melhorando e eu fiquei com mais paciência de assistir jornal (risos) **é/ eu acho foi, foi, isso foi o mais difícil/ e, com isso, é, eu fiquei, é, quase seis meses, eu fiquei muito inseguro com o jeito que eu falava/ então eu fiquei seis meses é, praticamente sem sair de casa é, porque eu fiquei com medo de-de sair na rua e não saber o que falar**” (anexos, p. 85)

Como já mencionado, há o desejo de alcançar o outro por meio da compreensão auditiva: “melhorar o desempenho do ouvido” aponta uma vontade de plenitude e de ser capaz de *entender*, ou seja, de desfazer aquele estranhamento do seu primeiro olhar para o novo espaço enunciativo, momento em que ele não entendia nada do que via e, logo, achava tudo estranho. Vemos que quando S₁ passa por este confronto lingüístico, pertencente ao seu processo de re-significação, ele vivencia uma questão metonímica, tomando a parte pelo todo: espera e acredita que, ao melhorar a sua compreensão auditiva,

a sua compreensão dos demais aspectos culturais e lingüísticos do novo espaço enunciativo também ocorreria, e ele melhoraria o seu entender com os participantes dessa cultura.

No entanto, dado o caráter de processo, do momento em que há o desejo de entender ao começar a entender de fato levou tempo e este, pode-se dizer, foi o embate mais “doloroso” de sua re-significação identitária, pois envolvia a identificação com a nova língua e com o novo espaço enunciativo e estes fatores, para o sujeito, representavam realmente uma grande alteração em suas bases identitárias.

Logo, o medo se inscreve e o sujeito passa a se perguntar o que será dele neste novo espaço, o que será de tudo que ele era até então, de todas as escolhas que ele havia feito (conscientes e inconscientes) e, agora, que sua identidade, fragmentada, está “adquirindo” novos sentidos e novas representações. Tal nível de enfrentamento lhe é tão forte e custoso que S_1 se fecha em seu lugar seguro, sua casa, pelo medo de entrar em contato com os outros e não saber se enunciar na nova língua. A experiência é tão intensa que o imobiliza, e ele se mantém por seis meses em casa saindo apenas para estudar a língua do outro e, então, sentir-se apto para se inscrever nessa outra discursividade. Como podemos ver, a experiência com a língua o faz parar, levando-o a um recolhimento e ao apoio no seio da família, como quando criança.

É nesse tempo de recolhimento que sua formação identitária na língua estrangeira começa a se consolidar e os estranhamentos passam a se amainar, principalmente devido ao laço afetivo construído com a língua, e que perpassa a esposa e as filhas. Durante esse período, S_1 mantém contato formal com a língua do outro, a língua estrangeira, em suas aulas de português. De fato, ainda se mantinha ancorado no que lhe representava segurança e não lhe parecia passível de abalar seu contato com o outro e de torná-lo uma experiência negativa, na qual não pudesse se enunciar: passava a maior parte de seu tempo em sua casa, em contato com a LE por meio da televisão, do rádio e de suas aulas, mas protegido do contato explícito com ela, que se daria em uma situação de comunicação face a face com um participante dessa outra cultura, e quando isso pudesse vir a ocorrer - e ocorria - ele encontrava apoio e amparo em sua esposa:

53. “então, esses primeiros seis meses que eu tava aqui no Brasil, eu ficava em casa, eu ia pra aula de- de Português e, eventualmente, com a minha esposa,

hum, pra sair pra jantar, essas coisas, hum, mas sempre com o apoio dela na hora de falar” (anexos, p. 85)

Esse apoio - de sua mulher e família - lhe é importante, pois transfere a segurança que ele encontrava em sua casa para essas outras ocasiões, proporcionando-lhe, também, conforto e constituindo-se como sensações significativas (efeitos) para que o seu estranhamento e o seu medo se amainem gradativamente e ele se sinta confortável para se significar, se enunciar na língua do outro e, portanto, inserir-se nessa outra discursividade. Como temos apontado, a re-significação identitária é um processo e sendo este abrandamento parte dele, também é gradual. Para S₁, este momento demorou a acontecer, mas conseguir atingi-lo, mesmo aos poucos, lhe trazia uma sensação de bem-estar:

54. “depois de seis meses **eu comecei a sentir melhor**, sair na rua, **conversar com o taxista, conversar com as pessoas na padaria** e aí, eu, soltou um pouquinho/ **eu me soltei** um pouquinho pra essas situações” (anexos, p. 85)

Tal sensação de bem-estar, de “sentir-se melhor”, se dá devido à importância que S₁ confere ao contato com os participantes da outra cultura. Para ele, esses são os representantes do outro e o contato com eles significa um passo à frente em seu processo de preenchimento do desejo pelo outro: é a possibilidade de se comunicar nessa língua, abrangendo todas as direções que esse ato possui: falar e ser compreendido e compreender o que os demais falam, como já pudemos explicitar anteriormente. Tal possibilidade se caracteriza como a concretização de sua inserção nesse novo espaço enunciativo e nessa outra discursividade. Logo, S₁ começa a “se soltar”, ou seja, aos poucos ele se enuncia na língua do outro.

Vale registrar o emprego, por S₁, da expressão “eu me soltei um pouquinho”: “soltar-se” liga-se a outras formações discursivas, a saber: “desamarrar”, “livrar alguém de algo”, “libertar(-se)”⁴. Com o estabelecimento do contato com os participantes dessa outra cultura e a conseqüente sensação positiva que isso lhe traz, S₁ começa a se “desamarrar” de suas bases fundadoras, começa a libertar-se daquilo que supostamente o constituía e o

⁴ Acepções semelhantes foram encontradas no Mini Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001: 411): “soltar v. (mod.1) **1** trans. e pron. **libertar (-se) 2 desatar (-se), desprender (-se) 3 afrouxar (-se) (...)**” (grifo nosso)

processo de estranhamento começa a se direcionar para uma identificação. Identificação essa no próprio sentido do termo, de estar *idem*, estar igual aos demais, sentir-se parte. Ainda, é por estar se sentindo livre de suas bases que S₁ também passa a se sentir livre para/ ao se enunciar nessa outra cultura. Assim, agora que é parte, que está inserido nela (e preenchendo seu desejo do outro), mesmo ilusoriamente, não lhe há mais a necessidade de ficar “preso” em sua casa e ele, então, se solta, se liberta.

Ainda, nesse outro espaço enunciativo, S₁ vivencia a valorização da língua inglesa como língua hegemônica e de prestígio mercadológico. É interessante notar que ele se volta para a sua língua materna; porém, não com o desejo de retornar à sua cultura de origem, mas sim, como o desejo de ser aceito e bem visto na cultura do outro por meio dela. Deste modo, S₁ passa a exercer uma nova profissão que, ainda que relacionada à sua língua materna, lhe tem valor instrumental, de acesso ao outro. Diante dessa relação que a nova profissão estabelece com o outro, S₁ se identifica e passa por um momento de reconhecimento de novos e outros valores:

55. **“quando eu cheguei aqui, eu- eu nem pensei em fazer, de dar aula de inglês/ demorou, eu acho que três anos, até uma pessoa, é, chegar pra mim e falar: ‘ah, você é americano, você não quer dar uma aula de conversação? É muito fácil, você chega, você fala e blá-blá-blá...’/ eu falei, bom, não custa nada, eu- eu- eu tava, é, não tava trabalhando muito naquela época e eu falei tá bom/ eu peguei, eu gostei, eu gostei de contato com as pessoas, é, eu- eu vi realmente que eu, é, eu consigo é, ajudar as pessoas a aprender a- a língua”** (anexos, p. 90)
56. **“mas eu- eu nunca- nunca fui muito bom aluno de inglês na escola, eu nunca gostei muito de ler, de literatura, de, é, de gramática, é, eu nunca gostei muito/ é pra mim era- era ciência, era matemática, isso era meu caminho pra pra minha vida/ mas eu acho que quando eu mudei pra, aqui pro Brasil, aconteceu uma mudança grande comigo de eu me conheci muito mais e, é, eu abri essa possibilidade de- de trabalhar com uma coisa que não era das ciências exatas/ e o quando eu recebi, esse- esse convite, de- de trabalhar como professor, eu- eu- eu gostei muito, eu vi esse lado que eu precisava desenvolver de- de, é, esse contato com- com as pessoas e da linguagem/ eu comecei a gostar muito da linguagem e na, quando eu comecei a aprender o português e eu aprendi que eu gostava muito de- de aprender línguas”** (anexos, p. 90)

Como podemos notar, S₁ re-significa os valores que o constituíam, re-significando até mesmo a representação que possuía acerca de sua carreira profissional e que ele trazia de sua cultura, como já pudemos verificar anteriormente. A partir do contato com o outro, ele conhece novos valores, identifica-se com eles e reconhece, então, que há uma dimensão sua a ser desenvolvida e a sensação de estar realizando tal desenvolvimento lhe traz prazer, pois ele sente estar preenchendo a falta que nele havia.

Não obstante, o seu processo de re-significação na língua do outro também atinge a sua base familiar, que agora não mais se significa na língua materna e a família que ele constitui no espaço enunciativo do outro se significa na língua do outro, a língua estrangeira:

57. “eu- eu falo com elas [suas filhas] em inglês em casa, não o tempo todo, porque eu queria manter essa **unidade familiar**, então eu não falo somente inglês com elas/ então quando eu tô perto, quando eu- eu tô junto com a minha esposa, e com- com elas, eu uso português” (anexos, p. 87)

Em suma, diante do contato com o outro, S₁ passa por um processo de re-significação identitária que compreende várias dimensões, como pudemos ver por meio de seu estabelecimento em um novo espaço geográfico, dos embates que ocorreram durante sua aprendizagem da LE, da sua mudança de profissão, da constituição da unidade familiar inscrita na língua do outro e da alteração da concepção dos valores que lhe são significativos bem como de si mesmo. Tais re-significações direcionam o sujeito a um sentimento de completude, haja vista o conforto que sente agora que o contato com o outro se efetivou, “preenchendo” seu desejo e sua falta anteriores e trazendo-lhe, por consequência, a sensação de ter atingido um conhecimento maior sobre si mesmo. É importante lembrar que tudo isso se trata de um efeito no sujeito, proveniente de seu contato com a língua e com a cultura do outro. Diante desses fatores, S₁ sente-se inserido no espaço enunciativo do outro, que parece produzir uma sensação de completude:

58. “eu acho que, é- é, o Brasil, pra mim, eu- eu- **eu me fico melhor aqui no Brasil do que nos Estados Unidos**/ é, não sei se é o ritmo do Brasil é, parece pra mim, às vezes, um pouco diferente/ é, as prioridades, é, também, são- são

diferentes/ não sei, **eu acho que eu me encaixo melhor aqui é, do que nos Estados Unidos**” (anexos, p. 87)

Em outras palavras, pudemos verificar alguns elementos do processo de inscrição de S₁ na discursividade do outro; compreendendo, também, alguns dos confrontos e estranhamentos pelos quais passou. Tal processo de inserção na língua e cultura do outro proporcionou o preenchimento de seu desejo do outro e parece-nos que há um decorrente efeito de completude, pois S₁ identifica-se com alguns valores da cultura brasileira (aos quais ele chama de “prioridades”) e sente-se bem (ele se “encaixa” melhor) aqui, razão pela qual não quer deixar o país.

No entanto, um exame mais aprofundado dos dizeres de S₁ permite entrever que tal preenchimento não é pleno; de fato, vemos que S₁ sente-se bem no país (Brasil), porém, a partir da experiência com a materialidade do espaço enunciativo escolhido, sua relação com a cidade de São Paulo (alteridade espacial) é também alterada, sendo atribuída a ela uma série de imagens que sugerem uma mudança no imaginário de S₁. Assim, ele ainda conserva uma relação positiva com o Brasil - um nível macro no qual, provavelmente, uma representação idealizada de alteridade esteja presente -, ao passo que sua relação micro, digamos, com a cidade de São Paulo, é distanciada:

59. “bom, é, agora eu sei que é uma bagunça mesmo [risos] é, não, é uma, é, eu- eu- **eu gosto muito desse país, não gosto dessa cidade/ é, São Paulo é uma cidade, eu- eu acho que não é pra mim, é, cidade grande, eu, eu não consigo**, eu já tô aqui seis anos tentando realmente convencer a minha esposa a sair da cidade, é, a gente tá chegando perto, é, eu acho que daqui uns anos a gente vai conseguir sair da cidade/ uma coisa que eu não, é, eu não- **eu não, fico bem na cidade, com tanta pressão, tanto barulho, muitas pessoas muito perto de mim/** é, mesmo em casa, no prédio, no apartamento, eu- eu fico, é, eu não fico muito- muito relaxado, com- com essa situação daqui da cidade/ então eu prefiro sair, eu acho que eu consigo ficar muito mais feliz fora da cidade/ **mas o país do Brasil eu adoro, eu não tenho intenções de sair tão cedo, não** [risos]” (anexos, pp. 86-87)

Acreditamos que, possivelmente, no contato com a materialidade do espaço enunciativo, essas novas imagens o direcionam para um efeito de desconforto, uma sensação de que a cidade de São Paulo parece extrapolar os limites de uma alteridade então imaginada. Logo, ele retorna ao que lhe é possível e mais fácil para lidar, ou seja, a

algumas representações que, em seu imaginário, relacionam-se à sua cidade natal e, assim, o constituem. Desse modo, a relação com o país Brasil se mantém, ao passo que a relação com a cidade de São Paulo é re-significada.

Diante do exposto, cumprimos uma análise em relação ao processo de re-significação identitária de S_1 .

Contudo, dado o fato de que a formação identitária de um sujeito *lhe* é particular, dizendo respeito aos discursos nos quais ele tem sido inscrito desde o seu nascimento, o processo de re-significação identitária frente ao contato com o outro é subjetivo. Logo, apresentamos em seguida um estudo sobre os estranhamentos e re-significações de R., 36 anos, também norte-americano, aqui denominado como S_2 .

3.2. S_2

Em primeiro lugar, é interessante notarmos que a escolha que S_2 faz por um novo espaço enunciativo não é unicamente pelo Brasil e pela língua portuguesa. Antes mesmo de sua chegada aqui, ele passou dez anos em viagem por diferentes localidades: Áustria, Israel, Dinamarca, França e, então, Brasil (primeiramente, por lazer e, após três meses, para viver).

Vemos, assim, que a busca pelo preenchimento do desejo pelo outro e da falta que S_2 possui em sua identidade inscrita na língua materna é anterior à sua escolha pelo Brasil e pela língua portuguesa. Faz-se importante, portanto, lançarmos o olhar sobre o processo pelo qual S_2 passou até esse momento, focando em alguns de seus deslocamentos e enfrentamentos.

Natural da cidade de Nova Iorque, S_2 possui uma imagem de sua cidade como a cidade onde tudo ocorre a todo instante: “(...) in São Paulo I find it very similar to New York because *there's a lot of different things going on*, a lot of cultures mixed together”. Lá ele trabalhava como copywriter e o primeiro contato que S_2 teve com o outro se deu na sua própria cidade, onde, devido à coexistência de várias culturas, ele conheceu alguns australianos e os hospedou por um semestre em sua casa. Estes trabalhavam na Áustria e convidaram-no, bem como a um amigo, a ir para lá com eles. Foi então que S_2 deixou seu emprego, sua casa e sua família em Nova Iorque por um novo espaço geográfico e enunciativo, a Áustria:

60. “ah, I’ve met some Australians when I was living in New York and they worked in Austria, in a ski station and we became very good friends, and they stayed in my apartment for about six months or so, and then **when they were going ready to leave, they invited me and a friend to go with them, so we decided to quit our jobs and [risos] and try working in a ski station/ and it’s been ten years since then**” (anexos, p. 93)

Entretanto, é importante observar que essa escolha, aparentemente arbitrária e ocasional, não o é. Percebe-se, aqui, uma manifestação do seu desejo pelo outro, devido à falta, que é constitutiva do sujeito:

61. “I think the thing I like most about Brazil is the people/ I think the people are very much the way I am/ they’re open, honest, they like to have fun/ and **I think this was missing in my life amongst my group of friends/ it was always there but amongst the rest of the world like people I worked with, people I- I knew but weren’t really good friends with/ I missed that and in Brazil I feel surrounded by it (...)**”(anexos, p. 99)

E, também,

62. “**this** [viajar] was something that I **needed** to do” (anexos, p. 94)

Deste modo, apontamos que S₂ sentia uma necessidade de buscar o outro, de completar a falta que sentia e a maneira que encontrou para fazê-lo foi a busca da alteridade, já que não se sentia pleno como sujeito inscrito em suas bases fundadoras. Assim, embora sua vida lhe parecesse agradável e completa, quando lhe ocorreu a oportunidade de morar e trabalhar em outro espaço, S₂ prefere tentar:

63. “ah, that time [quando morava em Nova Iorque] was great/ I was living in an apartment with the best friend/ and we were having a lot of fun, going out a lot, my job was very nice, I was in advertising, I was making a lot of money, we were having a really good time/ and then this opportunity came to travel and I had never traveled before, I was 26, so **I decided to- to try**” (anexos, p. 94)

Assinalamos o verbo “decidir” pois ele remete a uma ação racional: a tomada de decisão é, em si, dotada de razão e lucidez. Portanto, S₂ acredita que sua escolha por um outro espaço enunciativo era uma decisão consciente. Entretanto, surpreende-se quando, ao

viabilizar tal escolha/“decisão” na prática, ele re-significa seus valores e atribui uma importância diferente ao que seria somente uma decisão por uma viagem:

64. “(...) so I decided to-to try, **I didn’t know it** [viajar, dirigir-se a outro espaço enunciativo] **was gonna be the point that changed my life completely, I just figured out I would travel for a year, and then go back to advertising, but didn’t work out that way** [risos]” (anexos, p. 94)

De fato, a partir deste momento de contato com o outro, podemos verificar que S₂, analogamente a S₁, também passa por um processo de re-significação identitária, permeado por estranhamentos e embates. Todavia, a diferença substancial entre os processos de S₁ e S₂ é que, enquanto S₁ cumpre o seu processo de re-significação identitária no Brasil e por meio da língua portuguesa somente, S₂ tem partes de seu processo nas diferentes localidades pelas quais passou, sendo o Brasil e o português, possivelmente, apenas mais um momento deste processo, como procuraremos apontar.

Como pudemos ver com S₁, cujo estranhamento inicial era de ordem espacial, S₂ também passa por um estranhamento em relação à caracterização física do novo espaço enunciativo. Porém, este estranhamento já lhe foi um momento difícil, pois não eram somente as montanhas (como ele menciona) que lhe representavam o estranho. Ainda mais significativo lhe foi o ritmo de vida diferente, muito rápido e, que, portanto, faz esse estranhamento possuir uma outra natureza, espacial/ cultural:

65. “ah, it [a experiência na Áustria] was very nice/ it was, **but it was a very fast pace of life, because they only worked for about six months, because it’s a-it’s a country place**/ it’s in the mountains and in the winter it’s full, full, full of people skiing, and in the summer there is no one there/ so they really worked very hard for about five- six- five or six months and then they relaxed/ so **the pace was very hard for me**, to snowboard all day, to work all night, and then to go out after work [risos]/ we didn’t sleep for a long time” (anexos, pp. 93-94)

Observamos, neste excerto, a descrição do ritmo de vida na Áustria na visão de S₂: para ele, a vida lá era muito agradável, mas difícil e rápida. Tal visão se dá, pois S₂ fala a partir de sua perspectiva inscrita em sua cultura de origem e há, portanto, um choque entre

o familiar e o novo/ estranho. Ainda, vemos tal fato como a maneira pela qual ele procura explicar o ritmo que lhe era diferente, rápido: para ele, isto ocorre porque na Áustria eles trabalhavam apenas seis meses por ano e isto ocorria porque lá era “interior” (reforçamos a citação de suas palavras: “they only worked for about six months, because it’s a- it’s a country place”). Notamos, assim, que na sua tentativa de explicação há a articulação de duas imagens: a imagem de Nova Iorque, como a cidade grande, e a imagem da Áustria, como “interior”: *big city* x *country place*.

Nesse sentido, vemos que o estranhamento em relação à caracterização física não era somente de caráter espacial, mas sim, possuía um traço metonímico, haja vista que S₂ vale-se da caracterização do lugar como “interior” para explicar todo o ritmo de vida que se vivia lá.

Por outro lado, sob o prisma da questão da busca da alteridade, é importante olharmos novamente para a dicotomia *big city* (Nova Iorque) x *country place* (Áustria). Como apontamos anteriormente, a falta constitutiva da identidade de S₂ o mobiliza em direção ao outro, levando-o à busca daquilo que lhe seja diferente para que ele venha a se sentir pleno como sujeito. Assim, a imagem que S₂ tem de sua cidade “grande” é essencial para a imagem que ele constrói para o seu ideal de alteridade, a cidade/ o local do interior.

Contudo, a falta que S₂ possui não é preenchida no contato com o outro na Áustria, visto que após dois invernos lá, S₂ mora um ano em Israel (onde conhece sua namorada, brasileira), um ano na Dinamarca e quatro anos na França. É incessante, portanto, a busca por preencher esse desejo pelo outro, que é capaz de deslocá-lo espacialmente por várias vezes.

Já na França, onde S₂ mora antes de vir ao Brasil, ele muda de profissão. Tal fato não foi apenas uma escolha, mas sim, uma imposição para que pudesse continuar no país legalmente:

66. “I needed a job, and so, ahn, it’s very hard to get a visa in France to stay, it’s- and it’s very hard to find illegal work in France/ so, someone suggested that I should go back to school and take a course to become an English as a Foreign Language teacher/ so I took the TEFL course, the Teaching English as a Foreign Language and it was a very good course and after this, I went to a school in France and they sponsored me with the visa and after one year of bureaucracy I finally got my visa to stay there and I worked for three years there as a teacher” (anexos, p. 95)

Assim, a mudança de profissão constituiu-se como uma “ponte” para que ele permanecesse no país. Anteriormente, S₂ havia trabalhado como lavador de louças na Áustria com o mesmo objetivo e o que podemos verificar é que S₂ procura se manter no país “enquanto o seu desejo é preenchido”. Contudo, quando algum evento - de diversas naturezas- ocorre e, também, quando S₂ passa a reconhecer traços de sua cultura de origem no novo espaço enunciativo, ele busca um outro *outro* no qual ele possa vir a se sentir completo.

Porém, um aspecto ao qual devemos dirigir nossa atenção é ao fato de que nos países anteriores à França, S₂ não procurou aprender a língua local, o que já não ocorre na França e no Brasil:

67. “(...) in fact I lived in many countries but **I only learned French because I stayed there for a long time**/ I don't speak any Hebrew I lived in Israel for one year/ I don't speak Danish I lived there for one year/ in Austria I don't speak German” (anexos, p. 99)

A razão que S₂ se coloca de ter dirigido seu interesse apenas para o francês, por ter vivido lá por muitos anos é, para nós, a explicação consciente que ele procura atribuir para sua ação. Acreditamos, por outro lado, que S₂, inconscientemente, possuía um desejo de integrar-se nessa outra cultura por estar vivendo naquele espaço enunciativo e ter construído laços afetivos lá (vivia, então, com uma namorada francesa) e buscou a língua como um meio para tal (assim como para S₁, cuja inscrição na outra discursividade perpassou o âmbito lingüístico).

Logo, sendo a língua estrangeira um dos “passos” para a sua inscrição na discursividade do outro, ela (assim como também havíamos visto para S₁) constitui-se como um outro estranhamento no processo de re-significação identitária de S₂.

É importante observarmos que a sensação que ele possui em relação ao processo de aprendizagem da língua francesa é que este foi “indolor”, ou seja, S₂ sente que aprender a língua foi fácil. Ainda, acreditamos que esta imagem que ele possui está relacionada à maneira pela qual ele vê sua expressão na língua, pois S₂ associa a experiência da aprendizagem a seus resultados práticos: sua habilidade em falar francês, entender filmes, etc. Entretanto, ele explica que não aprendeu a língua realmente bem e tampouco seu

conhecimento gramatical lhe parece bom; e isto sugere que, embora sua sensação/ efeito global seja positiva, no processo de aprendizagem podem ter havido alguns embates:

68. “ahn, it [aprender francês] was a **very painless experience that took a very long time, and I never really learned it very well**/ I can speak French, I can understand films and some things, **but my grammar is very bad**” (anexos, p. 95)

Deste modo, vemos que há a possibilidade de ocorrência de estranhamentos de ordem lingüística para S₂, dada a sua percepção de não se enunciar bem em relação à gramática, ou seja, apontando para a existência de “choques” entre as línguas materna e estrangeira.

Vemos, também, que S₂ atribui grande importância à questão gramatical, pois não somente considera sua performance na língua francesa “ruim”, como também a seleciona como um dos fatores que ele deve “consertar” (“fix”) em sua performance já na língua portuguesa:

69. “(...) I can speak French, I understand films and some things, **but my grammar is very bad and so this is one of the things that I wanted to- to fix when I came to Brazil**/ because I’m sure if I stay here for three years, I’ll be able to speak with everyone, but **I want to speak correctly, so, this time around, I’m taking lessons**” (anexos, p. 95)

Faz-se essencial aqui verificarmos as acepções correntes para o verbo “to fix”, a saber: reparar, consertar, arrumar⁵. Com efeito, só podemos consertar aquilo que contém erro, falha ou dano. Nesse sentido, observamos que a gramática da língua estrangeira (no caso, o francês), encontra-se, para S₂ com “falhas”, com “erros”, os quais ele pretende “apagar”, por meio da aprendizagem de outra língua estrangeira (português); desta vez, formalmente, visto que, em seu imaginário, a aprendizagem formal da língua o levará a falar corretamente, no que diz respeito à gramática.

É interessante enfatizarmos a relação que S₂ estabelece entre as línguas estrangeiras, não demonstrando uma distinção clara entre uma e outra e fazendo da questão gramatical

⁵ Para tais acepções, consultamos o *Cambridge Dictionary of American English* (2000: 323), no qual encontramos as seguintes definições: “fix (repair) v [T] to repair or adjust (something). *I’ll fix that broken chair today.* fix (arrange) v [T] to arrange or put in a place. *I need to fix my hair.* (...)”

um “elo” entre ambas, pois é com ela que ele não lidou suficientemente bem na língua francesa e, então, procura dedicar-se mais em português. Portanto, entendemos essa relação como um traço que vem a corroborar nossa suposição de que há uma continuidade em seu processo de re-significação identitária, abrangendo mais de um único espaço enunciativo bem como mais de uma língua estrangeira.

Ainda, outro traço que parece corroborar nossa suposição é o fato de que quando S₂ opina acerca de sua relação com a língua portuguesa, ele se refere ao francês:

70. “I- I find the conjugation terrible, very difficult because we don’t have this in English/ it’s very hard for me, I make mistakes all the time/ **but besides this, I’m finding Portuguese to be pretty easy, I think it’s because I’ve already gone through this suffering with French** (...)”(anexos, p. 96)

Destacamos, primeiramente, a sua dificuldade em português: a conjugação verbal, pertencente ao ramo da gramática.⁶ Contudo, apesar de esta ser difícil para ele e o levar a cometer erros a todo tempo, ele acha que a língua portuguesa lhe é fácil, e se explica por já haver passado por todo esse sofrimento em francês. Não somente a compreensão de sua expressão em português é explicada por meio do francês, bem como o termo “suffering”/”sofrimento” sugere que os primeiros embates a respeito da materialidade lingüística se deram na língua francesa.

Além disso, diferentemente de S₁, para quem a compreensão oral era uma questão central em seu momento de estranhamento lingüístico e perpassava a sua inscrição na outra discursividade, S₂ também sente algumas dificuldades em relação a escutar e entender o que é dito na língua estrangeira, mas estas, como veremos adiante, são mais de cunho cultural do que propriamente lingüístico:

71. “(...) I think the way people speak in Brazil is very different depending on where they’re from/ and, for instance, I’m used to speaking with my girlfriend’s friends, and they all speak, they were born here, they all went to university and they speak in a different way and if I go to-to-to have breakfast in a padaria, for instance, that I meet the guy working there, **sometimes I have trouble understanding because he’s from the north-east or he’s from, he has a different background and this is very different in Brazil, I think/ the way people speak, so it’s not the same language** (risos)” (anexos, p. 96)

⁶ Também devemos observar que, assim como havíamos visto com S₁, a imagem que S₂ possui da dificuldade da LE está relacionada à imagem da facilidade da LM. (cf. p. 36 do presente trabalho)

72. “yeah, not only the accent, but it’s also the phrases that they use and the expressions” (anexos, p. 96)

Podemos verificar, assim, que o “problema em entender” (“I have trouble understanding”) tange a materialidade da língua, porém, toca, de fato, na questão cultural de diferentes sotaques e expressões provenientes de localidades diversas. Para S₂, a dificuldade na compreensão está relacionada ao “background” diferente do participante da língua que, de tão distinto, parece não falar a mesma língua.

É necessário ressaltar que tal afirmação (“it’s not the same language”) indica que, para S₂, a diferença é grande e forte. O efeito/ a sensação que isso lhe traz é de frustração:

73. “it’s always really hard whenever one speaking a language and **you don’t understand**/ but I think that **even with the frustration of this** it’s been still a fun experience (...)”(anexos, p. 100)

Entretanto, embora haja a frustração de, por vezes, não compreender o que algum participante da língua diz, o desejo de poder entender se faz presente e o leva não somente a estudar a língua estrangeira, bem como o mantém realizando tal atividade:

74. “ahn, I started a course here at Alumni/ ahn, for two months and then it stopped (...)”(anexos, p. 96)
75. “and now I’m continuing with my Portuguese classes here (risos) and so, as long as they’re free, **I’m gonna continue to take them** (risos)” (anexos, p. 96)

Assim, vemos que há uma mobilização para chegar ao outro, viabilizada no estudo da língua estrangeira e que se estende, também, a contextos externos à escola:

76. “but in fact, my lesson is only one hour a week, so it doesn’t give me much time/ **I do most of my learning when I’m with my friends**, ‘cause I speak only Portuguese when I’m outside the school, **at least I try to**” (anexos, p. 96)

Pensamos ser fundamental destacar, deste excerto, dois enunciados de S₂, assinalados acima. Em primeiro lugar, vemos que embora ele atribua valor às suas aulas formais de língua portuguesa, ele acredita ter um aprendizado maior por meio do contato

com os falantes da língua, o que talvez possa estar relacionado ao “mito do nativo”, ou seja, o desejo de inscrever-se nessa outra discursividade perpassa o contato com os participantes da língua que, por serem nativos, têm maior propriedade ao falar dela e ao enunciar-se nela e, assim, o contato com os participantes é valorizado.

Em segundo lugar, devemos evidenciar que o uso da LE em contextos fora da escola, embora valorizado por S₂, não ocorre em todas as situações em que ele se comunica, dada a afirmação de que, ao menos, ele tenta (“at least, I try to”) fazê-lo. Logo em seguida na entrevista, S₂ explica por que não fala todo o tempo em português:

77. “ah, no, **it’s also a habit**/ in my house, I live with my girlfriend and **we try to speak only Portuguese, but it’s very hard to change the habit**/ because we were so used to only speaking English and then French for a while, and it was hard to switch only to Portuguese/ **we still have this problem, we just wake up and start to speak English** till one of us remembers ‘Oh, let’s speak Portuguese now’ (risos)” (anexos, pp. 96-97)

Acreditamos que este fragmento é importante, pois nos faz compreender que, embora S₂ se mobilize para manter o contato com os participantes da outra discursividade, valorize este contato e tente efetivá-lo, ele ainda “esbarra” nas suas bases fundadoras, sendo-lhe difícil mudar o hábito de falar inglês, sua língua materna, e constituindo, para ele, um problema.

Diríamos, ainda, que se trata de um problema complexo, pois não envolve somente a questão acima descrita, mas também uma outra, que diz respeito à aceitação do falante de inglês no espaço enunciativo brasileiro:

78. “(...) it’s like São Paulo, everyone wants to learn English/ it’s hard for me to speak Portuguese sometimes here because **as soon as I meet someone, they want to practice their English with an American**” (anexos, p. 95)

Logo, devido à busca de alguns brasileiros pelo contato com o nativo de língua inglesa - movidos, provavelmente, pelo mesmo “mito do nativo”, discutido anteriormente -, S₂ comunica-se por meio da língua inglesa, mesmo estando em um país cuja língua oficial

não é o inglês. Desta forma, ele se sente acolhido no novo espaço enunciativo e uma motivação para o uso do português como LE torna-se mais distante.⁷

Há, também, o discurso corrente de que o inglês é a “língua do mundo”, “da globalização” e, portanto, uma língua de comunicação mundial. Parece-nos que, para S₂, tal representação é apropriada e contribui para uma não-motivação para o aprendizado de línguas estrangeiras por parte de um nativo de inglês (como já havíamos apontado em 2.3):

79. “this was one of the things I- I said I’m not easily surprised but this was one of the things that did surprise me during my travels that you could pretty much always get by without knowing any other language except English and I find this to be a little sad and I also found that it- it hurt my ahn- ambition to learn other languages (...) so, in a way it’s sad and I think it makes English speakers a little lazy too” (anexos, p. 99)

Assim, S₂ encontra-se em uma tensão entre uma motivação para o aprendizado (formal) da língua portuguesa pelo viés da gramática, a fim de “consertar” um “problema” já presente no francês, e uma não-motivação para tal, pelo embate entre a LE e suas bases identitárias na LM e pelo eco de um discurso utilitarista e globalizante acerca da língua inglesa.

Passados os estranhamentos de ordem espacial (relacionado o ritmo de vida local, sendo, portanto, espacial/ cultural) e de natureza lingüística (que, em essência, também era cultural), S₂ direciona-se a um estranhamento de ordem cultural unicamente (que o leva a re-significar seu imaginário sobre o Brasil) mas que, antes de tudo, é negado por ele, que toma suas experiências de viagem como responsáveis pelo desfazimento de possíveis choques culturais neste espaço enunciativo:

80. “yeah, I mean, after traveling/ I traveled for nine years before I came to Brazil/ I was used to not being so surprised [risos] I’m very open- minded in accepting about these things [diferenças culturais entre países]/ so **I wasn’t shocked** [quando veio ao Brasil pela primeira vez] but what **I love about living in a new country and especially Brazil is exploring the new things, the food, the people, the customs, the things like that**” (anexos, p. 97)

⁷ Pensamos que é importante assinalar, também, que a opção para a realização da entrevista na língua inglesa foi feita pelo entrevistado, que declarou sentir-se mais à vontade e ainda não ter proficiência em português para tal. Mostra-se, aqui, que o uso do inglês é também uma preferência de S₂ em alguns contextos.

Vemos que S₂ se auto-intitula uma pessoa “aberta”, para quem estranhamentos culturais não ocorreram no Brasil devido à sua experiência de nove anos viajando por outros países e conhecendo outras culturas. Porém, antes de nos aprofundarmos nesta questão, gostaríamos de discutir a manifestação de S₂ de gosto por explorar novos/ outros países, em especial, o Brasil. A utilização do verbo “explorar” nos remete a “pesquisar com profundidade”, “desbravar”⁸ e, assim, retomamos uma afirmação já feita neste estudo: está presente, em S₂, o desejo por conhecer novas culturas e por efetivar um contato com o outro. Indo adiante, este outro é, para S₂, algo desconhecido e repleto de novos/ outros caracteres: novas coisas, comida, pessoas e costumes a serem explorados, ou seja, uma possível alteridade a ser descoberta, “desbravada” e, então, tornada conhecida para ele.

Intriga-nos, contudo, a separação do Brasil neste contexto, sendo um país, em especial, a ser explorado. Supomos que esta representação esteja vinculada à imagem que S₂ possuía do Brasil, como uma terra paradisíaca - e, assim, provavelmente, passível de exploração. (Neste contexto, também retomamos a discussão sobre os estranhamentos culturais no Brasil, negados por S₂.)

81. “but **I’ve always liked Brazil, just the idea of Brazil/ I didn’t know very much about Brazil**” (anexos, p. 97)
82. “I think I had **a typical image of Brazil (...)** with **the typical world image of Brazil of sunshine, beach, and Carnival, and dark skin** and things like this” (anexos, p. 97)

Logo, S₂ possuía uma imagem estereotípica sobre o Brasil, cujos elementos estão relacionados à diversão (“sunshine”, “beach” e “dark skin”) e à festa/ prazer (“Carnaval”). De fato, em sua primeira vinda ao país, essas representações se confirmaram e, diante da experiência no espaço enunciativo, foram carregadas com uma outra imagem, a do Brasil como paraíso:

83. “ah, I first, before I lived here, I came for, two months, just to- to- to know the country and to- to- to- to do things like that/ and we basically just traveled, so it was an incredible/ **yes, it was an incredible experience**/ we went to the

⁸ Segundo o dicionário Houaiss (2001: 191), as acepções correntes para o verbo “explorar” são: “**explorar** v. trans. (mod.1) **1** pesquisar **2** percorrer estudando **3** tirar proveito de **4** abusar da boa fé de **5** cobrar preços abusivos”, das quais as duas primeiras são pertinentes ao contexto de uso por S₂.

north-east, we went to Rio, we went/ **so it was only fun/ so my first taste of Brazil was paradise**”⁹ (anexos, p. 97)

Assim, vemos que o contato com o outro desencadeia em S₂ um efeito de diversão, de praia, de festa, o paraíso em si. E, ainda, ele associa a imagem que possui do país ao povo, levando à identificação com os brasileiros:

84. **“I think the thing I like most about Brazil is the people/ I think the people are very much the way I am/ they’re open, honest, they like to have fun/ (...) I missed that and in Brazil I feel surrounded by it / and so it’s very nice”.** (anexos, p. 99)

Entretanto, é essencial assinalarmos que tal efeito é decorrente de sua imagem estereotípica do Brasil acrescida da imagem procedente do contato travado aqui, na posição de viajante, de turista:

85. **“(...) doing all that/ the things you know, not working, just enjoying a lot, so my first taste was very good/ it’s always very different when you live in the city and when you’re visiting the city (...)”**(anexos, p. 98)

Deste modo, quando ele passa a morar em São Paulo, vê que o Brasil não é somente aquele paraíso com o qual havia travado contato. A cidade de São Paulo não é mais diversão, praia e Carnaval e outras representações são atribuídas a ela (viajar/ visitar o local é diferente de morar nele):

86. **“with the typical world image of Brazil of sunshine, beach, and Carnaval, and dark skin and things like this/ and I was a little surprised when I came to live in São Paulo that São Paulo is very similar to New York in fact/ there’s a lot of similarities: the way people live, the way people look, ah, I- I could be in New York”** (anexos, p. 97)
87. **“I say there’s a lot of similarities in these cities, this is ahn.../ but São Paulo is very unique because it’s completely divided, you have different worlds**

⁹ Sobre esta representação do Brasil como paraíso e festa, Lourenço (1999) afirma que está presente também entre os brasileiros. Todavia, tal representação da nação como festa não é a verdade autêntica do país, mas sim, um disfarce, um discurso, uma máscara que os brasileiros vestem, para si e para os outros. Também, a imagem do Brasil como uma região paradisíaca foi assim constituída a partir da primeira visão de Caminha sobre a nova terra em que se instalava e, deste momento em diante, esta imagem constituiu-se como um mito nacional.

in São Paulo/ you have the business world, you have people living on the street, you have ahn-ahn, I mean we don't really have this in New York/ we have people living on the street but it's not – it's not the same situation, they're not like born into it ahn/ it's more of a problem of alcohol and drugs usually but/ **this idea of being very, very poor is something that was- was very different/** but in the world, **the business world and the world that I know that in São Paulo I find it very similar to New York because there's a lot of different things going on, a lot of cultures mixed in together/** if you are looking to do something, it's, you can find a hundred things to do tonight, on a Monday night and **this is very similar to New York**" (anexos, p. 99)

88. "I-I think there's **lots of problems in Brazil (...)**"(anexos, p. 98)

Em primeiro lugar, salientamos as novas representações que S_2 atribui à cidade de São Paulo: uma cidade única, completamente dividida em “mundos” diferentes, com um mundo de negócios e a pobreza aparente, vista por meio das pessoas que vivem na rua devido à sua condição socioeconômica - representações bastante distintas das imagens anteriores de praia e paraíso, por exemplo. Portanto, aquela imagem estereotípica já ficou distanciada, abrindo-se a possibilidade para que S_2 visualizasse as semelhanças entre essa outra cidade e a sua cidade natal, por ele citadas, como o modo de vida, a aparência física das pessoas, a presença de um mundo de negócios e da coexistência de várias culturas na mesma cidade. Desta maneira, S_2 encontra-se novamente em uma tensão entre a alteridade/ o outro (que o faz se sentir bem e feliz aqui) e o um (a partir do momento que S_2 reconhece traços de sua cultura no espaço enunciativo do outro). Vemos que S_2 deslocou-se a outro espaço enunciativo em busca da imagem que tinha do outro, de uma alteridade completa (o paraíso). No entanto, diante do contato com a materialidade do outro, essa imagem é resignificada, e ele vê que há traços do um nesse outro. Assim, o seu desejo não é mais preenchido plenamente, e se instaura uma nova busca por um outro *outro*, que lhe seja distinto por excelência:

89. “(...) it's always different when you live in the city and when you're visiting the city/ but even living here, sorry [distância do microfone], I'm really enjoying, **I think the way of life here is much more suitable to my personality/** it's funny because people say that in São Paulo people are very stressed, but for me people are very relaxed in here, because I'm used to New York, where I think people are much more stressed [risos]” (anexos, p. 98)

90. “(...) my personal life here is very nice, very happy with my work and things like this” (anexos, p. 98)

91. “(...) I’m very happy here but I’m not sure that I’m gonna be living in São Paulo/ I’m not sure what I’m going to do/ I always have wanted to go to Japan, too/ so [risos] if I can convince my girlfriend to take a year and go to Japan, I would really like to do that I think” (anexos, p. 100)

É interessante, portanto, verificar se este mesmo processo de busca pelo outro, do reconhecimento de traços do um no outro e da conseqüente busca por outro *outro* - possível alteridade por excelência - também se deu nos demais países pelo quais S₂ passou.

Retornamos, assim, à sua primeira viagem a um país estrangeiro (Áustria). Já trabalhamos com sua motivação para se dirigir até lá¹⁰ (a busca pelo outro) e, neste momento, procuramos verificar por que ele deixou o país, após dois semestres vivendo lá e aprovando sua experiência no local:

92. “(...) I went to Austria to- to work in a ski station and snowboard as much as possible/ **so the dishwashing job was great** because it was at night and in a restaurant/ so **the situation was perfect** for me because during the day I was free to snowboard and the job was quite easy at night it came with a place to stay and food so **I was very happy** to get this job (...)”(anexos, p. 101)

Vemos que as condições de vida na Áustria pareciam estar de acordo com as expectativas de S₂: um emprego fácil, que disponibilizava moradia, alimentação e horas vagas para praticar snowboard - uma “situação perfeita”. A única questão que o incomodava relacionava-se à legalidade no país:

93. “(...) the only problem was that because I was American it was hard to get a visa there so the restaurant had to take care of the paperwork so I could work legally.” (anexos, p. 101)

Entretanto, apesar de esta ser uma questão que o contrariava, não é o motivo que ele nos apresenta para ter deixado o país. Pelo contrário, quando perguntado em relação a isso, sua explicação nos parece convincente e vem a corroborar a nossa hipótese de uma busca contínua pela alteridade. Embora não dispomos de dados para verificarmos exatamente a razão de sua mudança, vemos que há a re-instauração da busca pelo outro (como pudemos verificar a respeito da relação Brasil- Japão, estabelecida por ele):

94. “I: and why did you leave Austria after two semesters, wasn’t it?
S₂: yeah, two seasons
I: two seasons
S₂: **ahn, I think I just wanted to try something new**” (anexos, p. 101)

Para nós, deixar o outro espaço enunciativo em que estava para, ao invés de retornar a sua cidade natal, “tentar algo novo”, em um outro espaço parece confirmar um desejo do outro não preenchido plenamente ali e que leva à busca por uma outra alteridade, em um local novo e em uma cultura diversa. É então que, deixando a Áustria, S₂ dirige-se a Israel, que, para ele, é também a alteridade e, ainda mais distinta da anterior, pois não somente o “ritmo de vida” é diferente, mas também os valores prezados naquela sociedade lhe constituíam uma nova outra experiência:

95. “**I was living and working on a kibuttz**, a community/ a ‘kibuttz’ it’s called there/ and **it’s a... farming community where everyone lives together, you eat together and you work together** with all of the families and you, **you don’t need money in this society/** you work and the kibuttz gives you everything you need” (anexos, p. 101)

É evidente, para nós, a divergência entre as experiências vividas e as imagens construídas acerca da cidade de Nova Iorque (a metrópole onde, segundo S₂, tudo acontece a todo tempo e as pessoas são estressadas - e, acrescentamos, localizada no país do capitalismo por excelência)- e, por outro lado, as imagens e experiências em Israel (em uma comunidade rural na qual as famílias se unem e se ajudam, baseadas em um sistema que não utiliza dinheiro). Deste modo, S₂ busca efetivar sua experiência com a alteridade, a partir da imagem que possuía do outro, e que é construída em relação à imagem que possui do um, como já pudemos observar.

Neste espaço, especificamente, S₂ conhece uma garota francesa, com quem passa a manter um relacionamento afetivo. É ela que estabelece o vínculo para a busca para uma, então, outra alteridade:

96. “I: I see, and why did you leave Israel after that one year?
S₂: **because I met a French girl** [risos]
I: oh I see/ and then you went to France
S₂: yes/ **so I went to France to be with her**” (anexos, p. 102)

¹⁰ Páginas 43 e 44 deste estudo.

É interessante notar que S_2 acredita ter ido morar na França apenas para viver com sua namorada. Acreditamos que esta é uma das razões, porém não a única; ainda visualizamos a busca pela alteridade: ele poderia continuar seu relacionamento em Israel, ou mesmo voltar aos Estados Unidos, mas sua “escolha” é de deixar o que havia vivido até então e encaminhar-se, novamente, a um outro espaço enunciativo.

Já na França, vemos que sua saída do país relaciona-se a ambas direções: à ocorrência de um “evento” bem como à contínua busca pelo outro:

97. **“I left France because my French girlfriend and I broke up/ she was the main reason for me being there/ also, after four years, I thought it would be nice for a change”** (anexos, p. 102)

Assim, o término de seu relacionamento constitui-se um “evento” que esvazia a razão (ou uma das razões) que o mantinha no país e, simultaneamente, abre a possibilidade para uma nova busca pelo outro - por ele designada de “mudança”.

Dado o exposto, compreendemos que o processo de re-significação identitária de S_2 , embora apresente algumas semelhanças com aquele passado por S_1 (estranhamentos de ordem espacial e lingüística, por exemplo), é de uma natureza diferente, pois, como expusemos, não é cumprido somente no Brasil e por meio de português como língua estrangeira. Faz-se importante registrar o seu caráter contínuo, que pensamos ser de uma busca incessante pela alteridade (re-instaurada por alguma razão, seja esta um acontecimento afetivo, o reconhecimento de traços do um no outro, a busca genuína pelo outro ou algum motivo diverso não verificado neste estudo).

Seguimos, portanto, à análise dos elementos do processo de re-significação identitária da inglesa R, de 22 anos, denominada aqui S_3 .

3.3. S_3

Para o estudo de S_3 , partimos de suas imagens acerca de seu país e de sua cidade de origem: Birmingham, na Inglaterra. Sobre a Inglaterra, especificamente, S_3 possui uma imagem de um país de clima frio, ao qual ela se sente integrada, vendo o país como o seu espaço, um espaço que a constitui:

98. “(...) é, e... eu tô sentindo falta do- do tempo, do- da clima/ eu quero sentir o frio de novo, né?, neve também.../ mas o- o país, ah não sei, eu não sei o que é, sabe, **mas eu sinto na ca- em casa lá** né? (...)”(anexos, p. 105)

Com efeito, o “sentir-se em casa” aponta para um feito de conforto que o um proporciona, pois é nele que a identidade do sujeito se constitui.

Já sobre Birmingham, ela a vê como a cidade grande pois, para ela, esta é dotada de rapidez, é um centro de cultura, além de ser a segunda maior cidade inglesa:

99. “(...) minha cidade é muito rápido, muita gente tá lá né porque é a segunda maior cidade da Inglaterra (...)”(anexos, p. 103)
100. “ah, é uma cidade muito legal porque já foi, agora- só agora foi renovada entendeu?/ então é muito... muito conhecida só agora na- na Inglaterra e na Europa inteira/ então muita gente tá vindo pra- pra- pra lá, né, pra fazer shopping e... cultura né?(...)” (anexos, p. 103)

Ressaltamos a questão do reconhecimento atual de Birmingham em meio aos ingleses. S₃ exalta a sua cidade levando em consideração mudanças históricas (tais como a “renovação” da cidade, mencionada por ela) e que tornaram Birmingham uma cidade que passou de predominantemente industrial à turística atualmente.

E, antes de seguirmos, é importante esclarecer a idéia de “cultura” para S₃, pois esta será muito presente em seus dizeres. Pudemos depreender que cultura, para ela, seria a chamada “cultura da nação”, os costumes, as expressões artísticas, a constituição física de um espaço e “traços”/ “marcas”, que são próprios de um determinado país, ou de uma determinada região. É essa visão de cultura que ela traz quando se refere à sua cidade, fazendo alusão à constituição espacial da mesma bem como a uma “marca” de Birmingham, um prédio que é exclusivo da cidade e, assim, lhe confere unicidade:

101. “[minha cidade] tem muito ca- cultura/ ahn, tipo.../ ah, não sei/ tem um- uma- um prédio muito legal, muito- muito diferente que é... uma- uma- uma loja mesmo como se diz uma loja famosa na Inglaterra e foi construída lá, há- há poucos anos né?/ mas é muito diferente, é azul e tipo curvado, não tem esquinas assim né, e é tem coisas... pratos... cor de prato” (anexos, p. 104)

102. “e bolas, bolinhas de cor de prato/ é- é muito es- é muito estranho, muito esquisito mas é muito legal porque a gente sabe que só Birmingham tem, só minha cidade tem né? então isso é legal e tem igre- igrejas lindas e... ahn lugares... ahn...lugares legais aonde- aonde estudantes ahn.. é- é uma cidade muito pra estudantes entendeu?/ então tem muitas bares, shopping, é legal” (anexos, p. 104)

Entretanto, há a coexistência entre a unicidade e a pluralidade, dada a sua representação de que, se por um lado, há este prédio singular em Birmingham, por outro, a cidade também é caracterizada pela presença de outras culturas:

103. “hum... ah, tem outras culturas né porque tem muitas ahn, indianos, muitos indianos que moram lá também/ então tem muitos restaurantes indianos e também tem um *Chinatown*, tem...(...)” (anexos, p. 104)

E, por fim, ela se remete ao cinema e à música como expressões artísticas que também fazem parte da cultura de sua cidade:

104. “(...) e... o que mais de cultura?/ ah... uma grande cultura de cinema também de mo- de- de ci- de cinema independentes e a música, muitos shows de bandas novas na Inglaterra, inglesas né?” (anexos, p. 104)

Logo, a imagem que S_3 possui em relação à Birmingham é de que esta é uma “cidade de cultura”. Trazemos estas imagens à tona, pois acreditamos que a construção desta representação seja fundamental para a compreensão de seu processo de resignificação identitária, como procuraremos demonstrar adiante.

Importante, também, para a sua constituição identitária, há o papel da família, que constrói com/ para ela a valoração da viagem como a efetivação do contato com outras culturas, acrescida de uma localização espacial - e uma condição socioeconômica - privilegiada, no sentido de possibilitar com mais facilidade a realização de viagens a outros países:

105. “é fácil de ir lá pra viajar pros outros países, é muito barato pra viajar então e a gente- a gente tá no-no algum lugar na Europa, pra viajar pra todos os países e então é eu adoro viajar” (anexos, p. 105)
106. “ah, acho que a minha primeira vez foi pra Malta, sabe?/ Malta, quando eu tinha quatro anos e depois acho que foi cada ano/ tipo, Iugoslávia, onde fica as

praias, né? e Espa- Espanha, Paris, ah, Roma, [tempo] Stockholm, Switz- eu não sei em português, ahn, onde mais.../ Amsterdã, hum.../ Alemanha” (anexos, p. 106)

Assim, a idéia de deslocar-se espacialmente lhe proporciona tranqüilidade e pensamos que S₃ se reconhece como alguém que sempre viajou, sendo esta, possivelmente, uma imagem que a constitui. Logo, além de suas viagens com a família, ela também viaja sozinha, a uma ilha inglesa, aos Estados Unidos, ao Canadá e ao Brasil.

As suas duas primeiras viagens a países estrangeiros foram para os Estados Unidos e para o Canadá, com o intuito de visitar a família e passear:

107. “ah, Califórnia, porque eu tenho parentes lá/ um primo, uma prima do meu pai/ então eu saí e fiquei lá um mês e depois Canadá” (anexos, p. 106)
108. “também, minha tia mora lá, então fiquei um mês de novo lá/ é, e depois disso foi Brasil/ sozinha” (anexos, p. 106)

Sabemos que sua primeira viagem ao Brasil ocorreu quando ela tinha treze anos e, logo, as suas idas aos Estados Unidos e ao Canadá foram anteriores a essa época e ela não discorre sobre suas imagens destes países. No entanto, fala sobre sua ida a uma ilha inglesa, para visitar um então namorado. Nesse momento ela trava contato com o que, para ela, constituía a alteridade e a ilha é imbuída de uma imagem de tranqüilidade e morosidade, em oposição à sua cidade natal:

109. “ahn eu acho que... sozinha você quer dizer?/ sozinha acho que foi pra outra...sabe uma ilha na Inglaterra/ ah pra... visitar um namorado que morava lá numa ilha no sul da Inglaterra e fiquei acho que dois- dois- duas semanas lá, é” (anexos, p. 103)
110. “**foi diferente** porque eu tinha que pegar trem sozinha, eu- eu tava com acho que dezesseis anos, quinze anos talvez, então **eu tava com medo** né?/ de pegar o... trem errado talvez ir pra outro lugar e/ **foi muito diferente porque minha cidade é muito rápido**, muita gente tá lá né porque é a segunda maior cidade da **Inglaterra mas o- a ilha foi tranqüila, muito devagar então foi muito diferente**” (anexos, p. 103)

Perpassando este contato com a alteridade, há a questão do medo, que se instaura por um questionamento de S₃ do que poderia vir a acontecer com ela mesma neste outro

espaço, o espaço do desconhecido. Vemos aqui um traço da relação que ela estabelece com o espaço físico da alteridade, o medo do desconhecido. Acreditamos ser este apenas um traço, pois, diante da complexidade do processo de encontro com o espaço físico do outro, ele é apenas uma propriedade que ela lhe atribui, antes de manter contato com ele. Quando o contato é efetivado, o espaço ganha novas imagens (tranquilo, devagar) não sendo mais o desconhecido do qual se tinha medo. Já na especificidade do espaço físico do Brasil, este “medo” do desconhecido parece não ter ocorrido, e suas primeiras representações do país remetem ao ter “calor” (lembramos aqui a imagem que ela tem do um, a Inglaterra: um país frio, com neve e, assim, o calor já demonstra um traço de alteridade), haver “outra língua”, e de ser bom: “o Brasil é legal”:

111. “eu acho que eu tava, porque eu tava com só treze anos, eu acho que eu tava com mais um- uma cabeça mais aberta/ porque eu não- eu não lembro de- de, ah, de perceber nada muito, só que ‘ah, que calor’, ah, ‘que’, ah.... ‘que legal eles falam outra língua’, né?/ e... é eu acho que eu não percebi nada quando eu tava com treze anos só, ‘que legal, né’(...)”(anexos, p. 107)

Vemos que essas primeiras representações que S_3 possui sobre o Brasil assim que manteve contato com o país são bastante generalizantes, não demonstrando nenhum traço que fizesse do Brasil um país em particular. Para ela, isso se explica por meio da idade com a qual ela veio para cá (e tal fator é, em seu imaginário, desencadeador de outros processos, como, por exemplo, seu bom aprendizado da língua portuguesa, como veremos adiante), visto que, aos treze anos, sua cabeça era mais “aberta”. Compreendemos essa “abertura” como uma metáfora para dizer que pouco ela sabia sobre o país e, portanto, sentia-se “aberta” para conhecê-lo e descobri-lo. Todavia, na sua segunda visita ao Brasil, ela se “fecha” mais, circunscreve os espaços do Rio de Janeiro e de São Paulo, e os toma como locais perigosos, onde há muito crime e, assim, seu medo volta a se instaurar:

112. “(...) há dois me- dois anos que eu não ia pro Brasil, então, não vinha pra Brasil/ **então- então eu estava com mais medo de- de São Paulo, né, de crime, que eu nunca tinha percebido antes nos meus, no Brasil, entendeu?/ então acho que eu tava um pouco preocupado com isso, né, tipo pegando... ônibus e porque meu tio ele já foi assaltado muitos vezes mas ele tá aqui vinte anos e ele mora na- no Rio e no- em São Paulo também, ele foi/ mas então eu tava com medo e pô, hum, não estava muito tranquilo é, quando**

eu- eu cheguei, mas agora, tá ótimo, ahn, mais tranqüilo, eu não percebo nada, nada” (anexos, p. 112)

É interessante notar que ela apreende experiências particulares do tio como regularidades para ambas cidades (o que ocorre também entre brasileiros quando dizem: “São Paulo e Rio são perigosas em qualquer lugar”, por exemplo), construindo uma imagem de crime e de perigo, que re-instauram seu medo – novamente - do que viria a acontecer com ela neste outro que não possui o conforto e a proteção do um. Quando o contato com o espaço físico se efetiva, o medo vai se abrandando e a mesma imagem da alteridade anterior (a ilha ao sul da Inglaterra) retorna e é atribuída a São Paulo: a tranqüilidade, somada, aqui, à sensação de se sentir “ótima” neste espaço, sugerindo uma certa completude de seu desejo pelo outro. Não podemos deixar de ressaltar que isto se trata de um efeito de sentido causado em S_3 , e ela mesma diz que hoje “não percebe nada, nada”, ou seja, aquela imagem ainda está presente, porém, a sua experiência com o espaço construiu uma outra representação, que lhe tem mais sentido e parece lhe preencher “melhor”.

Assim, podemos destacar, no processo de re-significação de S_3 , a presença de estranhamentos de ordem espacial e lingüística - como também havíamos verificado em S_1 e S_2 , porém, cada um com suas particularidades. Acreditamos, diferentemente dos sujeitos anteriores, que em S_3 temos duas dimensões dos aqui denominados “estranhamentos”. Em um primeiro momento, na sua visita ao país, pensamos haver estranhamentos, mas vemos que diante das experiências travadas com o outro quando ela passa a viver nesse outro espaço enunciativo, esses estranhamentos se tornam embates de fato, espaciais e lingüísticos, constituindo-se como conflitos entre uma identidade constituída na língua materna e esse outro espaço e essa outra língua, a língua estrangeira.

Retomamos, então, a questão do estranhamento espacial. Primeiramente, na visão de S_3 , o novo espaço enunciativo era um local onde o calor predominava, havia uma outra língua e, na ocasião de sua segunda visita, também havia a tônica do crime. Portanto, tratava-se de um espaço distinto à sua cidade de origem, constituindo-se, então, como uma alteridade. Como pudemos verificar, seu contato com São Paulo lhe traz a nova imagem de uma cidade tranqüila; e a vivência aqui lhe causa um embate em relação ao ritmo de vida levado neste espaço enunciativo do outro. Mais do que um embate puramente em relação

ao espaço físico, o conflito se dá no âmbito do modo de vida levado neste espaço, sendo, mais propriamente, de um caráter cultural/ espacial. Tal embate é muito forte para ela, visto que não consegue “abandonar” o ritmo de vida que tinha em seu espaço de origem, que a constituía e, então, não se “adapta” ao modo de vida “paulista”, chegando a comparar ambos espaços:

113. “(...) só que eu não assisto este aula de, ahn, Língua Portuguesa, ahn, Africana, desculpa, Literatura Africana por causa de, por causa da horário, porque começa às 8 horas e eu- eu moro na Zona Leste, eu sei que você faz isso mas, eu não po- **eu não consigo as- a- a- acordar às 5 e meia pra ir/ eu não- eu não consigo, então, na maioria das vezes eu não vou para este aula por causa disto/ porque na Inglaterra não é assim**” (anexos, p. 110)

114. “S₃: ah..., acho que foi **uma vida muita- muita corrida- corrida?**

I: uhm-hum

S₃: **e complicada** porque, mas é porque eu tô morando na zona leste com meus, minha tia, então eu tinha que viajar três- pega três metrô, depois ônibus pra rua Augusta, pra faculdade, então foi- foi difícil, né?/ **porque eu não tô acostumada disso porque a Inglaterra porque é tão pequena, né?**/ e... eu tenho uma viagem assim, mas não tem tanta gente que eu não moro em Londres, né?, então não tem tanta gente, né? (...)”(anexos, pp. 111-112)

Tal ritmo de vida paulista (“muito corrido” e “complicado”) torna-se uma imagem para S₃, que, então, vincula tal representação a uma outra sobre os paulistas e os brasileiros em geral, construindo esta última a partir da primeira:

115. “**agora** eu acho que... **acho que os brasileiros são trabalhadores... demais**, eu acho né, porque tipo como você se levanta 4 e meia/ acho que não, **você nunca vai encontrar isso, pouco, na Inglaterra, né?**/ mas como você tem muitas pessoas aqui no Brasil, muitas, não é assim na Inglaterra, né?/ é mais, mais fácil pra gente fazer coisas, assim, então acho que são trabalhadores porque tipo eu volto da, por exemplo, Paulista, num bar no Paulista, eu volto de metrô [mudança do lado da fita] é, então, ahn, indo pro trabalho e com olhos vermelhos, né, porque são tão cansados e, acho que, é, acho que trabalho, eles trabalham demais e estudam também, talvez eles vão pra trabalhar e depois, ahn, desculpa, **trabalhar e depois na noite vão estudar**, faculdade, é como você/ então, **isso não acontece muito na Inglaterra/ então acho que é... não é essa vida tão tranqüila que todo mundo fala, né?/ tipo, nos outros países, o povo acha ‘ah, Brasil, ah você pode ficar devagar’, acho que talvez é assim no nordeste, no norte, talvez né, Salvador, Bahia, não sei/ meu tio falou que é, tem gente que fala que é, mas aqui, nossa/ é, os paulistas que eu conheço sabe- fa- conhece- fala- falam que é... a vida**

em São Paulo é mais, muito, ou mais estressado, entendeu? (...)”(anexos, p. 113)

É importante, também, verificarmos que há a re-significação de uma imagem estereotípica acerca do povo brasileiro (“nos outros países, o povo acha ‘ah, Brasil, ah você pode ficar devagar”- e não podemos nos esquecer de que ela é de outro país e viajou por outros países) para a imagem do brasileiro “trabalhador”. (Também há a re-significação da imagem que ela possui do Brasil, que discutiremos mais adiante neste trabalho.)

O outro estranhamento que se torna um embate mais tarde é o de ordem lingüística, que passa da percepção/ estranhamento “ah, eles falam outra língua” a conflitos mais pontuais, marcados e relacionados com suas representações de língua e de aprendizado de línguas.

O primeiro traço de seu embate de natureza lingüística perpassa a gramática, mas toca, de fato, no “choque” entre as subjetividades na língua materna e na língua estrangeira, pois ela não compreende o tempo verbal já que não entende o conceito que ele transmite, que lhe é “totalmente novo”, ou seja, inexistente para ela até então:

116. “(...) então, mas o que foi difícil foi os, ahn, [tempo], sabe..., ahn, não lembro o nome em português, *tenses*
I: os tempos verbais?
S₃: isso, porque **eu tinha que aprender conceitos novos, completamente novos, né?**
I: você lembra de algum?
S₃: o subjuntivo, porque na Inglaterra acho que tem es- este tempo verbal, mas
I: tem o subjunctive mood, né?/ mas é diferente
S₃: tem, mas a palavra não muda/ nada muda/ tem este- este tempo verbal mas nunca muda, né?/ não tem que pensar noutra blá-blá-blá-blá-blá/ então eu não sabia que tinha subjuntivo em inglês, né? (...)”(anexos, p. 109)

117. “(...) então **isso foi difícil pra- pra aceitar outras idéias na minha cabeça que eu nunca- nunca tinha ouvido- nunca ouvi falar/** o subjuntivo e... ah, tem mais, tem mais, mas eu nunca, eu não sei, não sei agora/ acho que o subjuntivo foi o pior/ **o pi- pior porque eu não entendia porque** você tem que, porque- porque que uma idéia diferente do que, entendeu? (...)”(anexos, pp. 109-110)

Acreditamos haver, possivelmente, uma resistência inconsciente em “absorver” determinados conceitos da língua estrangeira, dado o fato de que eles constituem um

embate com certas “concepções” de sua língua materna e S₃, em específico, não consegue transpor tal embate; expressando, até mesmo, que lhe foi difícil aceitar idéias novas. Há, ainda, uma constante comparação entre a língua materna e a língua estrangeira e uma tentativa de explicação desse embate lingüístico relativa não ao seu aprendizado do português, mas do inglês:

118. “(...) porque a gente, na Inglaterra, não sei se você sabe mas, na Inglaterra, você não aprende essas coisas em inglês/ nada, eu tô vendo minha prima brasileira, né?, ela fazendo muitas coisas complicadas em português, nossa, **nunca aprendi isso em inglês, então por isso é difícil pras ingleses, americanos, aprender ou- outras línguas porque não tem, não tem jeito, né?/ porque a gente não, não aprende a língua própria antes de começar outra língua, né? (...)**”(anexos, p. 109)

Há uma representação de aprendizagem de língua estrangeira que ela relaciona à sua própria aprendizagem: para se aprender outra língua, é necessário sabermos muito bem a nossa língua materna para que possamos, então, realizar paralelos entre ambas e compreender conceitos da língua estrangeira.

Assim, quanto à sua própria aprendizagem da língua portuguesa, S₃ possui uma imagem de que a aprendeu muito bem (discutiremos tal representação adiante). Porém, acreditamos que questões como a apresentada anteriormente, acerca de conceitos distintos entre as línguas, direcionam S₃ a um efeito de incompletude de seu aprendizado, como se ainda houvesse algo a se aprender/ apreender na LE. Vemos tal dimensão quando ela reconhece uma outra dificuldade lingüística, além da conceitual/ gramatical: sua não-habilidade em realizar provas em português, que lhe são difíceis:

119. “(...)é, então, a faculdade é um pouco difícil, né? (...)

120. “ah, isso, então eu não vou [às aulas da disciplina de Literatura Africana]/ mas a Cinema Documental eu gosto muito e Literatura Brasileira também **mas só que e- eu não, eu- eu tenho dificuldade de fazer as provas, né, em português/ ainda não... não tenho português suficiente, né, pra- pra escrever uma prova (...)**”(anexos, p. 110)

Destacamos, novamente, a sua imagem de língua, como uma esfera a se atingir a completude; e de aprendizado de línguas, como, parece-nos, de um acúmulo de

conhecimentos a fim de se alcançar uma totalidade imaginária, e se ter o “português suficiente” - uma representação de proficiência na língua estrangeira.

Entretanto, também esse ideal de proficiência entra em conflito com a “realidade” de S₃. Ela explica que, embora as provas sejam difíceis, ela não precisa efetivamente fazê-las, pois é uma aluna de intercâmbio e sua faculdade na Inglaterra não lhe exige notas, somente a frequência nas aulas na universidade brasileira:

121. “(...) então é difícil saber como organizar meu tempo aqui que **eu tenho assistir aulas em português na faculdade aqui na USP mas eu não tenho que passar nada/ então não tenho es- incentivo, muito incentivo, né?** de fazer porque eu tô pensando sempre no meu trabalho, né? (...)/ é, então eu tô fazendo, então é brasi- é português mas eu tenho que escrever em inglês, então não me ajuda muito, né? (...)”(anexos, p. 111)

Isso nos leva a duas conclusões: a primeira, de que, provavelmente, ela veja o Brasil como um espaço provisório, ao qual ela veio para acumular conhecimentos para, então, retornar a seu país (mais adiante, nesse trabalho, aprofundaremos tal conjectura); e a segunda, de que o ideal de proficiência é desejado por ela, mas seu não-alcance e as dificuldades que permearam o processo serão sempre explicadas, por S₃, por razões externas (os conceitos são novos porque não há aprendizado lingüístico formal na Inglaterra como há no Brasil; as provas são difíceis mas ela não possui incentivo para fazê-las pois seu trabalho deve ser escrito em inglês).

Retornamos, agora, à representação de S₃ acerca do aprendizado de línguas, na qual, em seu imaginário, deve-se saber a língua materna para se poder compreender a língua estrangeira. Até então, havíamos visto como essa imagem se vinculava à questão das dificuldades na LE; e propomo-nos, neste momento, a verificar como essa mesma representação se relaciona, também, a uma de suas “facilidades” da língua estrangeira.

S₃ nomeia dois aspectos da língua portuguesa como “fáceis”: o “sotaque” brasileiro e a ortografia. É no âmbito do segundo elemento que há a relação entre o inglês e o português, mesmo sendo as “estruturas” de tais línguas tão distintas entre si:

122. “(...) **porque na Inglaterra, eu gosto, em inglês, eu sou bom- boa com autografia, coisas assim, então isso foi fácil pra mim em português, né?/ eu- eu posso mais ou menos ouvir como- como tá falado e es- escrever (...)**”(anexos, p. 109)

Portanto, ela acredita “transferir” seu conhecimento em “autografia” (entenda-se “ortografia”) de sua língua materna, para a língua estrangeira, como uma habilidade que ela já possuía e emprega, também, na LE.

Já sua outra facilidade, a pronúncia, é explicada por ela por meio da sua vinda ao Brasil quando era adolescente, que, em seu imaginário, é uma característica positiva para o aprendizado de uma língua estrangeira, como se quem aprendesse mais jovem, aprendesse “melhor”¹¹ e, por conseqüência, falasse com menos sotaque:

123. “S₃: ah, ah, acho que o que foi fácil para mim era o ma- o sotaque, né?/ porque eu não falo como todo- muitas estrangeiras, né?, inglesas/ inglês- eu- eu- eu per- percebo- percebo com minhas amigas inglesas que eles têm sotaque- elas têm sotaque muito forte/ eu- eu sei que eu tenho sotaque mas acho que porque eu- eu aprendi com treze anos, eu mimizou? mimizei? mi-
I: você- você consegue imitar?
S₃: imitar, isso/ então eu imitei com muito- com muito facilidade, né?/ então isso, ahn, ficou comigo/ então isso foi fácil (...)”(anexos, p. 109)

Também, é esse efeito de “facilidade” na pronúncia da língua estrangeira relacionado ao aprendizado quando era jovem um dos fatores que leva S₃ a repensar o curso universitário que fazia e considerar o português. Talvez ela estivesse desmotivada com seu curso por quaisquer motivos (um deles mencionado por ela como a sua escolha um tanto arbitrária do curso, que, provavelmente, não refletia exatamente seus desejos), e a sua sensação de falar bem português, pois o aprendeu quando tinha treze anos, motivam-na para um estudo mais formal da língua, para um “debruçar-se” sobre a língua estrangeira com mais atenção:

124. “política, é isso?/ então, políticas sociais/ e, e... só porque eu não queria, não sabia o que eu queria fazer na escola e você tem que escolher uma coisa e ah, você tem que saber, né?/ então, eu escolhi, mas depois dum ano, eu tava pensando pra voltar, em voltar no Brasil- pro- pro Brasil e... (...) então eu voltei de lá e tava pensando nossa eu- eu aprendi português muito bem, aprendi quando eu tava com treze anos/ eu comecei a aprender eu tava entendendo muito, então eu- eu- eu- eu pensei, nossa, eu quero estudar

¹¹ A esse respeito, assinalamos que esta imagem tem correspondentes na Lingüística, como na teoria do “Critical Period Hypothesis”, discutida por Johnson e Newport (1989), que afirmam que há uma idade crítica para aprender línguas estrangeiras de um “modo efetivo”.

português porque eu já falo um pouquinho, eu acho que eu- acho que eu posso aprender, né?/ e eu então eu perguntei para a minha universidade pro departamento português, eu quero fazer português, blá-blá-blá-blá-blá-blá, e eles faralam- eles falaram ‘ah, legal, então você só tem que passar o seu ano agora e aí você pode trocar’ (...)(anexos, p. 108)

Deste modo, vemos que esta imagem de possuir uma boa pronúncia lhe causa um efeito positivo, motivador, que mantém o seu desejo do contato com essa língua do outro.

Pensamos ser relevante, também, lançar o olhar sobre a maneira como S₃ vê o aprendizado de pronúncia de uma língua estrangeira: trata-se, para ela, de uma imitação, uma “mímica” (“eu mimizou? mimiquei? mi- (...) eu imitei com muito- com muito facilidade, né?”). Tal representação, importa destacar, é enunciada nas palavras do outro, mas fazendo referência às palavras da língua materna, ou seja, há um conflito na própria materialidade da língua que, ao dizer sobre seu aprendizado, S₃ vale-se de um termo inglês (pois é a esta idéia que ela quer se referir). Assim, ao dizer “eu mimizou? mimiquei?”, S₃ parece empregar o verbo “to mimic”, que significa “copiar a maneira que alguém fala e que se move” (“to copy (the way someone speaks and moves)”, Cambridge Dictionary, 2000: 543), apontando para um embate lingüístico e, simultaneamente, para uma representação que nos parece reducionista acerca do aprendizado de línguas, como algo “imitável”.

Acreditamos que esta imagem de mímica está relacionada a outra representação de S₃ sobre, ainda, o aprendizado da LE. Em seus dizeres, ela afirma possuir uma preferência por aprender a língua por meio do contato com os falantes da mesma, que, para nós, parece estar vinculada à possibilidade de “mimicar” (sic) melhor:

125. “gosta? gosto- eu gosto agora [de estudar português]/ mas eu- **eu prefiro aprender assim, no país mesmo com pessoas, né? (...)**”. (anexos, p. 108)

Parece-nos que tal hipótese fica mais clara quando ela fala sobre o italiano, uma língua que ela também estuda. S₃ pretende dirigir-se ao espaço enunciativo dessa outra língua, motivada por esta imagem de um contato com falantes que otimiza a aprendizagem:

126. “(...) e.. também **eu quero morar** talvez uns seis meses, um ano em- na Itália **porque eu aprendo (...)**”(anexos, p. 112)

127. “(...) então **eu gostaria de- de passar um tempo lá, morando lá, trabalho-trabalhando lá pra- pra aprender a língua, é (...)**”(anexos, p. 112)

Vemos que S_3 é assaz crítica ao aprendizado de línguas e, a partir de seus dizeres, podemos depreender uma série de representações acerca do assunto, como pudemos verificar: a) para aprender a LE é preciso saber bem a LM para traçarmos paralelos entre as línguas; b) a língua estrangeira possui uma totalidade (imaginária) a ser atingida; c) a aprendizagem de pronúncia é melhor “assimilada” se ocorre quando o sujeito é bem “jovem”; d) aprende-se pronúncia por meio de “mímicas” e e) o contato com os falantes beneficia o aprendizado da LE. Todas essas imagens vinculam-se à sua aprendizagem do português com língua estrangeira e, também, ao seu processo de re-significação identitária, pois estão relacionadas aos embates lingüísticos pelos quais S_3 passa, seja a respeito dos aspectos que ela nomeia como “dificuldades”, seja em relação às suas “facilidades” que, ambos, encontram-se em um espaço de tensão entre o um e o outro.

Por fim, gostaríamos de discutir a sua re-significação das imagens de São Paulo, do Brasil e da língua portuguesa, ocorrida a partir da efetivação do contato com este espaço enunciativo. Para tal, é necessário retomarmos três pontos importantes do processo identitário de S_3 :

- 1) a imagem que possui do próprio espaço enunciativo, sua cidade e seu país de origem: um espaço de “cultura”, uma “nação de cultura”;
- 2) a imagem inicial do Brasil: um lugar quente onde se falava outra língua;
- 3) a imagem inicial da cidade de São Paulo: um lugar perigoso, de muito crime.

Buscamos novamente estas representações, pois elas apontam para uma re-significação das imagens de São Paulo e do Brasil e do português, todas essas ligadas à imagem de “cultura”. A noção de cultura, tão fortemente presente em seus dizeres acerca de suas bases fundadoras, é atribuída ao espaço enunciativo do outro, após a vivência/experiência nele:

128. “(...) acho que, nossa eu não sei, **acho que- acho que o Brasil está, a imagem do Brasil está melhorando, né, no- no mundo, tipo, ah, eles tão fazendo coisas boas, né, coisas que o resto do mundo tá percebendo, entendeu?/ tipo, os filmes, por exemplo,** nossa, com “Cidade de Deus”, por exemplo, o- a- o mundo nunca- nunca percebeu, né, que o Brasil iria fazer um filme assim, mas é muito famoso no mundo inteiro, né, nos Estados Unidos, na Inglaterra, todo mundo gosta disso- deste filme, né?/ e pras turistas tá- tá

virando mais fácil pra viajar pra cá, né?/ e... então acho que tá melhorando, então (...)”(anexos, p. 115)

129. “(...) só que eu gosto muito de morar aqui e... ahn/ eu-eu espero que muitas-mais pessoas vêm pra cá, né, pra ver como é porque **não é aquela *third country*, *third world country***, né?, mais (...)”(anexos, p. 115)
130. “(...) a vida, então, é, assim e... que mais, eu gosto muito das pessoas aqui/**ahn, gosto da Brasil gosto de viajar, tem praias e lugares lindos/** tem praias também, né?/ no interior e... que mais... **cultura, nossa, São Paulo é muito bom por isso, né?/ tem, ahn, festivais de cinema, música, ar-, ahn, arte, né, museus de arte, exi-, ahn, como é que é?, exposi-**“ (anexos, p. 113)
131. “**exposi- exposições em muitos os lugares**, ahn, alguma coisa tá acontecendo sempre, né?/ **muito legal, muito legal (...)** é **peças também, muitas coisas variadas**, né?, variadas, muito legal” (anexos, p. 113)

Assim, São Paulo - pelas suas manifestações artísticas-, e o Brasil- por seus lugares lindos- são re-significados como “lugares de cultura”, a partir de sua representação de cultura. Esta constitui S₃ e é uma imagem constituída em suas bases fundadoras na língua materna e que S₃, inconscientemente, “transfere” para esse espaço do outro. Indo mais adiante, pensamos que é aí que incide sua busca pelo outro: a procura por um contato – material - com uma outra cultura, que ela possa experimentar, viver, “absorver” para si. Parece-nos que há a busca por imbuir-se de conhecimentos, por “acumular” “cultura” e construir um repertório cultural, por assim dizer, para, quando retornar ao seu espaço de origem, ainda integrá-lo, e mais, integrá-lo com “propriedade”.

Em relação à língua, identificamos um processo análogo, pois vemos que ela toma o português com uma função utilitarista: um conhecimento que ela adquire neste momento para utilizá-lo depois, com algum objetivo prático:

132. “I: e pra terminar, o papel da língua portuguesa/ qual você acha que é o papel do português hoje?
S₃: eu espero que esteja importante, né, porque **agora que eu fa- eu tô aprendendo falar, eu quero fazer uma coisa com isso (...)**”(anexos, p. 115)

Quando S₃ discorre sobre seus planos para o futuro próximo, acreditamos estar diante de uma dessas utilizações práticas da língua portuguesa: o uso da língua para poder viver e trabalhar em Portugal:

133. “I: e você tem planos de ficar aqui até julho, voltar pra lá, terminar a faculdade e voltar pra cá ou você vai continuar lá?

S₃: acho que eu vou conti- continuar lá, talvez **eu vou passar um pó- um tempinho no- no Portugal porque é mais fácil pra mim, ah, ganhar trabalho na- na- em Portugal (...)**” (anexos, p. 112)

Com base nessas considerações, acreditamos que S₃ relaciona-se com o espaço do outro como o espaço da provisoriedade. Há o desejo de entrar em contato com ele a fim de conhecer sua cultura, vivenciá-la, mas que está intrinsecamente ligado à sua formação identitária: a de um sujeito constituído em um “espaço de cultura”. Pensamos ser importante deixar claro que o fato de ela se deslocar espacialmente e aprender a língua do outro, ainda que com fins de retornar ao um, e a partir de uma imagem que ela possui desse um, não exclui a possibilidade de ela ter passado por uma re-significação identitária. Mesmo que não formulada por ela, a re-significação se dá, pois algumas de suas imagens “mudam”, adquirindo novos sentidos e, de maior importância, ela também passa por embates - de natureza espacial e lingüística -, como pudemos verificar e que apontam que sua identidade é habitada por outros. Ela não está imune aos efeitos do outro.

Assim, após a reflexão acerca dos dizeres dos três sujeitos, pudemos verificar que os processos de re-significação identitária são singulares, pois envolvem cada sujeito, tomam e afetam suas subjetividades e se relacionam com as experiências e representações de cada um. Portanto, os três sujeitos com os quais trabalhamos neste estudo sofreram/ passaram por diferentes processos de re-significação e que se direcionaram por áreas distintas. Entretanto, pudemos verificar pontos de contato entre eles, sendo estes os estranhamentos espacial e lingüístico - que assumem traços característicos em cada sujeito.

Gostaríamos, então, de lançar o olhar novamente - porém, de um modo mais breve - para nossas análises de processos identitários, fazendo o percurso, nesse momento, de S₃ a S₁, visando às distinções em cada um.

Quando se dirige ao contato com o outro, S₃ o faz trazendo consigo representações e experiências fundadas em seu espaço enunciativo de origem e por meio da língua materna - assim como também o fazem os demais sujeitos de nossa pesquisa. Assim como eles, S₃ também re-significa algumas de suas imagens (acerca do espaço enunciativo do outro - São

Paulo e Brasil, por exemplo) e sofre embates espaciais e lingüísticos; porém, o que a distingue deles é o fato que tais embates são mais propriamente de cunho cultural e, mesmo diante deles e de suas imagens re-significadas, ela continua a representar seu espaço da mesma maneira e, assim que seu intercâmbio por aqui terminar, o contato com o outro, no espaço enunciativo do outro, é provisório e parece-nos que ele se constrói como uma etapa de acúmulo de conhecimento e de cultura para que, então, ela retorne do seu espaço, o espaço de “cultura”- uma imagem que a constitui e lhe é tão significativo. Para nós, seu desejo do outro é preenchido no contato com ele, e que proporcione esse acúmulo a que nos referimos e que se volta, depois, novamente para o um.

Já S_2 , cujo processo de re-significação discorre em diversos espaços enunciativos, possui, segundo nossa visão, uma diferente imagem do outro, não como de um espaço provisório, mas de uma alteridade por excelência, pela qual ele constantemente busca. Sofre também embates, de ordem espacial/ cultural e lingüística, e re-significa, por exemplo, uma imagem idealizada e estereotípica do Brasil. Aqui se sente bem, cria laços afetivos e é motivado a aprender a língua; todavia, ainda busca um outro *outro*, como, possivelmente, o Japão. Vemos que o contato com o outro lhe preenche por um certo tempo, sendo também provisório. Porém, a provisoriedade no outro em S_2 é diferente, pois não é marcada e objetivada para o retorno ao um, como em S_3 ; ao contrário, trata-se de um efeito: quando algum evento ocorre, ou ele encontra traços do um no outro, este outro lhe basta, o seu desejo ali parece já ter sido preenchido, e instaura-se uma nova busca por outro *outro*. Destacamos, ainda, que este é um processo contínuo.

Em S_1 , o contato com o outro parece ter causado efeitos de maior amplitude: além dos embates físico e lingüístico, ele re-significa as suas representações acerca do seu espaço, do espaço do outro, dos valores que lhe são caros e aqui constitui família, e esta se enuncia no português. Embora ele deseje sair da cidade de São Paulo, em específico, quer continuar no Brasil, onde se sente bem e vê que sua vida e os valores que re-significou aqui lhe têm mais sentido. Diante desses fatores, o contato com o outro lhe trouxe um efeito de completude.

Portanto, concluímos que os processos identitários são singulares, de natureza distinta e diferentes modos de re-significação. As razões para tal diferença de “intensidade” entre os processos identitários de cada sujeito, acreditamos, podem ser várias, como, por

exemplo, as diferentes subjetividades de cada sujeito, o seu modo de contato com a língua, o tempo no espaço enunciativo do outro, as experiências vividas ali, suas motivações (não-) preenchidas, entre outros. Em suma, um sujeito singular, um contato distinto, um processo único.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de desenvolver reflexões finais sobre este estudo, retomamos os objetivos a que no dispusermos, porém, não com o propósito de respondê-los - visto que este foi o percurso que realizamos- mas de recuperá-los para, sobretudo, discuti-los. Por meio deste trabalho, pudemos compreender, sob uma perspectiva discursivas, e, também, com base em alguns conceitos próprios da Psicanálise, as motivações de um sujeito que se dirige a um espaço enunciativo não prestigiado em termos econômicos, entre outros fatores, deixando seu espaço de origem, valorizado sócio-economicamente. Ainda, buscamos analisar elementos dos processos identitários pelos quais esses sujeitos passaram, investigando os conflitos que se deram entre as bases identitárias fundadoras do sujeito e esta outra identidade em formação - a estes denominamos embates e estranhamentos -, e verificamos que, nos sujeitos de nossa pesquisa, foram de três ordens diferentes: espacial, lingüística e cultural.

Vale notar, também, que observamos que este processo de inscrição em uma outra discursividade é complexo, pois envolve não somente a sua motivação para o deslocamento para um outro espaço enunciativo- o desejo pelo outro- bem como as representações que os sujeitos possuem sobre seu próprio espaço e língua e o espaço e a língua do outro, levando-se em consideração que estas constituem o sujeito e permeiam o processo, vinculando-se, por um lado, às experiências travadas com o outro e, por outro, à aprendizagem da LE.

Assim, a busca por um contato material com o outro desloca os sujeitos de nossa pesquisa para o Brasil, pois, em seus imaginários, este constitui-se como a alteridade distinta da imagem que eles possuem de seu espaço de origem. Aqui, a caracterização física constitui-se como um estranhamento (S_1 não (re-)conhece nada que vê, S_2 acredita vir ao paraíso e depara-se com um espaço semelhante ao seu e S_3 toma o país como dotado de “calor” por todas as partes e, após, também de crime), seguido pelos embates lingüísticos (a estrutura gramatical- tempos verbais e conjugação verbal- para todos os sujeitos, o falar e o ouvir- para S_1 , o ouvir- para S_2 , em formas diferentes em cada sujeito) e, por vezes, tanto um quanto o outro são de ordem cultural (por exemplo, a compreensão auditiva para S_2 era mais propriamente de caráter cultural que lingüístico, pois referia-se aos “backgrounds” diversos dos falantes da língua e não a uma dificuldade lingüística somente; e, para S_3 , o

estranhamento espacial orientava-se mais para um cunho cultural, visto relacionar-se ao ritmo de vida e não comente à caracterização física deste espaço).

Também é significativo observar o medo que os sujeitos passaram durante seus processos de re-significação identitária. Este é enunciado por dois dos três sujeitos de nossas pesquisas, porém suas manifestações diferem: em S₁, ele é intenso e, parte de seu embate lingüístico, é forte a ponto de mantê-lo em casa até que ele se sinta, em seu imaginário, “pronto” para enunciar-se na língua do outro e “adentrar” nessa outra discursividade. Já para S₃, trata-se do medo do espaço do outro, que é diferente, não proporciona o mesmo conforto do um, e é dotado de uma imagem de “crime”. Em todos eles, embora a manifestação seja distinta, parece-nos que a motivação desse medo é a mesma: é o medo do que pode vir a acontecer com eles mesmos - seu corpo físico e sua subjetividade - neste outro, diferente e desconhecido.

Pensamos que tais reflexões sobre o processo de inscrição dos sujeitos na língua estrangeira foram valiosas, pois pudemos compreender as diferentes dimensões dos sujeitos aprendizes de LE (em nosso contexto, o português) e do processo de re-significação identitária pelo qual passam, sugerindo que se trata de um fenômeno complexo, não-linear e tampouco “fácil” ou “suave”.

Vemos, também, que as imagens da língua portuguesa por nativos de inglês apontam para uma não-valorização desta em um contexto mundial, como uma língua em posição periférica em relação ao inglês. Este é visto frequentemente, também pelos nativos, como a língua do “mundo”, da globalização, de transações comerciais e de viagens. É notável, portanto, que essas se constituem como representações das línguas em questão e ecoam, correntemente, em diferentes formações discursivas e ideológicas.

Por fim, gostaríamos de assinalar que, neste estudo, lançamos o olhar sobre as representações acima descritas e aspectos do processo identitário dos sujeitos. Em uma futura etapa, temos o objetivo de realizar um estudo de Mestrado ainda neste âmbito, procurando nos aprofundar no nível do intradiscorso, da materialidade lingüística, e verificando, no fio do discurso, possíveis manifestações da subjetividade do sujeito, pois acreditamos que uma análise mais detalhada a este respeito poderia ajudar a ter mais elementos em direção a um melhor entendimento da inscrição do sujeito na língua do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. “Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso”. In: *Entre a transparência e a opacidade: Um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

BERTOLDO, E. S. “O contato- confronto com uma língua estrangeira.” In: CORACINI, M. J. (org.) *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. pp. 83-118

CASTRO, E. de M. *Psicanálise e Linguagem*. 2^a. ed. Série Princípios. SP: Editora Ática, 1992

CHNAIDERMAN, M. “Língua(s)- linguagem(ns)- identidade(s)- movimento(s): uma abordagem psicanalítica”. In: SIGNORINI, I. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, SP: Fapesp, 1998. pp. 47- 67

CORACINI, M. J. “Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade.” In: CORACINI, M. J. (org.) *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. pp. 139-159

COSTA, A. *Corpo e Escrita: relações entre memória e transmissão de experiência*. RJ: Relume Dumará, 2001

FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. (trad. Maria de Lourdes Sette Câmara). RJ: Jorge Zahar Ed., 1998

FOUCAULT, M. (1979) *Microfísica do Poder*. RJ: Edições Graal, 2005

_____. (1971) *A Ordem do Discurso*. (trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio) 2ª ed. SP: Edições Loyola, 1996

GRIGOLETTO, M. “Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira.” In: CORACINI, M. J. (org.) *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. pp. 223- 235

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995

_____. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós- Modernidade*. 9ª ed. (trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Loureiro). RJ: DP&A, 2001

_____. "The Spectacle of the Other." In: HALL, S. (ed.) *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London/ Thousand Oaks/ New Delhi: Sage Publications, 1997. pp. 223- 290

HOUAISS, A. et VILLAR, M. de S. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. RJ: Objetiva, 2001

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. (trad. Maria Carlota Carvalho Gomes). RJ: Rocco, 1994

LANDAU, S. (ed.) *Cambridge Dictionary of American English*. USA: CUP, 2000

LOURENÇO, E. “Portugal- Brasil: um sonho falso ou um único sonhador”. In: *A nau de Ícaro*. Lisboa: Gradiva, 1999

NASIO, J.-D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. RJ: Jorge Zahar, 1995

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 4^a. Ed., 2002

_____. (1988) *Discurso e Leitura*. 4^a. ed. SP: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1999

_____. (org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993

_____. (1996) *Interpretação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998

PÊCHEUX, M. (1975) *O Discurso: estrutura ao acontecimento*. (trad. Eni Puccinelli Orlandi) 2a. ed. Campinas: Pontes, 1997

_____. (1988) *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (trad. Eni Puccinelli Orlandi et al.) 3a. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997

PRASSE, J. “O desejo das línguas estrangeiras”. In: *A Clínica Lacaniana: Revista Internacional*- RJ, Paris, Nova York, Buenos Aires. Ano 1, nº. 10 Junho/ 1997. editora Companhia de Freud. pp. 63-73

REVUZ, C. “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”. (trad. Silmara Serrani-Infante). In: SIGNORINI, I. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, SP: Fapesp, 1998. pp. 213- 230

SERRANI-INFANTE, S. “Identidade e Segundas Línguas: As Identificações no Discurso”. In: SIGNORINI, I. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, SP: Fapesp, 1998. pp. 231- 264

WOODWARD, K. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença*. SP: Vozes, 2000. pp. 7- 72

ANEXOS

Entrevista com S₁

I: bom dia, Cory/ eu gostaria que você falasse de você, onde, quando você nasceu e como era a sua relação com a sua cidade e com o seu país/

C: bom/ é, eu sou dos Estados Unidos, do estado de Ohio/ Ah... e, cidade, não era cidade, era mais, uhn, era cidade pequena de dez mil pessoas, chama Willmington/ é... e era uma cidade bem confortável pra gente, uma cidade bem segura, eu gostava muito da cidade, é... morava das, de- de... uns 15, 16 anos da minha vida nessa cidade/ depois eu fui pra faculdade em outro estado, deixei- deixei a minha mãe lá na cidade e... depois da faculdade eu foi trabalhar em outro estado e... é... de- de Califórnia/ trabalhando, pra trabalhar, trabalhei um pouquinho na- na minha área e depois eu vim pra cá pro Brasil [risos]

I: quando você foi pra faculdade, pra qual estado que foi?

C: era o estado do lado, era o estado de Indiana/ é uma cidade, mas era cidade um pouco maior, em vez de, tinha é... 50 mil pessoas, então pra mim era enorme [risos]

I: e quando você disse que você foi trabalhar na Califórnia na sua área, qual a sua área?

C: na minha área, área de Engenharia

I: área de Engenharia/ você é graduado em Engenharia?

C: não, eu não me formei, eu fui trabalhar como é... estagiário, eu tava no meio da faculdade e fui trabalhar em outro estado de Califórnia como estagiário e... acabei fazendo intercâmbio nesse meio tempo também aqui no Brasil/ e nesse meio tempo eu... decidi largar tudo e... e vir pra cá

I: e nesse meio tempo você veio pra cá pela primeira vez

C: [Pra fazer o

I: você lembra quando foi, que ano foi?

C: isso foi em, ahn, 98, eu fiz intercâmbio aqui na USP, na FEA/ ahn, eu fiz um intercâmbio de três meses de- de Economia e Língua Portuguesa

I: e... fala um pouquinho mais da sua cidade, lá em Ohio

C: a minha cidade, a... a minha cidade é... bom, eu não nasci nessa cidade, eu nasci na, no estado de Califórnia mesmo/ mas eu foi pra cidade com um ano e meio é, é a cidade que... onde a minha mãe nasceu, os meus avôs maternos é... até hoje moram nessa cidade... ahn, a

cidade tinha uma escola, ahn, mas era uma comunidade com- com muitas crianças, então a minha classe, ahn, tinha duzentos pessoas

I: numa sala só?

C: não, numa sala não, mas eu acho que tinha quatro salas é, de- de...

I: cinqüenta alunos

C: é, por aí, quatro salas de cinqüenta alunos/ e eu- eu me formei com mais duzentos pessoas/ então era uma turma grande, é, a cidade em si era, é, a cidade é bem pequena, é- é simples, tem Mc Donald's, tem Wal Mart, como todas as cidades nos Estados Unidos, não é isso? é... uma cidade simpática, eu- eu, se eu pudesse voltar um dia pra morar, eu- eu, morava nessa cidade

I: sua família ainda está lá?

C: ainda está/ a minha mãe

I: você tem contato com eles?

C: o meu contato é... eu falo toda semana com a minha mãe no telefone, minha mãe e o meu avô, é, eu, eu falo com ele mas, com menos freqüência, uma vez por mês/ a minha irmã morava nessa mesma cidade, mas ela se casou de novo e foi pra outra cidade e então ela tá- tá mais longe, mas é, a nosso ponto de referência é, a casa da minha mãe que é nessa cidade

I: e desde que você veio para cá você não voltou mais pra lá?

CD: não, eu volto, eu volto/ eu tento voltar é, uma vez por ano/ eu gosto de voltar, mas como eu tenho duas filhas pequenas, então é difícil voltar

I: [voltar todo mundo

C: é, então, faz quase dois anos que a gente não- não vai, mas é, vamos ver, eu quero ir logo para lá

I: desculpa, quantos anos você tem?

C: eu tenho trinta e um anos

I: e as suas meninas?

C: bom, a maior, a Júlia tem três anos e a menor, a Maria, tem- tem um ano

I: e elas são brasileiras?

C: são... brasileiras, nasceram aqui

I: e em relação, em relação à questão da língua, como você vê o papel da língua inglesa e também dos Estados Unidos no mundo contemporâneo?

C: ah não sei, essa é uma questão tão, tão complicado, né? é... bom/ é... não sei se é infelizmente ou felizmente, é- é... a gente tem uma língua que... é... que é mais forte no mundo de, é... de... desse processo de globali- globalização/ é... bom, a língua inglesa eu acho que não é nada especial, é, não é nada, não é melhor do que as outras línguas, não é mais perfeita, não é/ é só uma questão do que os países onde se fala o inglês é... têm mais poder econômico e... é, não sei... e até em classe social, até de aquisição de bens, têm mais poder nessa área/ então, pra mim, a língua é minha língua, eu falo essa língua desde pequeno eu, às vezes, eu- eu me encontro fazendo julgamentos sobre o processo de, é, de globalização, de usar essa língua no mundo inteiro e até em forçar alguns, é, as culturas locais em usar essa língua, eu tenho uma visão muito crítica dessa, dessa prática, é... e eu tento, como professor, eu tento não forçar essa, é... é, essa idéia de, dos Estados Unidos é o melhor, a gente manda em tudo, tem que aprender o inglês ou você não vai é, conseguir um emprego melhor/ eu- eu, eu não gosto de fazer isso/ é, porque tem, eu acho que tem possibilidades/ eu acho que qualquer língua ajuda na comunicação de outras pessoas, é, seja inglês, espanhol, francês/ eu acho que, aprendi- aprendizagem de línguas, é, eu, eu acho fantástico, mas eu não dou preferência pra inglês

I: só voltando um pouquinho, você falou que você fez intercâmbio na FEA em 98/ por que a escolha da FEA, por que a escolha do Brasil?

C: é, bom eu tava, eu tava na faculdade de Engenharia

I: qual era a faculdade?

C: a faculdade era Rosehoman Institute of Technology/ é, eu tava é, pensando em fazer, sair do meu país um pouquinho pra, pra ver o mundo/ é, eu- eu entrei em contato com uma organização nos Estados Unidos que dá dinheiro pros é, alunos de graduação, pra é, pra ir pros outros países pra estudar um pouquinho/ eles dão dinheiro, passagem, tudo/ é, eu entrei o concurso pra ganhar esse- esse prêmio e, esse, esse bolso né, de estudar fora e... eu tinha que escolher entre dois programas de- de- de estudo/ tinha um programa e eu queria nessa área de Engenharia, né? só que não tem curso de verão de Engenharia/ então, eu tinha que escolher uma coisa mais próximo/ é, eu tava pensando no Brasil, na Argentina e, até possivelmente, a Europa, ou a Polônia, ou um país menos, menos frequentado pelos- pelos

americanos, eu queria evitar um pouquinho/ e no final, eu gostei do programa da FEA, que tinha uma questão de- de- de ver vários setores da, é, da Economia, pra ver a parte de- de açúcar, de petróleo e isso foi interessante para mim, mas é, ahn, mais ligado a minha carreira naquela época/ é, então, escolhi o Brasil e a- a USP pra- pra fazer esse, esse intercâmbio

I: e naquela época você já falava o português, já tinha intenção de falar português ou foi, você veio pra cá e aprendeu aqui?

C: olha, eu acho que naquela época eu não tinha, eu não- não- não falava nada, zero- zero, zero/ é, e mesmo fazendo o primeiro curso de- de- de português, eu não, é, eu não dei muito valor, eu- eu tava aqui mais de férias, eu queria curtir, ver outras culturas e, eu tava com um grupo de 23 americanos, então, todo o curso era em inglês, menos as- as aulas de português, então não era necessidade para mim/ ahn, então eu não me forcei muito pra- pra aprender naquela época, então eu não aprendi nada [risos] Só umas palavras

I: e você lembra quais palavras?

C: obrigado, festa [risos] é

I: OK/ e além do português, você fala outra língua?

C: não, eu estudava espanhol muitos anos, mas aquela, o espanhol de- de escola, que não se aprende nada/ então, o que eu aprendi eu - eu lembro só por causa do- do português/ se eu viajar pro, prum país que fala espanhol, eu- eu- eu uso mais português com algumas palavras que eu lembro de espanhol/ só isso, né

I: quais você lembra?

C: do- do espanhol?

I: é

C: ai, das diferenças, né? é... agora eu não lembro, não tô lembrando...

I: e... se você pudesse resumir o que te levou, quais foram os fatores que te levou a aprender a língua portuguesa? se pudesse colocar em vários fatores...?

C: bom, é, quando eu- eu tava aqui em 98 estudando, eu conheci a- a minha esposa, é, que é brasileira e... a gente, depois de voltar pros Estados Unidos, ela ficou aqui/ e a gente ficou, é, a gente ficou conversando no telefone, na Internet, é, viajando

I: [em inglês ou português?

C: é, era tudo em inglês nessa época/ é... e, eu viajava pra cá, ela pra lá/ Uma troca de- de, é, de viagens pra gente se encontrar/ e de repente a gente tava lá nos Estados Unidos juntos e a gente resolveu se casar em cima da hora, a gente não avisou pra ninguém/ é, depois do casamento, ela voltou um dia depois do casamento, ela voltou pra cá/ eu fiquei, e eu comecei a pensar que, o que que a gente ia fazer/ não dava pra eu ficar nos Estados Unidos e ela aqui no Brasil e ter um casamento normal, né? é, bom, eu resolvi deixar minhas coisas e vir pra cá pro Brasil/ ela tava, mais, acho mais feliz na carreira dela e, eu tava é... pensando que eu ia fazer, então eu larguei tudo e eu vim pra cá/ foi nessa época que eu percebi que eu, bom, vou- vou ter que aprender o português, né? não dá pra viver, morar num lugar sem falar a língua, então, por isso, eu- eu achei bem importante falar a língua/ eu comecei estudar, e fiquei estudando, estudando só pra conseguir sair na rua pra- pra falar com as pessoas

I: se comunicar

C: é

I: qual que é a carreira dela?

C: ela, bom/ ela trabalha com educação, ela é professora na área de- de informática/ é, ela é engenheira também, mas não trabalha com informática, trabalha mais com educação/ é, na área de informática

I: e você falou que você começou a aprender o português formalmente/ quais foram as dificuldades, os aspectos que você lembra da aprendizagem do português?

C: bom, pra mim o mais difícil foi é, de gramática, foi os tempos verbais/ é, isso me pegou muito/ é, tem muitos tempos verbais, tem muitas conjugações dos verbos, que pra mim foi- foi muito complicado/ é, não, porque inglês é bem fácil, né? Os verbos são mais fáceis em inglês e o, às vezes o vocabulário e é, mais, às vezes mais fácil, ou mais difícil/ o português pra mim, o mais- o mais difícil realmente foi os verbos de- de não conseguir falar alguma coisa que eu queria falar porque eu não tinha como é, colocar o verbo naquele tempo/ então eu queria falar alguma coisa do futuro, do possível futuro e eu não- não sabia falar, então isso foi muito frustrante, e que demorava muito tempo pra chegar nesse ponto, de usar a língua, é, mais fluente

I: e além da gramática, quais foram outros aspectos que você lembra ou difíceis, ou fáceis ou marcantes mesmo?

C: é- é difícil também pra mim foi de- de- de conseguir entender o que as pessoas tavam falando pra entender/ ah, é, eu, eu quando eu comecei eu não tinha muito paciência de assistir televisão, de ver jornal, é, de- de prestar atenção mesmo na- na- no que as pessoas tavam falando, de tentar melhorar esse, o meu desempenho do, de- de ouvido, né? é, isso eu comecei com isso, mas depois de um tempo, eu comecei a- a entender algumas palavras e foi melhorando, melhorando e eu fiquei com mais paciência de assistir jornal [risos] é/ eu acho foi, foi, isso foi mais difícil/ E, com isso, é, eu fiquei, é, quase seis meses, eu fiquei muito inseguro com o jeito que eu falava/ então eu fiquei seis meses é, praticamente sem sair de casa é, porque eu fiquei com medo de- de sair na rua e não saber o que falar/ então, esses primeiros seis meses que eu tava aqui no Brasil, eu ficava em casa, eu ia pra aula de- de Português e, eventualmente, com a minha esposa, hum, pra sair jantar, essas coisas, hum, mas sempre com o apoio dela na hora de falar/ depois de seis meses eu comecei a sentir melhor, sair na rua, conversar com o taxista, conversar com as pessoas na padaria e aí, eu, soltou um pouquinho/ eu me soltei um pouquinho pra essas situações

I: e você lembra a imagem de Brasil que você tinha antes de vir pra cá?

C: olha, eu não lembro, é... eu- eu lembro que eu vim aqui com- com, é, sem muito opinião, né, o que as- as, é, é, eu- eu, na verdade eu só, eu só lembro quando eu era criança, na verdade eu jogava futebol quase a minha vida inteira/ e eu jogava, eu- eu adorava assistir os- os- os jogos do- do Brasil/ é, então isso foi o meu, com certeza o meu primeiro contato com- com o Brasil/ é, depois, é- é, eu- eu acho eu foi na, quando eu tava estudando espanhol na- no colégio, a minha professora também falava português/ e eu tava muito chateado com- com espanhol porque eu não- não achava muito importante, né, naquela época pra mim e, na verdade não era/ eu tentei, bom, é diferente, português é diferente, então eu- eu pedia pra ela fazer algumas coisas pra mim pra aprender um pouquinho português

I: no colégio lá nos Estados Unidos?

C: lá nos Estados Unidos/ é, e ela, é, ela fazia exercícios pra mim de- de português e, mas é aquela mesma coisa: pra mim era tudo igual, era espanhol e português pra mim era, é realmente tudo igual/ é, e o contato foi muito pouco, foi um semestre na escola é, mas eu também fiz uns estudos culturais sobre o Brasil de ver, é, sobre, é, as cidades maiores, e falar sobre o Rio de Janeiro e, São Paulo e, Manaus, basicamente isso, né? é, mas eu, não,

quando eu vim aqui em 98, é, bom eu, lógico que eu pesquisei a, o pra ver como é que era São Paulo, eu sa-sabia que São Paulo era cidade grande é- é, mas, do Brasil, eu não, eu acho que eu vim aqui com a minha cabeça aberta de- de descobrir mesmo e não- de não- de não ter opinião antes

I: e aí você veio pra São Paulo por causa da FEA e tudo mais e você já tinha uma imagem mais ou menos de São Paulo pelo que você tinha lido?

C: não, não, eu não tive nenhuma idéia, é, mais porque a minha experiência com cidade grande era é, uma semana em Nova Iorque/ então, eu não tinha, eu não sabia o que esperar, não sabia mesmo

I: e como é que foi, logo que você chegou e teve contato?

C: bom, [risos] é, a minha primeira, a primeira coisa que eu lembro, eu cheguei no aeroporto de- de, nem sei como é que chama aquele aeroporto, lá longe

I: Guarulhos?

C: é, de Guarulhos/ e eu tava vindo aqui pra cidade de São Paulo, eu lembro que eu passei um rio que- que parecia é, um rio muito estranho pra mim esse rio que passava entrando em São Paulo/ tinha umas, é- é, alguns prédios, e, tava muito feio, tava muito feio/ e tinha, eu lembro, uma coisa passando por cima do- desse rio, que era meio de arco-íris/ eu- eu perguntei o que era isso, era uma passagem pras pessoas pra ir pro outro lado do rio/ não entendia nada, era tudo muito estranho pra mim/ eu achava a cidade muito, pelo menos a entrada pra cidade muito é, bagunçada e muito suja, mas é, depois, é, isso era minha primeira é, opinião da- da cidade

I: e agora que você já está aqui há seis anos?

C: isso

I: o que você pensa de São Paulo, o que você pensa do Brasil, em geral?

C: bom, é, agora eu sei que é uma bagunça mesmo [risos] é, não, é uma, é, eu- eu- eu gosto muito desse país, não gosto dessa cidade/ é, São Paulo é uma cidade, eu- eu acho que não é pra mim, é, cidade grande, eu, eu não consigo, eu já tô aqui seis anos tentando realmente convencer a minha esposa a sair da cidade, é, a gente tá chegando perto, é, eu acho que daqui uns anos a gente vai conseguir sair da cidade/ uma coisa que eu não, é, eu não- eu não, fico bem na cidade, com tanta pressão, tanto barulho, muitas pessoas muito perto de mim/ é, mesmo em casa, no prédio, no apartamento, eu- eu fico, é, eu não fico muito- muito

relaxado, com- com essa situação daqui da cidade/ então eu prefiro sair, eu acho que eu consigo ficar muito mais feliz fora da cidade/ mas o país do Brasil eu adoro, eu não tenho intenções de sair tão cedo, não [risos]

I: e você tem intenções de sair da cidade de São Paulo, já planejou pra que cidade você vai?

C: não, é, na verdade, pra, é, eu- eu- eu queria sair da cidade mas ficar perto/ a família da minha esposa é aqui, tem alguns é, as irmãs todas, as irmãs da- da minha esposa moram aqui em São Paulo/ os pais dela moram em Santos, a gente já pensou nessa possibilidade de ir pra Santos, mas a gente tá procurando mais na área de Cotia, ahn, Granja Viana, Cotia, nessa área/ a gente já procurando quase um ano, uma casa, pelo menos um espaço pras- pras minhas filhas ficarem mais tranqüilas, é, tem, escolas por aí pra gente trabalhar é, não é tão, é- é do lado de São Paulo/ mas é um pouquinho mais, o afastado suficiente pra eu sentir mais confortável, né, aliviado

I: e, mas ainda fala mais um pouquinho sobre a imagem de Brasil que você tem, você falou que gosta...

C: imagem do Brasil... não, eu gosto do Brasil/ eu acho que, é- é, o Brasil, pra mim, eu- eu- eu me fico melhor aqui no Brasil do que nos Estados Unidos/ é, não sei se é o ritmo do Brasil é, parece pra mim, às vezes, um pouco diferente/ é, as prioridades, é, também, são- são diferentes/ não sei, eu acho que eu me encaixo melhor aqui é, do que nos Estados Unidos/ eu, é, eu- eu quando eu morava nos Estados Unidos, eu- eu preocupava mais com as coisas banais, em ter um carro maior, é, de fazer compras, de ter roupa, roupa mais chique e aqui eu acho que eu aprendi muito mais sobre mim é, que eu não- não gosto dessas coisa, eu não preciso, pra mim não é importante o tamanho do meu carro ou as roupas que as pessoas tão usando, é, eu aprendi muito mais aqui, então por isso eu acho que eu tô me encaixando melhor aqui

I: agora fala um pouquinho dessa relação com as suas filhas, porque elas são brasileiras, mas você é americano/ como você tá lidando com isso? elas sabem inglês?

C: bom, são pequenas, né? são pequenas de três e um ano e, eu já, eu- eu falo com elas em inglês em casa, não o tempo todo, porque eu queria manter essa unidade familiar, então eu não falo somente inglês com elas/ então quando eu tô perto, quando eu- eu tô junto com a minha esposa, e com- com elas, eu uso português/ é, mas eu falo, tem horas do dia que eu falo português com elas, normalmente quando, de manhã, eu fico sozinho com elas, que, é

então eu falo inglês/ pra acordar as meninas, eu falo inglês/ na hora de dormir, é, eu coloco as meninas pra dormir, e eu falo, conto história em inglês/ é, e às vezes, a maior, a Julia, ela sempre pergunta as coisas em- em português e, mas ela sempre quer saber como é que é uma certa palavra em inglês e ela fica decorando essas palavras e- e eu, semana passada teve reunião na escola e a professora falou que ela fala pras outras crianças quais são as coisas em, em inglês/ então, pelo menos ela tá- tá aprendendo e tá, é isso, é... mas o- o inglês é, do ensino de inglês eu não- eu não queria- eu não queria dar tanto pressão pras meninas já tão cedo/ eu acho que mais importante é aprender a, o português, que vai ser a língua, vai ser a primeira língua delas, então, isso é o mais importante, o inglês é, vai- vai, elas vão falar inglês um dia, com certeza, então, e, não precisa ser hoje, com três anos ou um ano

I: e as suas, como você vai continuar morando aqui, você tem expectativas acadêmicas, fazer pesquisa e tudo mais/ fala um pouquinho da sua idéia de pesquisa

C: bom, é, a minha idéia de pesquisa, eu queria trabalhar na área de bilingüismo/ é, eu tenho, é- é, eu comecei a pesquisar essa área de- de bilingüismo pra ver é, quais são as- as possibilidades dentro de bilingüismo de- de- dos aspectos diferentes, de- dos aspectos culturais, aspectos lingüísticos, aspectos, é- é, econômicos, é, pensando nisso/ é, e a minha pesquisa, eu- eu- eu tava pensando em fazer uma pesquisa nessa área de bilingüismo sobre o- o- o cultu-, o aspecto, o- os aspectos culturais e, é- é, sociolingüísticos, de ver como é que é as crianças que, isso, é na verdade é sobre, mais sobre o- o *early bilingualism*, o bilingüismo desde o nascimento/ esse tipo de bilingüismo que é- é, de- de- de famílias bilíngües: o pai de um- de um país onde na verdade fala uma língua e a mãe fala outra língua e ver como é que isso se dá numa situação, por exemplo, quando a, por ser a língua que é a língua da comunidade, é igual da mãe ou igual da pai e ver como a língua é- é, a outra língua fica nesse contexto, é- é isso, é, como a criança cresce e- cresce, a- a opinião daquela criança da linguagem, a atitude da criança dessa- dessa linguagem e também pensando nas- nas, bom como a- a língua inglesa tem mil possibilidades de- de aprender essa- essa língua numa cidade como São Paulo/ então, é, as escolas bilíngües, quais são os objetivos dessas escolas, é pra criar crianças bilíngües, é pra, é- é- é pra criar, bom como eu gosto de falar máquinas de gerar mais dinheiro pros- pras famílias e que isso é uma- um

contexto que é, infelizmente é real é, e- e- pra- pra, na verdade, pra, começar a me aprofundar nessa coisa de bilin-bilingüismo, que eu acho muito interessante

I: e pra gente terminar, que que você pensa do papel da língua portuguesa hoje?

C: bom, a... bom, é... no contexto global ou mundial, eu nunca pensei muito nessa- nessa, no papel do português... é... eu acho, eu- eu- eu acho o português tem seu valor, é, como uma língua que na verdade muitas pessoas falam, é, tem o Brasil, eu sei que, é, Portugal, tem Angola, tem- tem vários país que falam essa língua/ se não me engano, é o- é o quinto mais língua, quinto mais, não sei como, quinta mais língua falado no- no mundo/ eu acho que é- é bastante, é uma língua bem, ahn, bem grande/ infelizmente, é, nos- nos países, é, nos Estados, eu sei que nos Estados Unidos e na Europa, menos o Portugal, é, não é uma língua que tem muito valor, não é muito valorizado, é- é, menos alguns, é- é, literaturas, é, alguns- alguns autores que já foram traduzidos em inglês ou francês ou espanhol/ mas é pouco, é pouca coisa, é, eu não sei, eu não sei como falar muito sobre esse contexto porque é o contexto que eu tenho do- do- do português é quase tudo aqui no- no- no Brasil/ eu sei que muitos estrangeiros vêm aqui pro Brasil, ahn, sem falar absolutamente nada e até conseguem sobreviver aqui nessa cidade, nesse país sem falar português, é- é, por muito tempo/ mas, de falar o, como é fora, antes de vir pra cá eu nunca, eu, nunca realmente, nunca pensei/ isso até mostra a desvalorização da língua, da língua portuguesa fora do Brasil

I: você falou que muitos estrangeiros vêm e conseguem sobreviver aqui sem falar o português/ o que que você acha disso?

C: não, eu acho um absurdo! eu acho, não, primeiro, eu acho por quê? É- é, por que vir, ir pra um país sem- sem pensar em aprender a linguagem, a língua da- daquele país/ muitas pessoas têm dificuldade de aprender- de aprender línguas e eu entendo isso, mas é, ah, tem que- tem que- tem que tentar/ e tem muitas pessoas que ou é- é, que não sei se é questão de vontade ou questão da habilidade, mas podem ficar muito tempo aqui sem/ acho que é possível conseguir um círculo de amigos e até, é, contatos profissionais [mudança do lado da fita] então, é eu tava falando sobre os, ah! porque eles conseguem criar um círculo de amigos e contatos profissionais é- é, bom, eu acho que tem muitos estrangeiros que vêm aqui e, ou começam a dar aula de- de- de língua e conseguem, dentro daquele contexto, fazer amigos e contatos profissionais para sobreviver nesse país falando só aquela- aquela

língua/ então isso ajuda é, como a cidade de São Paulo é, eu acho que, não sei se é o Brasil inteiro, mas pelo menos a cidade de São Paulo, valoriza muito língua estrangeira, isso pode acontecer, é nessa cidade de- de ter pessoas, círculos de pessoas que usam línguas diferente do que- do que o português

I: você trabalha como professor de inglês ?

C: eu trabalho como professor de- de- de inglês

I: e faz quanto tempo que você tá trabalhando como professor de inglês aqui no Brasil?

C: quando eu cheguei aqui, eu- eu nem pensei em fazer, de dar aula de inglês/ demorou, eu acho que três anos, até uma pessoa, é, chegar pra mim e falar: ‘ah, você é americano, você não quer dar uma aula de conversação? É muito fácil, você chega, você fala e blá-blá-blá...’/ eu falei, bom, não custa nada, eu- eu- eu tava, é, não tava trabalhando muito naquela época e eu falei tá bom/ eu peguei, eu gostei, eu gostei de contato com as pessoas, é, eu- eu vi realmente que eu, é, eu consigo é, ajudar as pessoas a aprender a- a língua, então, eu comecei mais essa área de, eu comecei numa escola, dando aula numa escola de realmente de conversação e não dando aula formal de gramática e, era muito mais informal/ eu fui pegando mais alunos na escola e também a, o alunos particulares que- que foi muito, muito bom pra mim, de- de- de entrar em contato com as pessoas que- que, queriam, uhn, aulas diferentes de inglês/ então um queria aula de gramática, outro queria aula de conversação/ então eu consegui ver todos os tipos de- de alunos, né? e eu continuo a dar aula em escola e aula particular

I: fala um pouquinho sobre o fato de que você faz Letras inglês, aqui no Brasil

C: é, meio estranho, né? fazer Letras fora do- do meu país/ mas eu- eu nunca- nunca fui muito bom aluno de inglês na escola, eu nunca gostei muito de ler, de literatura, de, é, de gramática, é, eu nunca gostei muito/ é pra mim era- era ciência, era matemática, isso era meu caminho pra- pra minha vida/ mas eu acho que quando eu mudei pra, aqui pro Brasil, aconteceu uma mudança grande comigo de eu me conheci muito mais e, é, eu abri essa possibilidade de- de trabalhar com uma coisa que não era das ciências exatas/ e o quando eu recebi, esse- esse convite, de- de trabalhar como professor, eu- eu- eu gostei muito, eu vi esse lado que eu precisava desenvolver de- de, é, esse contato com- com as pessoas e da linguagem/ eu comecei a gostar muito da linguagem e na, quando eu comecei a aprender o português e eu aprendi que eu gostava muito de- de aprender línguas, e, eu resolvi fazer um

curso de Letras de inglês aqui no Brasil/ é- é uma situação um pouco diferente, mas eu, é, eu- eu tô conseguindo, tô conseguindo acompanhar e, às vezes as matérias são, é, são, não são tão interessantes pra mim, mas é, eu- eu tento usar aquela matéria pra, é, pensar na- na- no meu futuro, o que eu quero fazer com- com aquela- aquela matéria

I: e por que que às vezes elas não são tão interessantes?

C: bom, não, é porque eu tô- tô entrando, eu acabei de entrar no segundo ano/ o segundo ano de inglês você tem matérias de- de língua mesmo, é de comunicação oral e comunicação escrita, que eu não tenho tantas dificuldades, mas tem muitas pessoas, é, aqui no curso, que- que têm problemas na escrita e, até eu acho mais com a- o- o comunicação oral/ então pra fazer uma- uma- uma apresentação na frente de umas pessoas, eu não tenho muito problemas, como eu dou aula de- de inglês, eu faço isso todo dia/ é, então, por exemplo, nesse contexto, eu usei essa matéria que eu faço de comunicação oral pra fazer, pra preparar uma apresentação é, de, como se fosse uma pré-apresentação de iniciação científica/ então era minha pesquisa inicial em bilingüismo, e eu usei para apresentar para o- a classe/ então, não quer dizer que não é interessante, mas às vezes os objetivos dos outros alunos, não são nativos, são diferentes mas eu tento ver a- a- a importância nessa matéria pra mim e tentar ver o, como superar a minha, é, a idéia, é, a idéia inicial do que a matéria vai ser muito chato ou muito, não muito interessante, né?

I: OK, você tem mais alguma coisa pra adicionar?

C: não- não, eu acho que não, não tenho, não eu queria te agra- te agradecer pela oportunidade de- de falar

I: eu que agradeço, muito obrigada

C: obrigado

Entrevista com S₂

I: so, first, Rich, I would like to thank you for participating in the interview, all right?/ and in order to start, could you please talk about you, name, age and the city where you came from?

R: my name's Rich Rafterman, I'm from New York, ahn, 36, gonna be 37 this year (laughs)

I: all right/ let me see... what do you remember from your hometown, when you lived there?/ and how was the relation with your city and your country, too?

R: I grew up in New York City, ahn, all my family is from there, basically, most of my old friends are from there/ I-I love New York City, it was a great place to grow up, ahn, I miss New York City sometimes, but, ahn, I'm happy to- to be traveling, in fact, to be living somewhere else at least for now

I: and why did you choose to leave, to- to travel around?

R: ah, I've met some Australians when I was living in New York and they worked in Austria, in a ski station and we became very good friends, and they stayed in my apartment for about six months or so, and then when they were going ready to leave, they invited me and a friend to go with them, so we decided to quit our jobs and (laughs) and try working in a ski station/ and it's been ten years since then

I: and what did you use to do there?

R: I used to work in advertising/ I was a copywriter for McCann-Erickson

I: and when you went to Australia, what did you do there?

R: Austria

I: Austria (laughs)

R: Austria/ I worked in a restaurant, I was a dishwasher at night, and during the day, I would snowboard (laughs)

I: and how was the experience for you?

R: ah, it was very nice/ it was, but it was a very fast pace of life, because they only worked for about six months, because it's a- it's a country place/ it's in the mountains and in the winter it's full, full, full of people skiing, and in the summer there is no one there/ so they really worked very hard for about five- six- five or six months and then, they relaxed/ so the

pace was hard for me, to snowboard all day, to work all night, and then to go out after work (laughs)/ we didn't sleep for a long time

I: and how long did you stay there?

R: ah, two winters/ in between I would travel around with the money I made

I: and after that, did you travel anywhere else?

R: yes, I- I went, I lived in Israel for a year, I lived in Denmark for a year, I lived in France for four years and then, now I'm here in Brazil

I: so when did you leave New York for the first time?

R: 96

I: ten years ago

R: yeah, ten years ago

I: and what were- what are the memories you have from that time/ when you lived there?

R: ah, that time was great. I was living in an apartment with the best friend/ and we were having a lot of fun, going out a lot, my job was very nice, I was in advertising, I was making a lot of money, we were having a really good time/ and then this opportunity came to travel and I had never traveled before, I was 26, so I decided to- to try, I didn't know it was gonna be the point that changed my life completely, I just figured out I would travel for a year, and then go back to advertising, but didn't work out that way (laughs)

I: what about your family? What did they think when you told them you would travel and etc?

R: yeah- yeah, my father was a really angry at first/ he thought it was a little irresponsible/ hum, my mother, yeah, but they were both very supportive, very supportive and as time went on, they understood that this was something that I needed to do

I: and now, after ten years?

R: and now, every once in a while, my mom asks me 'when you coming home?' but she knows that I might not ever live back in the States/ I don't know, it's still hard to make a decision like this at this point

I: so, by now, you don't have the intention to come back?

R: no, right now, no/ I don't even see what I would do in New York anymore/ I don't think I want to work in advertising, no, I'm teaching English now, I'm not sure that would be a good job in New York

I: what about teaching here in Brazil? How did you come to start doing that, how that happened?

R: it actually started in France/ I needed a job, and so, ahn, it's very hard to get a visa in France to stay, it's- and it's very hard to find illegal work in France/ so, someone suggested that I should go back to school and take a course to become an English as a Foreign Language Teacher/ so I took the TEFL course, the Teaching English as a Foreign Language and it was a very good course and after this, I went to a school in France and they sponsored me with the visa and after one year of bureaucracy I finally got my visa to stay there and I worked for three years there as a teacher/ and then when I came to Brazil this is- was the/ was the thing that I knew how to do (laughs) so I figured that I would teach here and my girlfriend is Brazilian and so she told me the best school was Alumni/ so it was the first school that I approached and so, when I applied here, everything worked out (laughs)

I: what about the image that you had of the English language, as the role that it has in the contemporary world?/ what do you think about it?

R: ah, I-I kinda knew, I- I kinda suspected it was gonna be like that because, with globalization, everyone was talking about 'I have to learn English now', even in France, and this was a country that's typically against English and now they're really trying to learn English, and it's like São Paulo, everyone wants to learn English/ it's hard for me to speak Portuguese sometimes here because as soon as I meet someone, they want to practice their English with an American

I: and besides Portuguese that you are learning now, you speak

R: French. I speak French

I: and how- how was it to learn French?

R: ahn, it was, a very painless experience that took a very long time, and I never really learned it very well/ I can speak French, I can understand films and some things, but my grammar is very bad and so this is one of the things that I wanted to- to fix when I came to Brazil, because I'm sure if I stay here for three years, I'll be able to speak with everyone, but I want to speak correctly, so, this time around, I'm taking lessons

I: I see/ and what are the aspects that you find difficult, or interesting, or easy about learning- learning Portuguese?

R: I-I find the conjugation terrible, very difficult because we don't have this in English/ it's very hard for me, I make mistakes all the time/ but besides this, I'm finding Portuguese to be pretty easy, I think it's because I've already gone through this suffering with French/ but between the two languages, English and French, I can usually put together what I want to say (laughs) whether it's grammatically correct or not

I: I see/ and besides grammar, is there any other thing that you find difficult?

R: yes, hum, because I think the way people speak in Brazil is very different depending on where they're from/ and, for instance, I'm used to speaking with my girlfriend's friends, and they all speak, they were born here, they all went to university and they speak in a different way/ and if I go to-to-to have breakfast in a *padaria*, for instance, that I meet the guy working there, sometimes I have trouble understanding because he's from the north-east, or he's from, he has a different background and this is very different in Brazil, I think/ the way the people speak, so it's not the same language (laughs)

I: it's different, isn't it?

R: yeah, not only accent, but it's also the phrases that they use and the expressions

I: and how long have you been learning Portuguese, since you came here? Since you

R: ahn, I started a course here at Alumni/ ahn, for two months and then it stopped, and there's my Portuguese teacher(laughs)/ hello!

I: hello!

R: and now I'm continuing with my Portuguese classes here (laughs) and so as long as they're free, I'm gonna continue to take them (laughs)

I: so it's been two months?

R: yeah, hum- hum, four months 'cause I did two months and then this is the second course of two months, so, yeah, it's about four months

I: besides the practice that you have with-with

R: yeah, but in fact, my lesson is only one hour a week, so it doesn't give me much time/ I do most of my learning when I'm with my friends, 'cause I speak only Portuguese when I'm outside the school, at least I try to

I: and the others don't let you to

R: ah, no, it's also a habit/ in my house, I live with my girlfriend and we try to speak only Portuguese, but it's very hard to change the habit/ because we were so used to only

speaking English and then French for a while, and it was hard to switch only to Portuguese/
we still have this problem, we just wake up and start to speak English till one of us
remembers 'Oh, let's speak Portuguese now' (laughs)

I: I see/ and what made you choose Brazil, and not Portugal or whatever?

R: it was for my girlfriend/ I came here specifically/ I met her in Israel, a long time ago/ so
I came to Brazil specifically to live with her

I: very interesting, very interesting

R: but I've always liked Brazil, just the idea of Brazil/ I didn't know very much about
Brazil

I: ah, this is one of the things that I would like to ask you: what was the image that you had
before coming here?/ and how did it- how did it go after living here?

R: I think I had a typical image of Brazil

I: and what was that?

R: with the typical world image of Brazil of sunshine, beach, and Carnaval, and dark skin
and things like this/ and I was a little surprised when I came to live in São Paulo that São
Paulo is very similar to New York in fact/ there's a lot of similarities: the way people live,
the way people look, ah, I- I could be in New York

I: and the way people wear

R: oh, yeah, fashion, for sure

I: so you didn't- you didn't have much trouble in this- in this sense because it was similar
to you

R: yeah, I mean, after traveling for/ I traveled for nine years before I came to Brazil/ I was
used to not being so surprised (laughs) I'm very open-minded in accepting about these
things/ so I wasn't shocked but what I love about living in a new country and especially
Brazil is exploring the new things, the food, the people, the customs, the things like that

I: I see/ and when you came here, what first- what was the first impression that you had?

R: ah, I first, before I lived here, I came for, two months, just to- to- to know the country
and to- to- to- to do things like that/ and we basically just traveled, so it was an incredible/
yes, it was an incredible experience/ we went to the north-east, we went to Rio, we went/ so
it was only fun/ so my first taste of Brazil was paradise, doing all that the things, you know,
not working, just enjoying a lot, so, my first taste was very good/ it's always different when

you live in the city and when you're visiting the city/ but even living here, sorry [distance from the microphone], I'm really enjoying, I think the way of life here is much more suitable to my personality/ it's funny because people say that in São Paulo people are very stressed, but for me people are very relaxed in here, because I'm used to New York, where I think people are much more stressed (laughs)

I: do you think this is- this is a nice place to live?

R: yeah, I- I think there's lots of problems in Brazil/ my personal life here is very nice, very happy with my work and things like this

I: all right, and can you tell a little bit about the fact that there you worked with advertisement and here you work with teaching English?/ and how is this transition between leaving the job you had and having another one?

R: it was very easy for me, I don't know why/ as soon as I stopped advertising, I never wanted to go back/ I mean, I was doing si- si- silly jobs, like washing dishes and, ah, working in restaurants, and cleaning and picking fruits/ so, whatever (laughs)/ whatever I was doing was in- was interesting for me and I think that's something that made me easy- that made it easy for me to adapt, so in fact this is just one more step of leaving other jobs and teaching English/ right now, I can't even imagine doing anything else here to the others

I: and did you graduate on advertisement?

R: yeah, my-my degree is in communication, marketing and English (laughs)

I: I see/ what about Portuguese, you know, what do you think of the role of Portuguese, the Portuguese language nowadays?

R: I don't really know/ I don't know if there is a role of the Portuguese language/ I think most languages are almost in the same situation/ they're not competing with English, but realizing that to live in the big world, they must be their language and English/ so, I don't know, I'm not really sure I can give you a good answer for this question (laughs)/ I never really thought about the role of Portuguese

I: and what about the facts that you told me that many times you don't even- don't even have to speak Portuguese when you don't want to and people don't want to, what do you think about this fact, of living in a different country and not necessarily having to speak the language that is spoken there?

R: this was one of the things I-I said I'm not easily surprised but this was one of the things that did surprise me during my travels that you could pretty much always get by without knowing any other language except English and I find this to be a little sad and I also found that it- it hurt my ahn- ambition to learn other languages 'cause in fact I lived in many countries but I only learned French because I stayed for a long time/ I don't speak any Hebrew I lived in Israel for one year/ I don't speak Danish I lived there for one year/ in Austria I don't speak German/ so, in a way it's sad and I think it makes English speakers a little lazy too

I: and how has it been to live in Brazil?/ what are the important aspects?/ how do you feel about living here?

R: I think the thing I like most about Brazil is the people/ I think the people are very much the way I am/ they're open, honest, they like to have fun/ and I think this was missing in my life amongst my group of friends it was always there but amongst the rest of the world like people I worked with people I-I knew but weren't really good friends with I missed that and in Brazil I feel surrounded by it / and so it's very nice

I: so you see, if you could compare and talk a little bit about New York and São Paulo, what would you say?

R: I say there's a lot of similarities in these cities, this is ahn.../ but São Paulo is very unique because it's completely divided, you have different worlds in São Paulo/ you have the business world, you have people living on the street, you have ahn-ahn, I mean we don't really have this in New York/ we have people living on the street but it's not – it's not the same situation, they're not like born into it ahn/ it's more of a problem of alcohol and drugs usually but/ this idea of being very, very poor is something that was- was very different/ but in the world, the business world and the world that I know that in São Paulo I find it very similar to New York because there's a lot of different things going on, a lot of cultures mixed in together/ if you are looking to do something, it's, you can find a hundred things to do tonight, on a Monday night and this is very similar to New York and something I missed very much when I lived in Europe 'cause in Europe it's not like this at all

I: I see/ and if you could - if you could live here in Brazil for a long time, would you?/ or do you have intentions to go back to New York?

R: I- I don't really know what my plans are but I don't think that I have plans to go back for a while/ I'm very happy here but I'm not sure that I'm gonna be living in São Paulo/ I'm not sure what I'm going to do/ I always have wanted to go to Japan, too/ so (laughs) if I can convince my girlfriend to take a year and go to Japan, I would really like to do that I think

I: and what does she do?

R: she's a journalist

I: and you met her in Israel and then/ she was working there?

R: no, she was taking a break from her studies/ it was long, it was seven years ago/ and so she was nineteen/ she had done two years of university and was taking a break, so she decided to take a trip around the world for a year with some friends/ but by the time I met her she was by herself/ in Israel

I: good/ and is there anything that you would like to add?/ that you would like to talk about- about Portuguese, about English, about living in Brazil?

R: No, I just, I- I want to emphasize that it's- it's been a very, very positive experience/ it's always really hard whenever one speaking a language and you don't understand/ but I think that even with the frustration of this it's still been a-a fun experience and I think people here are really open to try to help learn Portuguese

I: I see/ and the other way- the other way round, about you teaching English to people?/ because now when people see you, they say, 'ah, he's an American' and then they- they want to speak and they want to have a point of view, your point of view about things/ and what do you say to them?/ do you reinforce the idea that, well, the United States and English is important and etc.?

R: we talk about everything when I'm teaching and I'm honest, I give my opinions, ah, but ah, the goal is, when I mean the classroom, is to- to make sure that everyone speak in English/ so I try not to speak so much/ I try more to get them interested in speaking/ but I have a very good relationship with the students and I think they really like that I'm American

I: so Rich, returning just a bit, you told me that you worked in Austria as a dishwasher, wasn't it?

R: yes

I: how did you feel doing that, did you like it?/well, how was the transition from the job you had to that job?

R: I liked that very much/ well, but I think the difference here is that I didn't go to Austria to- to find a new career/ I went to Austria to- to work in a ski station and snowboard as much as possible/ so the dishwashing job was great because it was at night and in a restaurant/ so the situation was perfect for me because during the day I was free to snowboard and the job was quite easy, at night and it came with a place to stay and food so I was very happy to get this job/ the only problem was that because I was American it was hard to get a visa there so the restaurant had to take care of the paperwork so I could work legally

I: and why did you leave Austria after two semesters, wasn't it?

R yeah, two seasons

I: two seasons

R: ahn, I think I just wanted to try something new

I: Hum- hum/ and after that you went to...

R: ahn, after Austria, I went...

I: is it Israel or Denmark?

R: ahn, I went to Israel twice, that's the complication/ ahn, it was, it was Israel

I: and what did you do there?/ just travelling and

R: I was living and working on a 'kibuttz', a community/ a 'kibuttz' it's called there/ and it's a... farming community where everyone lives together, you eat together and you work together with all of the families and you, you don't need money in this society/ you work and the kibuttz gives you everything you need

I: and how did you feel?

R: I loved it there, I loved it

I: and how long did you spend?

R: one year

I: one year/ for the first time or

R: no, for the first time I spent a few months, a few months or so, and when I left after three months I always said to myself, oh I would love to go back, so when I left Austria I went back

I: I see, and why did you leave Israel after that one year?

R: because I met a French girl [risos]

I: oh I see/ and then you went to France

R: yes/ so I went to France to be with her

I: and you stayed more time in France than in the other countries that you lived in, isn't it?

R: yes

I: why do you think so?

R: because this was the first place where ah, well, I was together with my girlfriend so the idea was to be with her so I had to be in France to be with her, so while we were together I had to stay in France

I: and why do you think that besides the fact that you lived in many different countries, you only learned how to speak French?

R: I was always interested in learning the other languages, it's just that I am not so good at learning languages/ the reason that I learned French so well was because I lived there for more than four years/ it is the same with Portuguese, I will be here for a long time so I will eventually learn to speak/ I tried to learn in Denmark but I am not such a hard worker

I: I see and after these four years, why did you leave France?

R: I left France because my French girlfriend and I broke up/ she was the main reason for me being there/ also, after four years, I thought it would be nice for a change

I: All right/ well, I think that is it/ I would like to thank you once again

R: you're welcome/ it's my pleasure/I hope this is good for you

I: it will be

R: great/ and if you need anything else, you can call me and we can talk again

I: all right, thank you

R: you're welcome

Entrevista com S₃

I: bom dia, Rhiannon/ primeiramente, eu gostaria que você falasse de você mesma: nome, idade e a cidade onde você nasceu

R: meu nome é Rhiannon Louise/ sou-tenho 22 anos e sou da Birmingham no centro da Inglaterra

I: legal/ quais são as memórias que você tinha/ de quando morava na Inglaterra?/ o que te marcou da época em que você estava lá?

R: [tempo] minhas mi- memórias do quê?/ do- da cidade ou do- da minha vida?

I: dos dois

R: ah, é uma cidade muito legal porque já foi, agora- só agora foi renovada entendeu?/ então é muito... muito conhecida só agora na- na Inglaterra e na Europa inteira/ então muita gente tá vindo pra- pra- pra lá, né, pra fazer shopping e... cultura né?/ é muito legal e... e minha família e meus- meus amigos eu lembro porque eu sempre saí com eles e é sinto falta disso

I: quando foi a primeira vez que você saiu da sua cidade?/ pra onde você foi?

R: ahn eu acho que... sozinha você quer dizer?/ sozinha acho que foi pra outra..sabe uma ilha na Inglaterra/ ah pra... visitar um namorado que morava lá numa ilha no sul da Inglaterra e fiquei acho que dois- dois- duas semanas lá, é

I: e como foi a sensação de ir pra um lugar diferente assim a primeira vez que você saiu da sua cidade?

R: foi diferente porque eu tinha que pegar trem sozinha, eu- eu tava com acho que dezesseis anos, quinze anos talvez, então eu tava com medo né?/ de pegar o... trem errado talvez ir pra outro lugar e/ foi muito diferente porque minha cidade é muito rápido, muita gente tá lá né porque é a segunda maior cidade da Inglaterra mas o- a ilha foi tranqüila, muito devagar então foi muito diferente

I: então da sua cidade você lembra que é uma cidade rápida, muita gente/ que mais que você pode falar de lá?

R: da minha cidade?

I: é

R: tem muito ca- cultura/ ahn, tipo.../ ah, não sei/ tem um- uma- um prédio muito legal, muito- muito diferente que é... uma- uma- uma loja mesmo como se diz uma loja famosa na Inglaterra e foi construída lá, há- há poucos anos né?/ mas é muito diferente, é azul e tipo curvado, não tem esquinas assim né, e é tem coisas... pratos... cor de prato

I: uhn- hum

R: e bolas, bolinhas de cor de prato/ é- é muito es- é muito estranho, muito esquisito mas é muito legal porque a gente sabe que só Birmingham tem, só minha cidade tem né? então isso é legal e tem igre- igrejas lindas e... ahn lugares... ahn...lugares legais aonde- aonde estudantes ahn.. é- é uma cidade muito pra estudantes entendeu?/ então tem muitas bares, shopping, é legal

I: e aí nesse sentido que você fala de cultura né?

R: isso/ não entendi

I: é nesse sentido de muitos bares, muita.../ que mais de cultura que você diz que tem lá?

R: hum... ah, tem outras culturas né porque tem muitas ahn, indianos, muitos indianos que moram lá também/ então tem muitos restaurantes indianos e também tem um *Chinatown*, tem.../ e... o que mais de cultura?/ ah... uma grande cultura de cinema também de mo- de de ci- de cinema independentes e a música, muitos shows de bandas novas na Inglaterra, inglesas né?

I: e quando você morava lá você vivia tudo isso...?

R: vivia/ é tudo, as bandas e o cinema mais né porque eu adoro essas coisas e.../ tem museus também mas eu não, ah, na minha cidade eu não vou porque eu já- eu já sei/ eu só vou para os museus em outro país né, na minha cidade eu nunca foi/ ah, acho que eu- eu tive muitas- muitos visitas e eles- eles me falaram que é legal, que são legais lá

I: e qual a relação da sua família com a sua cidade?

R: com- com minha família com a cidade?

I: isso

R: [tempo]

I: eles gostam... como é que é?

R: eles gosta mas a gente mora numa- mais numa cidade mais pequena só que eu- eu estudo no Birmingham, na universidade que é um dos melhores universidades da Inglaterra né?/ então eu vou lá então eu- eu tô ali muito- muito tempo/ minha avó, mora lá no Birmingham,

ela- ela nasceu lá e sempre ficou- ficava lá na vida inteira e minha mãe nasceu lá mas mudou pra- pra nossa cidade que é Regid, que é mais pequena/ mas eles só ir- eles só... vão pra lá pra cidade na- tipo- pra- pra fazer *shopping* né?, pra Natal, só pra- pra um dia, ahn, pra passar o dia, sabe? passeio, isso, passeio/ e.. meu irmão ele- ele quer- quer muito morar pra lá, acho que ele, eu ouvi na- nessa semana que comprou uma casa lá e ele vai mudar de casa pra lá com a namorada dele, então eles gostam muito porque ele gosta da música ele é numa banda então é muito legal pra ele ficar perto de lá né?

I: e qual é a imagem que você lembra da Inglaterra como um todo?/ o que você tem de imagem do país, não da cidade?

R: do país?/ ahn, agora que eu tô aqui no Brasil, eu tá pensando nisso muito né?/ tipo, pro Natal, eu não posso imaginar passando o Natal num outro país porque eu tava falando com minha amiga inglesa ontem, eu- eu- eu sinto que ahn Natal foi feito pra Inglaterra pra- pra ser- pra estar passado na Inglaterra porque é... é tem frio, tem a comida ti-ti-typical de Natal, ahn, tudo/ é muito... uma imagem romântica né?/ com, ah, todo mundo sentado redondo dum, como que é? la-ladei- não?

I: lareira?

R: lareira, isso/ e la mesa- a mesa também comendo peru/ é, e... eu tô sentindo falta do- do tempo, do- da clima/ eu quero sentir o frio de novo, né?, neve também.../ mas o- o país, ah não sei, eu não sei o que é, sabe, mas eu sinto na ca- em casa lá né?/ claro/ eu não sei o que que é, talvez porque não tem muita- muita gente pobre nas ruas né?/ e isso é- é, isso é bem diferente, você não sabe até você viaja pra outro país né? você nunca imagina e... é fácil de ir lá pra viajar pros outros países, é muito barato pra viajar então e a gente- a gente tá no-no algum lugar na Europa, pra viajar pra todos os países e então é eu adoro viajar

I: e quando foi a primeira vez que você saiu da Inglaterra e foi pra outro país?/ foi quando você veio aqui pro Brasil?

R: não, sozinha, você quer dizer?/ não eu fui pra, onde é?/ ah, Califórnia, porque eu tenho parentes lá/ um primo, uma prima do meu pai/ então eu saí e fiquei lá um mês e depois Canadá

I: e você foi para lá para quê?

R: pra via- pra viajar, pra pa- passear

I: pra ter contato com a família mesmo

R: isso

I: e no Canadá?

R: também, minha tia mora lá, então fiquei um mês de novo lá/ é, e depois disso foi Brasil/ sozinha

I: e lá na Califórnia e no Canadá, o que você achou?/ você gostou?/ como foi?

R: gostei muito porque eu- eu conheci muitos membros da minha família que eu nunca conheci na minha vida, tipo, na Canadá eu conheci meu tio pela primeira vez e ele não, ele- ele não viu o meu pai há vinte anos e ainda não viu ele, porque eu tava sozinha né?/ então eu conheci ele pela primeira vez, o irmão do meu pai e muitas, muitos primos que- que tavam com minha idade/ foi muito legal, saí muito com eles é, foi bom

I: e antes disso você falou que essas foram suas viagens sozinha, antes disso você viajou com a família pra outro- pra outro país?

R: sim, cada- cada- cada ano

I: você foi pra onde?

R: ah, acho que a minha primeira vez foi pra Malta, sabe?/ Malta, quando eu tinha quatro anos e depois acho que foi cada ano/ tipo, Iugoslávia, onde fica as praias, né? e Espanha, Paris, ah, Roma, [tempo] Stockholm, Switz- eu não sei em português, ahn, onde mais.../ Amsterdã, hum.../ Alemanha

I: e você chegou a morar nesses países ou foi só passeio?/

R: passeio

I: só passeio/ a primeira vez que você foi morar foi quando foi pro... pra Califórnia?

R: é, mais ou menos, é/ mas eu- eu não mo-, na minha cidade, no- na universidade, eu morei perto da universidade, então eu tinha que mudar de casa, por um ano/ e depois voltou pra casa e queria viajar pra universidade cada dia / mas o meu primeiro ano eu morei fora da minha casa

I: e o que você estuda lá?

R: ah, estudos europeus e português

I: e porque você- você resolveu estudar o português?

R: por quê?/ meu tio ahn, na- no lado da minha mãe, ele casou com uma brasileira/ então ele tá aqui há vinte anos/ só voltou três anos atrás para a Inglaterra/ então ele é... ele é mais brasileiro mesmo né?/ e- ele, acho que ele não quer voltar, ele tem filhos aqui, então

I: ele tá morando aqui em São Paulo?

R: ele- ahn, a família dele é/ mas ele mora no Petrópolis porque ele trabalha num- numa escola inglesa/ então ele volta só uma semana por mês, entendeu, pra cá/ é, mas minha primeira vez aqui foi quando eu estava com treze anos

I: e aí você veio visitá-lo?

R: isso

I: e você lembra da imagem que você teve quando veio a primeira vez pro Brasil?

R: eu acho que eu tava, porque eu tava com só treze anos, eu acho que eu tava com mais um- uma cabeça mais aberta/ porque eu não- eu não lembro de- de, ah, de perceber nada muito, só que ‘ah, que calor’, ah, ‘que’, ah.... ‘que legal eles falam outra língua’, né?/ e... é eu acho que eu não percebi nada quando eu tava com treze anos só, ‘que legal Brasil, né?/ meu- minha avó, foi minha avó que me levou pra cá/ e aí eu- eu lembro que eu senti muito falta porque eu tava aqui, ahn, fiquei sete semanas/ bastante, com treze anos é bastante, né?/ então eu lembro que eu senti falta da- dos meus país muito- dos meus pais, é família muito e quando eu voltei eu lembro que eu não gostava de falar do Brasil/ porque não, minha família, meus pais e meus irmãos não foram, então, eu- eu senti, ah, eu não gos- eu não gostava de falar, porque eu não gostava de- de lembrar que eu estava lá só com minha, ah, não sei, eu não sei porquê, eu- eu só esqueci/ mas depois eu queria voltar e-e aí voltei muitas vezes, acho que aqui é a minha quinta vez

I: e aí quando você resolveu estudar o português na universidade, como é que foi?

R: na verdade, eu- eu passei um- ano, um ano depois da escola, antes da universidade, trabalhando/ pra, porque eu queria, sabe ‘*gap year*’, muito comum na Inglaterra, a pessoa- a gente- a gente ahn, pegar um ano só pra fazer qualquer coisa, viajar, trabalhar, antes de começar a estudar de novo, né?/ ah e eu- eu estava trabalhando e depois pra viajar pro Califórnia/ então, trabalhou o ano inteiro numa ofici- escritório, num escritório, mas gostei e aí eu fui pra universidade pra estudar as po-, eu não sei como é em português, *social policy*/ [tempo] *poli-poli*

I: políticas sociais?

R: política não, *policy* [tempo]/ a coisa que a- o governo faz

I: governo?

R: governo faz/ *policies*, eles- eles fazem *policies* de cul-, ahn, de educação, *policies* de saúde, *policies* de...

I: a gente fala política

R: política, é isso?/ então, políticas sociais/ e, e... só porque eu não queria, não sabia o que eu queria fazer na escola e você tem que escolher uma coisa e ah, você tem que saber, né?/ então, eu escolhi, mas depois dum ano, eu tava pensando pra voltar , em voltar no Brasil- pro- pro Brasil e... e acho que eu ah, comprei um bilhete para ir para cá em- no abril, então dois meses antes de acabar meu curso lá de- de meu- meu primeiro ano, né?/ então eu voltei de lá e tava pensando nossa eu- eu aprendi português muito bem, aprendi quando eu tava com treze anos/ eu comecei a aprender eu tava entendendo muito, então eu- eu- eu- eu pensei, nossa, eu quero estudar português porque eu já falo um pouquinho, eu acho que eu- acho que eu posso aprender, né?/ e eu então eu perguntei para a minha universidade pro departamento português, eu quero fazer português, blá-blá-blá-blá-blá-blá, e eles falaram- eles falaram 'ah, legal, então você só tem que passar o seu ano agora e aí você pode trocar'/ então foi legal porque só sem- sem, porque só estudar português é só de- do início, entendeu?/ então você tem que já- já tem que falar mais uma língua, mais uma língua/ eu não falei- eu falei, eu falava um pouco de francês mas acabei de estudar há dois anos naquela- naquela- naquela época, né?/ então, eu- então se eu- se eu tivesse, ahn, pedido isso antes de ir pra minha universidade, eles iam falar- falar que não, né?/ mas porque eu já estava na faculdade, pra trocar é mais fácil, então foi- foi, ah, sortudo, né?/ então comecei- comecei estudar português, né, foi legal

I: e você gosta bastante?

R: gosta? gosto- eu gosto agora/ mas eu- eu prefiro aprender assim, no país mesmo com pessoas, né?/ então, e também na mi- minha faculdade a minha professora, uma dos meus professores era ahn, portuguesa né, de Portugal, então foi diferente/ ela me- ela me- ela gostou- gos- gostava de me aprender- de me ensinar coisas do- do Portugal, né, português de Portugal/ ela não gostava quando eu tava falando coisas brasileiras, né?/ é, mas ela tinha que aceitar, né?/ é mas, é, isso foi um pouco diferente, que eu não gostei da- do sotaque português e também foi difícil entender, né?/ é muito mais formal, então agora eu prefiro aqui/ as aulas aqui, que eu tô aprendendo português brasileiro, né?

I: e você tá fazendo aula de português aqui?

R: isso, isso/ português para estrangeiros/ isso, ahn- ham

I: e outra coisa, quando você começou a aprender português e, mesmo agora, o que é difícil, ou o que é marcante, ou o que foi muito fácil?/ quais são aspectos, assim, que te marcaram na aprendizagem da língua?

R: ah, ah, acho que o que foi fácil para mim era o ma- o sotaque, né?/ porque eu não falo como todo- muitas estrangeiras, né?, inglesas/ inglês- eu- eu- eu per- percebo- percebo com minhas amigas inglesas que eles têm sotaque- elas têm sotaque muito forte/ eu- eu sei que eu tenho sotaque mas acho que porque eu- eu aprendi com treze anos, eu mimiquei? mimiquei? mi-

I: você- você consegue imitar?

R: imitar, isso/ então eu imitei com muito- com muito facilidade, né?/ então isso, ahn, ficou comigo/ então isso foi fácil e, também pra, porque na Inglaterra, eu gosto, em inglês, eu sou bom- boa com autografia, coisas assim, então isso foi fácil pra mim em português, né?/ eu- eu posso mais ou menos ouvir como- como tá falado e es- escrever/ então, mas o que foi difícil foi os, ahn, [tempo], sabe..., ahn, não lembro o nome em português, *tenses*

I: os tempos verbais?

R: isso, porque eu tinha que aprender conceitos novos, completamente novos, né?

I: você lembra de algum?

R: o subjuntivo, porque na Inglaterra acho que tem es- este tempo verbal, mas

I: tem o *subjunctive mood*, né?/ mas é diferente

R: tem, mas a palavra não muda/ nada muda/ tem este- este tempo verbal mas nunca muda, né?/ não tem que pensar noutra blá-blá-blá-blá-blá/ então eu não sabia que tinha subjuntivo em inglês, né?/ porque a gente, na Inglaterra, não sei se você sabe mas, na Inglaterra, você não aprende essas coisas em inglês/ nada, eu tô vendo minha prima bra- brasileira, né?, ela fazendo muitas coisas complicadas em português, nossa, nunca aprendi isso em inglês, então por isso é difícil pras ingleses, americanos, aprender ou- outras línguas porque não tem, não tem jeito, né?/ porque a gente não, não aprende a língua própria antes de começar outra língua, né?/ então isso foi difícil pra- pra aceitar outras idéias na minha cabe-cabeça que eu nunca- nunca tinha ouvido- nunca ouvi falar/ o subjuntivo e... ah, tem mais, tem mais, mas eu nunca, eu não sei, não sei agora/ acho que o subjuntivo foi o pior/ o pi- pior porque eu não entendia porque você tem que, porque- porque que uma idéia diferente do

que, entendeu?/ se eu quero uma casa que- que fique na praia, né?/ mas em inglês, mesma coisa, eu não- eu não sabia porque você tem que mudar, eu não imaginava que era uma idéia diferente, entendeu?/ tipo no futuro, ahn, que não tem certeza, blá-blá-blá/ ah, não, eu não- não entendia, só agora que tô aprendendo porque eu tô falando, né?/ mas com isso você se prende, né?, mas na Inglaterra foi difícil, é

I: então o contato com o brasileiro tem te ajudado bastante?

R: hum-hum, muito, porque eu- eu sempre vi- via- venha pra cá?

I: vinha pra cá

R: vinha pra cá e aprendia muito e depois voltava pra Inglaterra e esque- esquecia, né?/ mas sempre quando eu volto, eu lembro tudo/ então eu lembrei mais e foi um bom espaço, sim

I: e agora que você tá aqui, e já tá morando há uns quatro meses aqui no Brasil?

R: ah, é, treze, três- três meses

I: três meses/ e... como é que você tem se sentido aqui?/ seja em relação à língua, seja em relação à cultura...?/ como tem sido, agora que você tá sozinha, morando, tá estudando na universidade...?/ você tá fazendo alguma matéria ou só o português para estrangeiro?

R: eu faço Literatura Brasileira e... o que mais.../ Cinema Documental/ e Literatura Portuguesa de Língua Africana/ só que eu não assisto este aula de, ahn, Língua Portuguesa, ahn, Africana, desculpa, Literatura Africana por causa de, por causa da horário, porque começa às 8 horas e eu- eu moro na Zona Leste, eu sei que você faz isso mas, eu não po- eu não consigo as- a- a- acordar às 5 e meia pra ir/ eu não- eu não consigo, então, na maioria das vezes eu não vou para este aula por causa disto/ porque na Inglaterra não é assim

I: e como é lá?

R: a- as aulas não começam na- aquela hora, oito horas, acho que mais, nove, nove e meia ou dez/ e, e se você tem que viajar muito/ na Inglaterra é melhor mudar pra mais, pra ficar mais perto, mas o governo ajuda com isso, né?/ então por isso todo mundo, quase todo mundo pode fazer isso/ então, mas, ahn, do que eu tava falando?

I: você tava falando da matéria de Africana

R: ah, isso, então eu não vou/ mas a Cinema Documental eu gosto muito e Literatura Brasileira também mas só que e- eu não, eu- eu tenho dificuldade de fazer as provas, né, em português/ ainda não... não tenho português suficiente, né, pra- pra escrever uma prova/ então, e- eu tento mas só que eu tenho que fazer trabalho de oito mil palavras para minha

faculdade na Inglaterra/ então é difícil saber como organizar meu tempo aqui que eu tenho assistir aulas em português na faculdade aqui na USP mas eu não tenho que passar nada/ então não tenho es- incentivo, muito incentivo, né? de fazer porque eu tô pensando sempre no meu trabalho, né? porque, mas é bom que meu trabalho eu escolhi o trabalho de três livros brasileiros que foram adaptados em, ahn, pra- pros filmes, entendeu?/ então, “A Hora da Estrela”, “Vidas Secas” e “Dona Flor e Seus Dois Maridos”/ é, então eu tô fazendo, então é brasi- é português mas eu tenho que escrever em inglês, então não me ajuda muito, né?/ mas eu tô tentando ler em português os livros, né?, e... assistir os filmes também mas, é, então, a faculdade é um pouco difícil, né?.../ ai... que mais

I: então tem uma relação entre o que você tá fazendo aqui que vai servir para você lá? / é um intercâmbio mesmo

R: sim, mas só com a língua portuguesa, com estudos europeus não/ é outra coisa, eles, eu vou continuar meu curso de, acabar, eu vou terminar meu curso disso depois assim, sem fazer nada disso, do Brasil, mas português, meu curso de português vai ajudar isso, muito

I: e quando você termina o curso lá?

R: quando eu terminei?

I: você já terminou?

R: não

I: você vai terminar/ quando você termina?

R: ahn, no ano que vem/ ó, eu volto na- em julho, né?, julho é verão pra Inglaterra, então julho, agosto- au- agosto e setembro eu vou, acho que é... outubro, eu vou começar de novo, outubro até dezembro depois ja- janeiro até julho/ então julho no ano- no ano 2008, deve ser

I: e você podia falar um pouquinho sobre a imagem do Brasil que você tinha quando você chegou aqui?/ se bem que você tinha treze anos, mas o que você tinha, o que você lembrava de Brasil quando você chegou aqui?

R: ah..., acho que foi uma vida muita- muita corrida- corrida?

I: uhm-hum

R: e complicada porque, mas é porque eu tô morando na zona leste com meus, minha tia, então eu tinha que viajar três- pega três metrô, depois ônibus pra rua Augusta, pra

faculdade, então foi- foi difícil, né?/ porque eu não tô acostumada disso porque a Inglaterra porque é tão pequena, né?/ e... eu tenho uma viagem assim, mas não tem tanta gente que eu não moro em Londres, né?, então não tem tanta gente, né?/ e.. também porque eu tava na Inglaterra dois- dois anos antes de.../ tava dois anos entre os meus passeios no Brasil- pro Brasil, entendeu?/ há dois me- dois anos que eu não ia pro Brasil, então, não vinha pra Brasil/ então- então eu estava com mais medo de- de São Paulo, né, de crime, que eu nunca tinha percebido antes nos meus, no Brasil, entendeu?/ então acho que eu tava um pouco preocupado com isso, né, tipo pe-pegando... ônibus e porque meu tio ele já foi assaltado muitas vezes mas ele tá aqui vinte anos e ele mora na- no Rio e no- em São Paulo também, ele foi/ mas então eu tava com medo e pô, hum, não estava muito tranqüilo é, quando eu- eu cheguei, mas agora, tá ótimo, ahn, mais tranqüilo, eu não percebo nada, nada

I: e você tem planos de ficar aqui até julho, voltar pra lá, terminar a faculdade e voltar pra cá ou você vai continuar lá?

R: acho que eu vou conti- continuar lá, talvez eu vou passar um pó- um tempinho no- no Portugal porque é mais fácil pra mim, ah, ganhar trabalho na- na- em Portugal/ não tenho que ahn, ganhar, ahn, pegar vista, entendeu?/ e.. também eu quero morar talvez uns seis meses, um ano em- na Itália porque eu aprendo, porque eu tô aqui, eu tô aprendendo italiano também na Inglaterra mas fora da minha- minha faculdade, entendeu?/ é, minha história, e eu tava entendendo mas só um pouquinho e agora nesta- no próximo semestre aqui eu quero estudar de novo/ então eu gostaria de- de passar um tempo lá, morando lá, trabalho- trabalhando lá pra- pra aprender a língua, é

I: e Portugal você quer ir pra...

R: Lisboa/ é porque acho que... eu nunca fui mas minhas amigas inglesas que estão fazendo o mesmo- o mesmo curso que eu né?, eles- eles tão morando lá porque você podia ir pra Portugal ou Brasil, mas eles já foram pro Brasil e... queriam ficar mais perto da família, coisa assim, então ficou na Europa e eles estão gostando muito, então acho que é uma cidade muito linda, mas eu nunca foi

I: e qual a imagem do Brasil que você tem hoje em dia, agora que você já mora e já tem contato com a cultura, com os falantes, com a língua?/ qual a imagem que você tem agora?

R: agora eu acho que... acho que os brasileiros são trabalhadores... demais, eu acho né, porque tipo como você se levanta 4 e meia/ acho que não, você nunca vai encontrar isso,

pouco, na Inglaterra, né?/ mas como você tem muitas pessoas aqui no Brasil, muitas, não é assim na Inglaterra, né?/ é mais, mais fácil pra gente fazer coisas, assim, então acho que são trabalhadores porque tipo eu volto da, por exemplo, Paulista, num bar no Paulista, eu volto de metrô [mudança do lado da fita] é, então, ahn, indo pro trabalho e com olhos vermelhos, né, porque são tão cansados e, acho que, é, acho que trabalho, eles trabalham demais e estudam também, talvez eles vão pra trabalhar e depois, ahn, desculpa, trabalhar e depois na noite vão estudar, faculdade, é como você/ então, isso não acontece muito na Inglaterra/ então acho que é... não é essa vida tão tranqüila que todo mundo fala, né?/ tipo, nos outros países, o povo acha 'ah, Brasil, ah você pode ficar devagar', acho que talvez é assim no nordeste, no norte, talvez né, Salvador, Bahia, não sei/ meu tio falou que é, tem gente que fala que é, mas aqui, nossa/ é, os paulistas que eu conheço sabe- fa- conhece- fala- falam que é... a vida em São Paulo é mais, muito, ou mais estressado, entendeu?/ a vida, então, é, assim e... que mais, eu gosto muito das pessoas aqui/ ahn, gosto da Brasil gosto de viajar, tem praias e lugares lindos/ tem praias também, né?/ no interior e... que mais... cultura, nossa, São Paulo é muito bom por isso, né?/ tem, ahn, festivais de cinema, música, ar-, ahn, arte, né, museus de arte, exi-, ahn, como é que é?, exposi-

I: exposições

R: exposi- exposições em muitos os lugares, ahn, alguma coisa tá acontecendo sempre, né?/ muito legal, muito legal e- e barato também porque é isso que talvez acontece em Londres, ou Birmingham, minha cidade, mas sempre tem que pagar muito, né?/ estudantes não ganha metade, né?, assim, então é muito legal por isso/ é peças também, muitas coisas variadas, né?, variadas, muito legal

I: e como você acha que é o papel da língua inglesa hoje?

R: inglês?

I: isso

R: ah... nossa, as pessoas dizem, né, que inglês tem que ser a língua do mundo/ mas eu não sei, acho que é muito importante só porque Estados Unidos é um país muito rico/ Inglaterra também/ mas estes países, né, são nações, é isso?/ são ricos e todo mundo precisa falar com eles, se comunicar com eles pra algum, um... motivo, né?/ se você quiser- se você quiser viajar, trabalhar, é melhor ter a língua inglesa, não é?/ então acho que é isso mas eu acho que é uma língua legal também para aprender/ eu acho que tem muitas coisas interessantes,

muito vo- vocabu- vocabulário/ não sei, eu acho interessante *phrasal verbs*, coisas assim/ eu acho que é, eu nunca pensei nisso só quando estou com uma pessoa tá aprendendo, você- você vê, eu viu, eu vi, como é minha língua e é... eu acho que é legal, né?/ não sei tem muitas-muitos jeitos pra falar muitas coisas né?/ mas ainda eu não- não encontrei muito disso em português/ acho que tem menos vocabulário também, um vocabulário menor do que inglês/ mas eu acho que eu vou aprendendo isso, né?/ mas ainda não aprendi muito assim/ é, então, ahn, o que é o papel?/ ah, acho que é muito importante, é inglês/ mas, pra- pra nós, falantes de inglês, né?, acho que é... é... é difí - é difícil porque, é difícil aprender outra língua porque todo mundo já fala inglês, né?, e pessoas acham talvez, ingleses, ah, ingleses, americanos não querem falar outra língua, blá-blá-blá, mas que língua eles vão- vão aprender?/ tem tantas línguas, né? português, espanhol, alemã, né?/ o que eles vão aprender e... e... como eu falei, a gente não aprende nossa língua própria, tipo, gramática e em detalhado, né?/ então é mais difícil pra aprender outras línguas e não tem, muitas pessoas não têm vontade porque, como eu falei, todo mundo já fala inglês, né?

I: e o que você acha das pessoas, por exemplo, os falantes de inglês que vêm ao Brasil e não aprendem a língua portuguesa?

R: eu acho estranho para morar, eles ficar, morar muito tempo/ é acho que meu tio conhece muitas pessoas assim/ ah, eu acho estranho porque eu acho que eu não conse- eu acho que eu não conseguiria fazer isso/ eles parecem que eles tão sur- tão surdos, né?, porque como você não pode aprender quando está ouvindo todo- sempre mas é, acho que é preguiçoso talvez/ mas de novo, como eu falei, e se todo mundo já fala, por quê, né?/ então, eu entendo mas, pra mim, eu não gosto porque eu sinto... ah, qual é a palavra?, ignorante, eu sinto assim/ não porque quando eu vou pra outros países é mesma coisa, eu- eu gostaria de aprender, né?/ tipo, eu quero morar na Itália e eu podia morar na Itália sem aprender nada, eu acho porque todo mundo fala inglês talvez, eu- eu conseguiria achar pessoas pra falar inglês, mas é, eu gostaria de- de aprender, né?/ mas, é, tem gente que não, né?/ então também com a idade é mais difícil e se a gente não aprende nossa língua própria, tipo, minha vó, ela não conseguiria aceitar este noção de, esta noção de gramática, coisas assim, porque ela não- nunca aprendia isso na vida dela e agora ela tem idade, né?, tipo de setenta e um pouco anos/ então seria impossível, então, é

I: e falando um pouco na sua família, você tem mantido contato com eles na Inglaterra?

R: se eu tá- tô- em contato com eles agora?/ sim, eles me ligam tipo, quantas vezes?, tipo, uma vez por semana, é minha família, minha mãe, me- meu pai, minha vó/ que minha vó veio, ah não, ahn, vem pra cá sempre, né?, mais do que eu ela tá aqui e então ela me liga e meu namorado me liga, é, tipo, uma vez por semana/ e e-mails com meus irmãos, meus amigos

I: e pra terminar, o papel da língua portuguesa/ qual você acha que é o papel do português hoje?

R: eu espero que esteja importante, né, porque agora que eu fa- eu tô aprendendo falar, eu quero fazer uma coisa com isso/ acho que, nossa eu não sei, acho que- acho que o Brasil está, a imagem do Brasil está melhorando, né, no- no mundo, tipo, ah, eles tão fazendo coisas boas, né, coisas que o resto do mundo tá percebendo, entendeu?/ tipo, os filmes, por exemplo, nossa, com “Cidade de Deus”, por exemplo, o- a- o mundo nunca- nunca percebeu, né, que o Brasil iria fazer um filme assim, mas é muito famoso no mundo inteiro, né, nos Estados Unidos, na Inglaterra, todo mundo gosta disso- deste filme, né?/ e pras turistas tá- tá virando mais fácil pra viajar pra cá, né?/ e... então acho que tá melhorando, então/ e tem Portugal também, mas eu nunca fui pra Portugal/ ahn, e tem- eles falam na África também, né?/ ah, então não sei, acho que é, acho que por causa do Brasil tá melhorando, tem empresas, né, ricas e importantes no mundo, então, vai ser a- um necessidade de falar português, eu acho/ não sei

I: e você tem mais alguma coisa a adicionar, seja sobre a língua portuguesa, sobre a cultura, sobre do Brasil, sobre São Paulo?

R: ah, não... acho que não/ só que eu gosto muito de morar aqui e... ahn/ eu-eu espero que muitas- mais pessoas vêm pra cá, né, pra ver como é porque não é aquela *third country*, *third world country*, né?, mais/ então mas eu acho que me- eu acho que melhora, né? com o- o pobreza- a pobreza, acho que isso melhora porque tem tantas problemas ainda, né?/ então só isso, eu- eu espero que melhore

I: então, é isso/ obrigada, Rhiannon

R: nada